

VULNERABILIDADE E RESILIÊNCIA FAMILIAR NA VISÃO DE
ADOLESCENTES MALTRATADAS

Clarissa De Antoni

Dissertação apresentada como exigência parcial
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia
sob orientação da
Prof^a. Dr^a. Sílvia Helena Koller

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento
Fevereiro 2000

...
*Desejo para você
paz e saúde
e que Deus lhe ajude
Para você cuidar dos seus
Para mim cuidar dos meus
Mas deixa os nossos sentimentos
Se entregar nesse momento
E viver
Amor*

(Trecho da música *Felicidades* do Grupo Soweto, escolhida e cantada pelo GFA no seu encerramento)

AGRADECIMENTOS

À minha amada família: Andressa (um anjo em minha vida!) e André (meu amor), aos meus pais (Cibilis e Maria Luiza) e irmãs (Cláudia e Carla) e a todos os que foram sendo incluídos: namorados(as), cunhados e sobrinhos(as), por me fazer sentir amada e incentivada em minhas decisões!

À Profª Drª Sílvia Helena Koller, pela orientação, incentivo e exemplo de profissional.

À equipe *Resiliência Familiar*: Aline M. R. Simões, Christiane Kammsetzer, Fábio R. da Costa, Vanessa S. Maurenente e, principalmente, à Carla Michele Martins e à Maria Elisa B. Ferronato pelas contribuições e auxílio a esta pesquisa.

Aos Professores(as): Dr. William Gomes, Dra. Adriana Wagner, Dra. Dinorah Fraga da Silva e a Lisa Fontes, Ph.D., pelas importantes contribuições ao Projeto de Pesquisa.

À Profª. Dra. Vera M. Kude pela disponibilidade, pelo apoio e pelas sugestões durante as supervisões sobre Análise de Conteúdo e a esta dissertação.

À Profª Drª Denise Bandeira pela disponibilidade em contribuir com este trabalho.

Aos professores e funcionários do PPG em Psicologia do Desenvolvimento pela compreensão e apoio neste meu momento de vida.

E aos colegas do CEP_Rua pelo apoio.

À equipe da Casa Suzana Wesley: Almira Aquino, Eunice Zimmermann e Leda Zanini por compartilharem de um trabalho que me exige conhecimento e maturidade e, às trezentas meninas que passaram pela Casa e que me despertaram para a necessidade de realizar o Mestrado.

À Marisa C. Muller, por me mostrar que era possível.

À instituição que me permitiu realizar a pesquisa e, sobretudo, às meninas que participaram dos grupos focais.

SUMÁRIO

	Página
Resumo	6
Abstract	7
Capítulo	
I INTRODUÇÃO	8
1.1 A Abordagem Ecológica.....	10
1.2 O adolescente e a Família.....	14
1.3 Vulnerabilidade e Resiliência Familiar	17
1.4 Os Maus Tratos na Família.....	22
1.5 A Abordagem Metodológica: O Grupo Focal	26
II MÉTODO	30
2.1 Participantes	30
2.2 Procedimentos Anteriores à Coleta dos Dados	32
2.3 Realização do Grupo Focal	34
2.4 Questões Éticas	35
III RESULTADOS E DISCUSSÃO	37
3.1 Grupo Focal A	40
3.1.1 Caracterização das Participantes	40
3.1.2 Aspectos Gerais da Dinâmica do Grupo	41
3.1.3 Análise de Conteúdo	44
a) Família	44
b) Indicadores de Risco	47
c) Indicadores de Proteção	55
d) Expectativas de Futuro	57
3.1.4 Discussão.....	58

3.2 Grupo Focal B.....	76
3.2.1 Caracterização das Participantes	76
3.2.2 Aspectos Gerais da Dinâmica do Grupo.....	77
3.2.3 Análise de Conteúdo.....	78
a) Família.....	79
b) Indicadores de Proteção.....	83
c) Indicadores de Risco.....	86
Expectativas de Futuro.....	98
3.2.4 Discussão	100
IV CONCLUSÃO.....	120
REFERÊNCIAS.....	126
ANEXOS.....	137
Anexo A Planejamento do Grupo Focal.....	137
Anexo B Ficha de Identificação.....	143
Anexo C Assentimento por Escrito.....	144
Anexo D Grupo Focal A – Segunda Sessão.....	145
Anexo E Cartaz sobre Família – GFA.....	160
Anexo F Cartaz sobre Indicadores – GFA.....	161
Anexo G Grupo Focal B – Primeira Sessão.....	162
Anexo H Cartaz sobre Família – GFB.....	177
Anexo I Cartaz sobre Indicadores – GFB.....	178

RESUMO

Este trabalho possibilitou conhecer a visão de adolescentes, que sofreram maus tratos na família, sobre os construtos vulnerabilidade e resiliência familiar, através do conceito de família, da identificação de indicadores de risco e de proteção intra e extrafamiliares e das suas expectativas de futuro. O método utilizado para coleta de dados foi o Grupo Focal. Foram realizados dois grupos com seis participantes cada, formado por adolescentes do sexo feminino de 12 a 17 anos abrigadas em uma instituição pública. Os dados foram interpretados pela Análise de Conteúdo. Cada grupo foi compreendido como um contexto ecológico diferente e portanto, analisados e discutidos separadamente. Conclui-se que há idealização do microssistema familiar e o predomínio e a severidade dos indicadores de risco sobre os de proteção, o que revela a vulnerabilidade destas famílias frente aos eventos de vida e/ou causadores de *stress*. Em contrapartida, as expectativas de futuro destas adolescentes e os momentos de *insight* promovidos pelo grupo apontam para a resiliência individual de algumas delas.

ABSTRACT

This study permitted to know the adolescent's viewpoint of family, adolescents who have suffered from family violence, regarding their vulnerability and family resilience. The method was the Focus Group, with two groups of six participants in each. Twelve female adolescents, 12 to 17 years old, who are living in public institution participated. The data was interpreted through analysis of content. Each group had its unique characteristics, therefore they were analyzed and discussed separately. The results revealed the idealization of the familial microsystem, and the severity of risk factors, which reveals the vulnerability of their families in their lives and stressful situations. In the other hand, the future expectations of these adolescents and the insight moments promoted by the group showed that some adolescents were resilient.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

Pesquisas em Psicologia do Desenvolvimento têm contemplado, nos últimos anos, estudos sobre a família. Estas pesquisas, em sua maioria, centram-se nos processos intrafamiliares das relações entre pais e filhos e como estas interações influenciam no desenvolvimento saudável da criança ou do adolescente (Brody, Stonemam & Flor, 1996; Emery & Forehand, 1996; Wampler, Halverson & Deal, 1996).

A abordagem ecológica do desenvolvimento humano amplia este enfoque ao compreender o desenvolvimento como uma relação dinâmica de interações entre o indivíduo e o seu meio ambiente, os quais estão sendo influenciados, mutuamente, pelos diversos contextos em que estão inseridos. Sendo assim, os processos intrafamiliares estão sob influência de outros ambientes externos ao seu núcleo (Bronfenbrenner, 1979/1996; 1986).

As práticas sociais, econômicas, de saúde e de segurança vigentes nos vários contextos nos quais a família se insere são exemplos da influência externa no ambiente familiar. Estas influências podem apresentar indicadores de risco e/ou de proteção para seus membros ou para a família como um todo (Bronfenbrenner, 1986). Os indicadores externos e internos desencadeiam comportamentos intrafamiliares que podem ser adaptados a esta realidade ou comprometer a saúde física e/ou emocional dos membros da família ou da família como um todo. O desemprego dos pais, por exemplo, ocasionado pela condição econômica do país, pode influenciar na relação com seus filhos, ou a incursão de um filho na adolescência pode gerar diversas reações na família. A família pode agir de forma hostil ou de apoio frente a estes acontecimentos (Steinberg, 1996).

Estudos atuais sobre situações de *stress* demonstram que os indicadores de risco para a família e seus membros são: nível sócio-econômico baixo, violência na vizinhança e/ou em casa, doença mental dos pais, conflito entre o casal, ausência de um dos pais, famílias numerosas, adolescência do(a) filho(a), entre outros (Fergusson & Lynskey, 1996; Garmezy, 1996; Hawley & DeHaan, 1996; Walsh, 1996).

O acúmulo de indicadores de risco pode tornar a família vulnerável, isto é, suscetível ao desequilíbrio e a comportamentos desadaptados. Portanto, as famílias vulneráveis possuem comportamentos ineficazes diante de situações de *stress* em relação à criança e ao adolescente, como a violência doméstica (Farinatti, 1997; Koller, 1999; Pires, 1999).

Por outro lado, nem sempre a presença de indicadores de risco desencadeia a vulnerabilidade. Algumas famílias, diante de eventos estressores, conseguem dispor de indicadores que funcionam como proteção, e encontram recursos suficientes para enfrentar a situação de forma satisfatória. Este comportamento adaptativo positivo é denominado de resiliência. Famílias resilientes auxiliam seus membros a enfrentarem situações de risco, tornando-os mais fortes frente à adversidade (Hawley & DeHaan, 1996; Luthar, 1991; Masten & Garmezy, 1985; Rutter, 1990; Walsh, 1996).

Muitas vezes, as crianças são vítimas do abuso emocional, físico e sexual e da negligência no contexto familiar (AMENCAR, 1999; De Antoni, Mesquita & Koller, 1998; Farinatti, 1997). E, ao experienciarem a fase de desenvolvimento marcada pela transição da infância para adolescência, sentem-se mais capazes de enfrentar esta situação de violência e buscam recursos diferenciados para amenizar ou resolver a situação. As crianças e adolescentes podem denunciar o agressor, defender-se dele ou saírem de casa (Fahlberg, 1996).

Para garantir os direitos legais, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA, Lei n.º 8.069, 1990) assegura que nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão. E, como medida de proteção, dependendo da situação de risco à qual estão expostos no seu meio familiar, os adolescentes são encaminhados pelo Conselho Tutelar para uma instituição por um tempo determinado. Através de orientação e apoio sócio-familiar, o jovem poderá retornar a sua família de origem. Porém, esgotados estes recursos, os adolescentes são encaminhados para uma família substituta ou são institucionalizados de forma permanente.

Diante da vivência de violência intrafamiliar e pelo fato de estarem institucionalizados provisoriamente, os adolescentes mantêm ou desenvolvem uma determinada visão sobre a sua família. Neste estudo, são investigados os processos de

vulnerabilidade e de resiliência familiar através da visão das adolescentes maltratadas. Isto é, qual é a visão sobre os indicadores de risco e de proteção intrafamiliares e extrafamiliares experienciados nas relações familiares no passado e atuais, bem como suas expectativas em relação à constituição de uma família no futuro.

Para tanto, é apresentado o modelo teórico da ecologia do desenvolvimento humano proposto por Bronfenbrenner (1979/1996; 1986; 1989; 1993; Bronfenbrenner & Morris, 1998), que discute as interações humanas através de núcleos de investigação (pessoa, processo, tempo e contexto), dos sistemas ecológicos e da transição ecológica. São abordados os aspectos relacionados ao adolescente e às relações familiares, ao desenvolvimento do construto de resiliência e de vulnerabilidade e aos tipos, causas e conseqüências dos maus tratos intrafamiliar, bem como a introdução sobre o método utilizado nesta pesquisa.

1.1 A Abordagem Ecológica

A abordagem ecológica do desenvolvimento humano proposta por Bronfenbrenner (1979/1996) é um modelo teórico-metodológico que privilegia o estudo contextual do desenvolvimento. Neste modelo, a ênfase está no conteúdo do que é percebido, desejado, temido, pensado ou adquirido como conhecimento pela pessoa, e como a natureza desse material psicológico muda em função da exposição e interação da mesma com o meio ambiente. Este modelo de pesquisa permite analisar as variações do processo do desenvolvimento e seus resultados juntamente com as características do ambiente e da pessoa (Bronfenbrenner, 1979/1996).

Por esta perspectiva, o desenvolvimento da criança/adolescente é compreendido através de um modelo que envolve quatro núcleos inter-relacionados dinamicamente: a pessoa, o processo, o contexto e o tempo. O desenvolvimento da pessoa é investigado através de suas características pessoais, psicológicas, biológicas e físicas. O processo é definido pela forma como a pessoa transita no seu desenvolvimento, como significa suas experiências e como interpreta seu ambiente, isto é, através dos papéis, atividades diárias e inter-relações. Bronfenbrenner e Morris (1998), recentemente, ampliaram este conceito, chamando de processo proximal a interação da pessoa com outras pessoas, contextos,

objetos e símbolos. Esse núcleo abrange formas particulares de interação entre a pessoa e o ambiente.

O tempo é analisado pelo seu caráter histórico-evolutivo. Bronfenbrenner (1979/1996) denominou de cronossistema a seqüência de eventos que constituem a história e as rotinas de uma pessoa. Funciona como um organizador social e emocional (Alves, 1999), que aponta para a estabilidade ou instabilidade dos eventos no ciclo vital ou diário. O cronossistema divide-se em: microtempo, mesotempo e macrotempo (Bronfenbrenner & Morris, 1998). O microtempo é analisado pela continuidade e descontinuidade dos episódios relativos ao processo proximal, ou seja, o tempo de reação das adolescentes, de interpretação dos eventos e de aprendizagem. O mesotempo é a periodicidade desses episódios através de intervalos amplos como os dias e as semanas, envolvendo as rotinas, o estabelecimento de organização disciplinar, a percepção dos limites, horários e regras de convivência. O macrotempo está centrado na história de vida da menina (e de todas as pessoas e contextos nos quais interage) e nas expectativas de mudanças e de ocorrência de eventos que possam ter influência no desenvolvimento durante o ciclo vital (De Antoni & Koller, 2000).

O contexto é a configuração ecológica de características e relações existentes entre os diversos sistemas (Bronfenbrenner, 1986; 1989; 1993; Bronfenbrenner & Morris, 1998). O conceito de “meio ambiente ecológico” ou contexto é importante para a compreensão deste referencial. O meio ambiente ecológico é formado por sistemas, como uma organização de encaixe de estruturas concêntricas, cada uma contida na seguinte e continente da anterior, denominadas de microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. Estes três últimos sistemas podem servir como fonte de influência externa na família (Bronfenbrenner 1979/1996; 1986).

O microssistema envolve as atividades, os papéis e um complexo de relações interpessoais *experienciadas* pela pessoa em desenvolvimento no seu ambiente mais próximo ou imediato. O termo *experienciado* é usado para indicar a maneira como a pessoa percebe as propriedades do ambiente, que vai além da sua propriedade objetiva (Bonnes & Secchiaroli, 1995; Bronfenbrenner, 1979/1996). De acordo com a abordagem ecológica, o curso do desenvolvimento pode ser influenciado pela inclusão de pessoas em distintos papéis no mesmo ambiente. Sendo assim, o papel assumido pelos participantes

de um determinado contexto possui um significado importante neste referencial teórico (Stefanello, 2000).

O papel social, para Bronfenbrenner (1979/1996), deve ser percebido como um conjunto de atividades e relações que se esperam da pessoa que ocupa uma determinada posição na sociedade, isto é, como deverá agir a pessoa e as outras pessoas em relação a ela. Portanto, estas expectativas sobre o comportamento podem influenciar o modo como uma pessoa se comporta em dada situação, as atividades das quais ela participa e as relações que se estabelecem entre essa pessoa e as outras que estão presentes no ambiente. Então, o papel que funciona como um elemento do microsistema, tem sua origem no macrosistema e na ideologia e estruturas institucionais que se associam a ele.

Neste estudo, a família é observada como uma unidade funcional, sendo assim, é um microsistema. A família possui um padrão de papéis, de atividades e de relacionamentos interfamiliares que são associados a determinados comportamentos e expectativas, de acordo com a sociedade em que está inserida. A abordagem ecológica possibilita conhecer a visão das adolescentes maltratadas sobre a sua família, no ambiente em que estão inseridas, isto é, na instituição.

O mesossistema inclui as inter-relações entre dois ou mais ambientes nos quais a pessoa/família em desenvolvimento participa ativamente, como por exemplo: as relações da família em casa, com a escola, com a vizinhança, no local de trabalho dos pais, na vida social. Ao investigar a pessoa, encontra-se na família o principal contexto do desenvolvimento humano. Contudo, os processos experienciados em diferentes contextos não são independentes entre si, por exemplo: a influência da família no desempenho escolar da criança e vice-versa (Bronfenbrenner, 1986; Garbarino, 1992).

O exossistema consiste em um ou mais ambientes nos quais a família não interage diretamente, mas nestes ambientes ocorrem eventos que, indiretamente, influenciam as relações familiares. Bronfenbrenner (1986) apontou para a importância de três exossistemas que exercem influência nos processos familiares: o trabalho (ênfase social do trabalho e a falta do mesmo – desemprego), a rede de apoio social e a comunidade. Pode-se exemplificar o exossistema pelas instituições que prestam serviço à comunidade, tais como: o Conselho Tutelar, a Promotoria da Infância e da Adolescência, as Secretarias

da Saúde do Município e do Estado, Organizações Governamentais ou Não Governamentais, entre outras.

O macrossistema é o sistema mais amplo, que abrange os demais. É composto pelo padrão global de ideologia e organização das instituições sociais comuns a uma determinada cultura ou subcultura (Bronfenbrenner, 1979/1996), por exemplo: a valorização da família enquanto instituição, os mecanismos de combate à violência psicossocial, a política econômica do país, entre outros.

Na abordagem ecológica, investigam-se as mudanças que ocorrem no contexto pelo papel desempenhado pela pessoa no seu cotidiano e as mudanças psicológicas que ocorrem com o passar dos anos. Mudança implica uma reorganização contínua ao longo do tempo e no espaço e são denominadas de transição ecológica ou transição de vida. Estas mudanças ocorrem todo o tempo, direta e indiretamente na pessoa/família e no meio ambiente. A transição ecológica ocorre sempre que a pessoa muda de contexto, tendo como resultado uma mudança de papel, de ambiente ou de ambos (Bronfenbrenner, 1979/1996).

São distinguidos dois tipos de transição: a normativa e a não normativa. A transição normativa relaciona-se aos eventos esperados, ocorridos no ciclo vital do indivíduo ou de uma população definida, tais como: o ingresso na escola, o início da puberdade e/ou adolescência, a prestação do serviço militar, o casamento, entre outros. A transição não normativa, por sua vez, refere-se aos acontecimentos inesperados, que causam *stress* individual ou familiar, e são descritos como eventos de risco, tais como: morte ou doença grave na família, divórcio, mudança de residência, guerra, desemprego, entre outros (Bronfenbrenner, 1979/1996; Cowan, 1991).

Estas transições podem ser compreendidas através do termo *processo*. O entendimento da transição, enquanto processo, resulta em uma reorganização qualitativa interna da pessoa e de seu comportamento manifesto. Para a mudança na vida da pessoa ser compreendida como transacional, deverá envolver uma alteração qualitativa em sua visão interna. Isto é, como a pessoa se compreende e o que sente sobre si e sobre o mundo, e como compreende seu comportamento através da reorganização dos níveis individual ou familiar: da competência pessoal, da distribuição de papéis e dos relacionamentos com pessoas significativas (Cowan, 1991).

Cada transição que ocorre durante o ciclo vital serve como impulso para as mudanças no desenvolvimento. Porém, uma transição pode produzir *stress* durante o período de adaptação, como a incursão de um filho na adolescência (Minuchin, 1982; Steinberg, 1996).

1.2 O Adolescente e a Família

Do ponto de vista ecológico, a adolescência é compreendida como uma transição normativa no ciclo vital, gerando alterações no microsistema familiar. O termo adolescência vem do latim *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), que significa a condição ou processo de crescimento. Adolescência também deriva do termo *adolescere*, do latim *adolescere*, que significa adoecer, enfermar. Esta contradição na origem do termo revela que a adolescência, como no anagrama chinês da palavra “crise”, composto por perigo e oportunidade, é uma fase de conflitos e aprendizagem. A adolescência é um período de transição da infância para a idade adulta e, por isso, envolve mudanças biológicas, psicológicas, sociais, de acordo com perspectivas culturais e históricas. É evidenciada pela passagem da puberdade para a maturidade sexual, pela mudança de papel social e pela formação ou busca da identidade (Baumrind, 1991; Cobb, 1992; Erikson, 1976; Outeiral, 1994; Steinberg, 1996).

Hill (1980) identificou três mudanças primárias e seis mudanças secundárias na fase de transição da infância para a adolescência. As mudanças primárias são: a) na transformação física, que envolve um reajustamento do indivíduo em relação ao seu corpo; b) de papel e das expectativas sociais; e, c) na cognição, que leva ao desenvolvimento de um pensamento mais complexo e abstrato. As mudanças secundárias são descritas como: a) mudança na relação de apego, portanto uma transformação nas relações familiares; b) autonomia com base na habilidade de tomar decisões independentes e, assim, proporcionar o aumento da responsabilidade sobre seus atos; c) descoberta da sexualidade que urge um posicionamento de gênero, preferências e desejos; d) necessidade de um sentimento de intimidade, que envolve afeto e sexualidade; e) identidade que requer uma definição sobre si mesmo; e, f) aquisição e conquistas vocacionais, educacionais, afetivas e de objetivos que envolvem escolhas mais realistas e com expectativas de futuro.

Da mesma forma, três importantes temas nos estudos sobre o adolescente foram identificadas por Compas, Hinden e Gerhardt (1995): o primeiro envolve um modelo integrado que inclui fatores psicológicos, biológicos, sociais e contextuais; o segundo, a identificação da trajetória do desenvolvimento do adolescente; e, por último, a investigação dos indicadores de risco e de proteção, que distinguem entre adaptação e desadaptação na trajetória do desenvolvimento do indivíduo frente à adversidade.

Com a adolescência, a família, que até então era o principal microsistema da pessoa em desenvolvimento, passa a dividir as atenções do adolescente com os outros contextos, tais como: a escola, os amigos, o lazer e o trabalho. A adolescência do(a) filho(a) permite verificar se a família é capaz de se adaptar às mudanças sociais e psicológicas decorrentes desta fase (Muuss, 1996; Steinberg, 1996). Os relacionamentos intrafamiliares diferem de uma família para outra, e essas diferenças têm conseqüências importantes no desenvolvimento do adolescente.

A definição do termo família tem por base conceitos advindos da Antropologia, da Sociologia e/ou da Psicologia. Berenstein (1988) relatou que, nas definições antropológicas, o foco de interesse está na estrutura das relações, isto é, o grau e a natureza do parentesco. A estrutura elementar de parentesco inclui três tipos de vínculos: o consangüíneo (entre irmãos), de aliança (marido e esposa) e de filiação (pais e filhos). O sistema de parentesco dispõe de dois subsistemas: o primeiro consiste em expressões de parentesco (pai, mãe, irmão, etc.) e o segundo inclui uma série de sentimentos que geram atitudes variadas que vão desde amor, carinho, afeição, até hostilidade e ressentimento.

As definições sociológicas centralizam-se na tipologia familiar, tais como: família nuclear ou de orientação (composta por pai, mãe, os irmãos e as irmãs), família de procriação (formada pela pessoa, seu marido/esposa, filhos), entre outras configurações. A família pode ser compreendida pelo ponto de vista do número de integrantes e da sua extensão, reorganizados depois de mortes, divórcios, novos casamentos, que determinam mudanças estruturais e ampliações ou modificações no tamanho e forma do grupo familiar (Berenstein, 1988). É representada, também, por um grupo de pessoas que funciona como uma unidade e é composto de todos aqueles que vivem sob o mesmo teto ou de um grupo de pessoas liderado por uma pessoa em comum (Ackerman, 1986).

As definições psicológicas descrevem o grupo familiar como um conjunto de relações. A família pode ser vista como totalidade ou como sistema. Laing (1983) enfatizou que o grupo familiar é formado por pessoas unidas por um parentesco e/ou por se considerarem integrantes da família. As relações caracterizam-se por influência recíproca direta, intensa e duradoura.

De acordo com Minuchin (1982), a família é um sistema aberto e em transformação, isto é, constantemente troca informações com o extrafamiliar. As ações de um indivíduo que vive numa família são governadas pela característica de um sistema em que os relacionamentos mudam diante das necessidades e das preocupações familiares e de acordo com a sociedade.

A família, enquanto sistema, busca manter a estabilidade e o senso de equilíbrio em seus relacionamentos. Esta estabilidade é ameaçada por mudanças, que fazem a família atravessar um período de desequilíbrio. Dependendo da situação, torna-se difícil enfrentar estas mudanças. Por exemplo: durante a infância, as funções e responsabilidades familiares são de nutrição, proteção e socialização. Com a entrada do(a) filho(a) na adolescência, os relacionamentos e o funcionamento da família mudam. Os adolescentes necessitam mais apoio e orientação do que o cuidado dedicado a eles anteriormente (Steinberg, 1996). Os relacionamentos tornam-se mais igualitários, acarretando um período de desequilíbrio na definição dos papéis e atividades (Cobb, 1992; Minuchin, 1982; Steinberg, 1996; Zamberlan, Camargo & Biasoli-Alves, 1997).

Por outro lado, os papéis tradicionais dos pais em uma família estão em processo de mudança. Atualmente, ocorre uma maior simetria nas relações intrafamiliares, embora persista o papel da mãe de criar e cuidar dos filhos, de dar afeto e de amenizar os conflitos, e o papel do pai, de sustentar financeiramente e repassar valores morais, educativos e de autoridade (Szymanski, 1998; Zamberlan, Camargo & Biasoli-Alves, 1997). O pai, segundo Pereira (1998), representa a conexão do filho com o mundo externo, pois permite o corte da relação entre mãe e filho, promovendo sua independência. E a função filial, para o casal, permite a diferenciação entre os membros da família através da criação de um terceiro espaço.

Szymanski (1992; 1994; 1997) pesquisou famílias brasileiras de baixa renda e constatou uma diferenciação entre dois modelos de família: a “pensada” e a “vívada”

(1992, p. 9; 1994, p. 35). Os papéis na família “pensada” emergem de um modelo idealizado da família nuclear burguesa onde predomina a estrutura do pai, mãe e filhos. Existe a união entre um homem e uma mulher, de forma definitiva, dentro de uma ordem estabelecida num contexto patriarcal, com expectativa do pai em ser o provedor material e a mãe a provedora afetiva, principalmente em relação aos filhos. Por sua vez, na família “vivida” apareceu uma multiplicidade de estruturas e formas de relação, mas com predomínio de uma proposta de uma ligação afetiva duradoura e de cuidado entre os adultos e destes para com as crianças e idosos. A família vivida não era valorizada pelos participantes da pesquisa, pois não estava de acordo com o modelo de família nuclear e, segundo as famílias pesquisadas, somente este era capaz de prover as condições necessárias para o desenvolvimento da criança.

Nas últimas décadas, têm ocorrido alterações na estrutura familiar devido ao aumento do número de divórcios (separações), à existência de pais solteiros, recasados ou adotivos, ao casamento tardio e aos filhos fora do matrimônio (Cobb, 1992; Szymanski, 1998; Zamberlan, Camargo & Biasoli-Alves, 1997). Estas alterações podem gerar *stress* para o adolescente, comprometer a qualidade nas relações entre pais e filhos, e colocar o jovem em situação de risco pessoal e/ou social (Cobb, 1992).

1.3 Vulnerabilidade e Resiliência Familiar

Os adolescentes e suas famílias experienciam situações de risco no seu cotidiano, causadas pela influência de indicadores intrafamiliares e extrafamiliares. Ao mesmo tempo, alguns indicadores podem servir de proteção para a família. As definições de risco e de proteção são importantes para a compreensão dos construtos de vulnerabilidade e resiliência familiar.

O termo risco tem sido utilizado, no campo da saúde mental, com o significado de estressor ou fator que predispõe a um resultado negativo ou indesejado. O risco poderá desencadear um distúrbio ou uma doença, de acordo com sua severidade, duração, frequência ou intensidade de um ou mais sintomas ou comportamentos (Cowan, Cowan & Schulz, 1996; Pianta & Walsh, 1996). Risco não é um termo estático, portanto, deve ser visto como um processo. Pode ser definido por suas implicações nas relações e

resultados específicos, isto é, qualquer variável pode agir como indicador de risco em uma determinada situação (Cowan, Cowan & Schulz, 1996).

Fatores sociais e comunitários, susceptibilidades biogenéticas, traços de personalidade e influência de pais e amigos são relacionados às causas individuais dos indicadores de risco (Lightfoot, 1997). Em relação à situação de risco para a família, as perdas econômicas ou viver na pobreza são as mais citadas (Cowan, Cowan & Schulz, 1996; Eckenrode & Gore, 1996; Steinberg, 1996). Além disso, Eckenrode e Gore (1996) afirmaram que pais com pouca educação, alcoólicos ou doentes mentais são vistos como potencializadores do risco para o desenvolvimento saudável da criança/adolescente.

Sudbrack (1996) identificou indicadores de risco no contexto familiar do adolescente: a violência doméstica, os padrões rígidos de disciplina e a falta de negociação com os adolescentes, o alcoolismo do pai, o desconhecimento sobre adolescência, a ausência dos pais e do adolescente no lar pela jornada de trabalho, a falta de orientação e controle, a falta de consciência sobre a importância da escolarização e a pressão para o trabalho infantil.

Por outro lado, os indicadores de proteção servem para reduzir o efeito do risco. Segundo Eckenrode e Gore (1996), os indicadores de proteção são, geralmente, classificados em dois grupos: fatores pessoais e recursos do ambiente. Os fatores pessoais são evidenciados pelo componente biológico, como a saúde física e o temperamento, e relacionadas às experiências com o meio ambiente social, como a auto-estima e a confiança. Os recursos do ambiente são demonstrados pelo poder aquisitivo ou pelo apoio social fornecido pela comunidade.

Garnezy (1996) constatou, em sua pesquisa sobre *stress* infantil, três conjuntos operando como indicadores de proteção: 1) as características de personalidade como autonomia, auto-estima e comportamento pró-social; 2) a coesão familiar e ausência de conflitos; e, 3) a existência de um sistema externo de apoio, isto é, uma rede de apoio social e afetiva. Wolin e Wolin (1993, citados por Hawley & DeHaan, 1996) concluíram que algumas crianças oriundas de famílias conflituosas conseguem enfrentar esta situação, se pelo menos desenvolverem uma das sete habilidades pessoais identificadas, pelos autores, como promotoras de resiliência, isto é, o *insight*, a independência, o relacionamento, a iniciativa, o humor, a criatividade e a moralidade.

Na família, a comunicação aberta entre pais e filhos é um indicador de proteção e contribui para o desenvolvimento saudável da criança e do adolescente. Os adolescentes que são estimulados a expressar suas próprias opiniões, em um contexto familiar amoroso e seguro, desenvolvem maior auto-estima e melhor qualidade de *coping* - habilidade para lidar com os problemas (Blechman, McNamara & Wills, 1996; Steinberg, 1996).

Sudbrack (1996) demonstrou que a família representa o primeiro espaço de proteção e afeto com o qual conta o adolescente. Além disso, identificou os indicadores de proteção no contexto de famílias de baixa renda, que são: a rede afetiva primária, o espaço privilegiado de proteção e influência educativa, a capacidade afetiva de acolhida por parte da mãe apesar das carências materiais, a disponibilidade para aprender a melhor lidar com os filhos, a motivação para participar de reuniões e grupos de ajuda, a cultura de solidariedade e ajuda recíproca na vizinhança/comunidade, a sensibilidade às dificuldades enfrentadas pelos filhos e a expectativa de ascensão social depositada nos filhos.

O senso de estabilidade e de permanência na família são indicadores de proteção capazes de promover a interação entre seus membros. O senso de estabilidade é identificado através da transmissão de um sentimento de segurança dos pais aos filhos, de que não haverá rupturas ou rompimentos nos relacionamentos mesmo diante de situações de *stress*. O senso de permanência é a percepção de que elementos centrais da experiência de vida são estáveis, isto é, mantêm-se organizados a partir de rotinas e rituais familiares (De Antoni, Medeiros, Hoppe & Koller, 1999).

Segundo Rutter (1987; 1990), os indicadores de risco e de proteção devem ser examinados dentro do contexto de vida da pessoa ou da família, pois um indicador de proteção pode se tornar um risco no futuro. Por exemplo: a mesma variável na mesma criança (como a timidez) pode funcionar como risco em relação a um resultado (depressão); neutro com respeito a outro resultado (aquisição de conhecimentos) ou indicador de proteção (ao evitar a delinquência). Para Baumrind (1991), o processo de individuação do adolescente pode ser um risco, pois o torna rebelde, opositor e resistente a opiniões divergentes. Porém, pode torná-lo mais capaz para enfrentar as situações de violência (De Antoni, Mesquita & Koller, 1998; Fahlberg, 1996). Durante a adolescência, o desenvolvimento normativo e saudável, como estabelecer uma rede de amigos como

parte da exploração do mundo fora de casa e, assim, excluir os pais, coexiste com comportamentos que podem envolver situações de risco. Sudbrack (1996) concluiu que nas famílias também coexistem indicadores de risco e de proteção, como, por exemplo, o desconhecimento sobre a adolescência e, ao mesmo tempo, a disponibilidade para aprender a lidar melhor com os filhos.

Para reduzir os efeitos do risco é necessário compreender as variações nas respostas individuais diante destes indicadores. A situação de risco pode ser modificada para produzir resultados positivos ou negativos, isto é, algumas pessoas/famílias enfrentam satisfatoriamente um problema e outras não (Pianta & Walsh, 1996). Se, diante de eventos de risco, um indivíduo desencadeia uma doença, pode ser identificado como vulnerável; porém, se consegue dominar a situação através de um comportamento adaptativo positivo, é resiliente (Garmezy, 1996; Rutter, 1987).

De acordo com Cowan, Cowan e Schulz (1996), a distinção entre os termos risco e vulnerabilidade, na prática, é difícil de realizar. Vulnerabilidade refere-se à susceptibilidade individual ou familiar de desenvolver um distúrbio ou desadaptação diante de um ou mais indicadores de risco. A vulnerabilidade opera somente quando o risco está presente; sem o risco, a vulnerabilidade não tem efeito.

Por outro lado, o construto resiliência foi descrito por Rutter (1990) como uma capacidade individual de superar as crises e a adversidade ou de recuperar-se delas. A resiliência é vista como uma característica do indivíduo. Walsh (1996) amplia este enfoque ao compreender a resiliência, de acordo com uma visão sistêmica, em contextos ecológicos e de desenvolvimento, como, por exemplo, a família.

A resiliência familiar abrange processos interativos que fortalecem a resiliência tanto individual quanto do grupo familiar. A família é entendida como uma unidade funcional que incrementa a resiliência em todos os seus membros. Para compreender o funcionamento de uma família - observando o contexto, o tempo e as condições de *stress*-devem ser levados em conta os desafios enfrentados, as limitações e os recursos. Os desafios estão inseridos como tensores nas transições normativas do ciclo de vida, tais como: o divórcio, a morte de um membro da família, as migrações, o desemprego ou a violência doméstica (Hawley & DeHaan, 1996; Walsh, 1996). O modo como cada família lida com esses desafios é crucial para a readaptação individual e familiar.

Portanto, Walsh (1996) definiu que a resiliência familiar é uma “resiliência relacional” (p. 262).

Hawley e DeHaan (1996) enfatizaram o crescente interesse no construto da resiliência no campo da família em geral. As pesquisas sobre resiliência familiar devem-se preocupar com a trajetória que a família exibe através de uma variedade de estressores dentro do ciclo de vida. Acrescentaram que, embora esta área de estudos ofereça potencial, ainda não surgiu uma operacionalização clara para definir a resiliência familiar.

Walsh (1996) afirmou que poucos estudos na literatura de resiliência investigaram as contribuições familiares para a resiliência individual. Os estudos estão centralizados no clima emocional familiar, isto é, na importância do afeto e do apoio emocional, da cordialidade e da clara definição em sua estrutura e limites.

O construto de resiliência familiar também abrange vulnerabilidade e poder regenerativo. Refere-se à habilidade para minimizar o impacto perturbador da situação estressora através de efeitos que influenciam as demandas e desenvolvem o encontro de recursos. Os elementos básicos para a resiliência familiar incluem o processo de coesão, flexibilidade, comunicação aberta, resolução de problemas e sistema de crenças firmes, bem como o apoio da comunidade ao prover segurança e estabilidade financeira, apoio social e o sentimento de estar conectado a uma rede de relacionamentos, religião e outros grupos afins. Otimismo e esperança em famílias que vivem na pobreza também são elementos da resiliência. Além disso, famílias resilientes são aquelas que, diante da adversidade, mostram flexibilidade na capacidade de adaptação com resultados produtivos para seu bem-estar (Hawley & DeHaan, 1996).

Uma das principais funções da família é apoiar seus membros. O apoio familiar, caracterizado pela comunicação efetiva, contribui para o *coping* eficaz e a competência em crianças e adolescentes (Blechman, McNamara & Wills, 1996; Minuchin, 1982). Nas famílias onde existe apoio emocional, o adolescente se sente acolhido. A comunicação incrementa sua auto-estima e valida a aceitação dos seus sentimentos. Isto é importante para o adolescente, pois ele sabe que os membros da família irão escutá-lo e fornecer orientação, o que permite lidar com suas emoções negativas. O apoio familiar auxilia o adolescente a estar integrado à comunidade, através da participação em grupos religiosos,

culturais ou esportivos. A família que apresenta apoio e habilidade de comunicação serve como modelo de atitudes e expectativas. O jovem aprende a ser otimista, através da observação de pessoas que são ativas e participantes na busca de soluções de problemas e nas discussões interpessoais. Em resumo, o apoio familiar é importante para o bem-estar do adolescente (Blechman, McNamara & Wills, 1996). Em contrapartida, quando há uma tendência dos pais em negar a existência dos problemas do adolescente, culpá-lo ou criticá-lo por estes problemas, o adolescente apresenta baixos níveis de bem-estar (Blechman, McNamara & Wills, 1996). Na pesquisa de Gore e Aseltine (1995), foi constatado que, em famílias onde ocorre apoio, mesmo que em níveis baixos, este é visto pelo adolescente como um fator de proteção.

Neste estudo, alguns indicadores de risco são identificados *a priori* como parte do contexto de vida das adolescentes, tais como: o nível sócio-econômico baixo das famílias, a violência evidenciada pelos maus tratos sofridos pela adolescente, a baixa escolaridade da adolescente e da família em geral e a institucionalização. Contudo, serão identificados outros indicadores de risco e de proteção que proporcionarão conhecer o processo de vulnerabilidade e de resiliência familiar experienciado pelas adolescentes maltratadas.

1.4 Os Maus Tratos na Família

A interação de um ou mais indicadores de risco pode favorecer o surgimento de comportamentos violentos no contexto familiar, como os maus tratos às crianças e aos adolescentes. Farinatti (1997) considerou “maus tratos” tudo que infringe sofrimento inútil, exagerado e não justificado. Os maus tratos sociais, impostos pela própria estrutura da sociedade, ocorrem nas relações intrafamiliares e nas institucionais. Os maus tratos são exercidos, geralmente, por adultos responsáveis pela segurança, supervisão e proteção da criança e do adolescente, e que falham nestas tarefas. O termo *abuso* é utilizado para definir a forma de violência contra a criança e o adolescente, repetida e intencional (Caminha, 1999). Os abusos podem ser classificados em físicos, emocionais e sexuais, além da negligência em relação ao cuidado e proteção. Cada tipo de maus tratos intrafamiliares desencadeia uma determinada reação, porém, freqüentemente

ocorre uma sobreposição e simultaneidade dessas categorias de abuso (Belsky, 1993; Caminha, 1999; Farinatti, Biazus & Leite, 1993).

O abuso físico é detectado quando há lesões orgânicas medicamente diagnosticáveis, tais como: lesões cutâneas, neurológicas, oculares e ósseas. Estas lesões podem ser provocadas por queimaduras, mordidas, tapas ou espancamento, ou atos de punição e perversão perpetrados por outras pessoas (Farinatti, 1997; Farinatti, Biazus, & Leite, 1993; Koller, 1999).

O abuso emocional ou psicológico é evidenciado pelo prejuízo à competência emocional da menina, isto é, a capacidade de amar os outros e de sentir-se bem a respeito de si mesma. São atos de hostilidade e agressividade que podem influenciar na motivação da menina, em sua auto-imagem e auto-estima. O abuso emocional dificilmente ocorre separado de outras formas de abuso. As formas apresentadas de abuso emocional envolvem: humilhação, degradação, rejeição, isolamento, terrorismo, corrupção, exploração e agressão verbal (Farinatti, Biazus & Leite, 1993; Koller, 1999).

Os abusos sexuais correspondem aos atos sexuais impostos a uma criança ou adolescente por um adulto que explora seu poder sobre ela/ele, sob a forma de assédio verbal, toques, de relações sexuais orais, anais ou genitais e de violação. No abuso sexual, as relações sexuais não estão sintonizadas com o nível de desenvolvimento da criança, a qual é incapaz de dar o seu consentimento (Farinatti, Biazus & Leite, 1993; Furniss, 1993). O abusador poderá envolver o(a) adolescente em situações de *voyerismo*, estupro, incesto e exploração sexual. A maioria das crianças abusadas sexualmente são meninas e o abusador é uma pessoa conhecida, isto é, são pais, padrastos, avós, tutores ou parentes próximos (Pires, 1999). O abuso sexual intrafamiliar inicia-se mais cedo, tem um período maior de duração e maior prejuízo emocional e físico para a criança do que o extrafamiliar (Farinatti, Biazus & Leite, 1993; Fischer & McDonald, 1998).

A negligência, segundo Farinatti (1997), é evidenciada pela falta da oferta de nutrientes e estímulos emocionais necessários à integridade física, intelectual, moral e social da criança, com prejuízo ao seu desenvolvimento e ao sentimento de bem-estar. O abandono é uma das mais graves formas de negligência, ocorrendo quando os pais biológicos ou adotivos declaram, publicamente, que não têm mais interesse na permanência da criança ou da adolescente em sua residência. Nestes casos, as crianças e

os(as) adolescentes são “entregues” ao Conselho Tutelar ou são, geralmente, encontradas dormindo na rua (De Antoni, Mesquita & Koller, 1998).

Os casos de abuso e negligência são, provavelmente, acompanhados por uma das três configurações: a continuação de um abuso iniciado na infância, a mudança no tipo de punição utilizado pelos pais e o abuso relatado no início da adolescência (Cobb, 1992). Em recente pesquisa realizada por uma organização não-governamental denominada AMENCAR (1999) na região metropolitana de Porto Alegre/Rio Grande do Sul, os dados revelam que a violência contra a criança e a adolescente ocorre na residência da mesma. O agressor identificado em sessenta e um vírgula seis por cento (61,6%) das notificações é o pai, a mãe, o padrasto ou a madrasta. O pai, isoladamente, é o agente agressor em vinte e cinco por cento (25%) das notificações feitas. As meninas constituem cinquenta e sete vírgula três por cento (57,3%) das vítimas de maus tratos anunciados oficialmente. Quanto mais próxima da idade da adolescência, maior é o risco de abuso sexual e de negligência para a menina.

Fahlberg (1996) relatou que o abuso em crianças parece ser o resultado de uma combinação de fatores dos indivíduos envolvidos, da família, da comunidade e da sociedade. A violência doméstica ocorre quando uma família é influenciada por fatores negativos que servem para aumentar o risco de abuso ou negligência, ao mesmo tempo em que é carente de indicadores de proteção.

A síndrome da criança maltratada tem como causa critérios diferenciados. Fahlberg (1996), Cicchetti e Toth (1995) e Farinatti (1997) citaram as variáveis relacionadas aos pais, tais como: características de personalidade, comportamentos desadaptados, doenças mentais, distúrbios emocionais variados como imaturidade, impulsividade, baixa auto-estima, além do alcoolismo e uso de drogas. As características específicas das mães que cometem abuso, além das citadas anteriormente, são: mãe adolescente no primeiro filho (imaturidade), mães com baixa empatia para as necessidades da criança, rigidez e inflexibilidade. No contexto familiar, aparecem o distúrbio de apego ou da interação triangular mãe-pai-criança, mãe ou pai solteiro, expectativas irrealistas sobre a criança e detentores de histórias de abuso em sua infância (Farinatti, Biazus & Leite, 1993; Sobsey, Randall & Parrila, 1997).

Os maus tratos são determinados por múltiplos fatores operando em diferentes níveis de análise. Belsky (1993) propôs uma análise do desenvolvimento e do contexto da ecologia dos maus tratos, levando em conta aspectos como: o desenvolvimento da criança/adolescente, dados demográficos, situacionais e culturais-históricos. A causa do mau trato também é enfatizada no contexto ecológico que evidencia a degradação do ambiente de vida e o isolamento social (Cicchetti & Toth, 1995; Farinatti, 1997).

Os indicadores de risco para crianças e adolescentes maltratados estão divididos em duas categorias: de potencialização, que aumentam a probabilidade do mau trato, e de compensação, que diminuem o risco. A vulnerabilidade permanente ou os desafios transitórios agem como potencializadores do mau trato. A vulnerabilidade permanente é evidenciada pela sua longa duração, pelas características dos pais, da criança ou do ambiente e pode ser de natureza biológica, histórica, sociológica e psicológica. Os desafios transitórios incluem condições e *stress* de curto período, tais como: perdas (de *status*, emprego, amor), lesões físicas ou doenças, dificuldades legais, problemas conjugais ou familiares, problemas de disciplina com as crianças ou a passagem da criança/adolescente por um determinado período de desenvolvimento. Em contrapartida, os fatores de proteção permanentes agem de forma compensatória e diminuem o risco do mau trato, por exemplo: a própria história dos pais de bom relacionamento pai-filho e uma qualidade e segurança na relação entre o casal (Cicchetti & Toth, 1995; Farinatti, Biazus & Leite, 1993).

Cicchetti e Toth (1995) demonstraram a necessidade de realizar pesquisas sobre as perspectivas da criança maltratada na relação familiar, enfatizando que as influências intra e extrafamiliares que mantêm o mau trato deveriam ser melhor compreendidas. Para estes autores, conhecer as necessidades concretas e imediatas das famílias promove o desenvolvimento de recursos familiares internos necessários para o funcionamento adaptado.

Neste estudo, são investigados os processos de vulnerabilidade e de resiliência familiar através da visão das adolescentes maltratadas. Isto é, o que identificam como indicadores de risco e de proteção intrafamiliares e extrafamiliares experienciados nas relações familiares no passado e atuais, bem como suas expectativas em relação à constituição de uma família no futuro. Este estudo visa a fornecer uma contribuição

teórica para subsidiar futuros programas de intervenção junto a estas adolescentes, suas famílias e educadores, com ênfase nos aspectos sadios ainda preservados na relação familiar e, sobretudo, na prevenção aos maus tratos.

1.5 A Abordagem Metodológica: O Grupo Focal

O método escolhido para realizar a coleta dos dados foi o Grupo Focal (Berg, 1995; Carey, 1994; Morgan 1993,1997). O Grupo Focal (GF) tem sido utilizado em pesquisas qualitativas com o objetivo de coletar dados através da interação grupal. Segundo Charlesworth e Rodwell (1997), o GF é, especialmente, utilizado em delineamento de pesquisas que consideram a visão dos participantes em relação a uma experiência ou a um evento. Busca-se obter a compreensão de seus participantes em relação a algum tema, através de suas próprias palavras e comportamentos. Os participantes descrevem, detalhadamente, suas experiências, o que pensam em relação a comportamentos, crenças, percepções e atitudes (Carey, 1994). O Grupo Focal promove *insight*, isto é, os participantes dão-se conta das crenças e atitudes que estão presentes em seus comportamentos e nos dos outros, do que pensam e aprenderam com as situações da vida, através da troca de experiências e opiniões entre os participantes (Carey, 1994; Charlesworth & Rodwell, 1997; Morgan, 1997; O'Brien, 1993).

O primeiro trabalho publicado que descreve uma entrevista em grupo foi em 1926 por Bogardus, sendo este modelo de entrevista um dos precursores do GF. Apenas na década de 40, o Grupo Focal foi estruturado por Robert Merton e colaboradores, que realizaram pesquisas sociais com soldados durante a II Guerra Mundial, cujo objetivo era conhecer a eficácia do material de treinamento para as tropas e o efeito de propagandas persuasivas. Em 1952, Thompson e Demerath estudaram os fatores que influenciam a produtividade nos grupos de trabalho, ao mesmo tempo em que Paul Lazarsfeld e outros adaptaram o Grupo Focal para pesquisas em Marketing (ver revisão histórica em Berg, 1995; Carey, 1994; Charlesworth & Rodwell, 1997; Deutsch & Krauss, 1989; Frey & Fontana, 1993; Morgan, 1997). Nos anos 90, esta metodologia está sendo utilizada em pesquisas qualitativas sobre saúde e comportamento de risco em crianças, adolescentes e adultos (Berg, 1995; Carey, 1994; Charlesworth & Rodwell, 1997; Crabtree, Yanoshik, Miller & O'Connor, 1993; Jarret, 1993; Morgan, 1997; Wolff, Knodel & Sittitrai, 1993).

O Grupo Focal foi definido por Morgan (1997) como uma técnica de pesquisa. É denominado grupo, por envolver mais de dois participantes, possuir sessões semi-estruturadas, um *setting* informal e um moderador que coordena e lidera as atividades e os participantes. O termo focal é designado pela proposta de coletar informações sobre um tópico específico.

Morgan (1997) citou três utilizações básicas para o Grupo Focal:

- Método independente que serve como a principal fonte de dados qualitativos, assim como a entrevista individual ou a observação participante. O uso do Grupo Focal (GF) requer uma cuidadosa combinação entre os objetivos da pesquisa e os dados que o GF pode produzir. O GF encabeça o delineamento da pesquisa.
- Fonte complementar de dados em estudos que dependem de outro método primário. Nesta forma, a discussão em grupo, freqüentemente, serve como uma fonte de dados preliminares em um estudo basicamente qualitativo. Por exemplo, pode ser usado para generalizar questionários de pesquisa ou para desenvolver a aplicação de programas de intervenção.
- Estudos com multimétodos, ou seja, os dados obtidos são adicionados aos dados colhidos através de outros métodos, tais como a entrevista individual e a observação participante.

Segundo O'Brien (1993), os Grupos Focais são eficientes na etapa de levantamento de dados, pois um número pequeno de grupos pode gerar um extenso número de idéias sobre as categorias dos itens necessários para o estudo desejado. A diferença entre GF e entrevista em grupo reside na interação do grupo. No GF, o pesquisador está envolvido na determinação e manutenção do tópico de discussão. Nas entrevistas em grupo, o pesquisador observa a espontaneidade com que os tópicos são discutidos, sem interferência. O GF possui uma estrutura organizada que pode incluir diferentes variações e uma identidade distinta, embora ocupe uma posição intermediária entre observação participante e entrevista semi-aberta (Morgan, 1997).

O GF auxilia o pesquisador a conhecer a linguagem que a população usa para descrever suas experiências, seus valores, os estilos de pensamento e o processo de comunicação. O GF é utilizado para investigar comportamentos complexos e motivações,

pois compara diferentes visões sobre o mesmo tópico (Carey, 1994; O'Brien, 1993; Morgan & Krueger, 1993).

Outra vantagem do grupo focal é que a dinâmica do grupo pode ser um fator sinérgico no fornecimento de informações (Berg, 1995; Carey, 1994, Morgan, 1997). O termo sinergia é usado para descrever o fenômeno que ocorre na união de duas ou mais forças que produzem um efeito maior do que a soma dos efeitos individuais (Bronfenbrenner, 1989). Portanto, as informações trazidas pelo participante são identificadas como dados do grupo, em função da sua dinâmica. Informações, confirmação ou refutação de crenças, argumentos, discussões e soluções escutadas e expressadas durante as sessões do grupo revelam o que o participante pensa e que resulta na compreensão coletiva sobre os temas discutidos (Berg, 1995).

A seleção dos participantes do Grupo Focal tem como base suas experiências em comum e relacionadas ao tópico da pesquisa. Certa homogeneidade dos participantes é importante para manter o diálogo. Esta homogeneidade está relacionada ao *status*, como ao nível sócio-econômico, idade, educação e características familiares (Carey, 1994; Charlesworth & Rodwell, 1996; Knodel, 1993; Morgan, 1997).

O número de participantes por grupo depende de quem são as pessoas e os tópicos trabalhados. Devem-se levar em conta a sensibilidade e a complexidade do tópico, habilidades, experiências, necessidades, expectativas e disponibilidade dos membros do grupo. Quanto maior a complexidade do tema, menor o número de participantes no grupo. O ideal é de cinco a dez pessoas por sessão. No grupo pequeno, de quatro a seis pessoas, cada membro tem maior oportunidade para falar, e isto facilita para o moderador no gerenciamento da dinâmica do grupo, no processo de informações e na atenção individualizada para cada participante (Carey, 1994; Charlesworth & Rodwell, 1996; Morgan, 1997).

O GF é coordenado por um moderador. O papel do moderador é o de conduzir o grupo e manter o foco da discussão no tópico da pesquisa. Uma das tarefas mais difíceis poderá ser ouvir as respostas, enquanto estimula os mais tímidos, quietos ou passivos a participar do grupo. Portanto, o moderador terá que ser hábil para desenvolver um eficiente *rapport* com o grupo. As características mais marcantes do moderador devem ser o bom humor, boa memória e flexibilidade (Krueger, 1993). O moderador faz o

mínimo de anotações durante a sessão, apenas dos tópicos a serem revistos. Estimula as respostas, mas deve ser disciplinado para ouvir sem colocar suas opiniões pessoais. Seu objetivo é o de coletar informações e não o de ensinar ou de corrigir os participantes. É tarefa do moderador estar atento aos comportamentos verbais e não verbais, que poderão ser utilizados na análise dos dados (Berg, 1995; Carey, 1994; Morgan, 1997).

Durante a realização do Grupo Focal, as sessões são gravadas em fitas cassetes. Além do moderador, pode-se incluir uma ou duas pessoas para apoiar a parte logística. Estes auxiliares são responsáveis pelas anotações dos comportamentos verbais e não verbais, pela operação do gravador e, posteriormente, pela transcrição dos dados gravados (Berg, 1995; Carey, 1994; Charlesworth & Rodwell, 1996).

A estruturação ou planejamento das sessões inclui o estudo do tópico da pesquisa e o desenvolvimento de questões de orientação. É necessário elaborar de três a cinco questões de orientação que guiarão as sessões. Estas questões serão utilizadas, posteriormente, para desenvolver temas ou categorias de análise dos dados. A qualidade do GF dependerá da qualidade das questões elaboradas. Na elaboração das questões de orientação é necessário explorar os tópicos da pesquisa e conhecer a cultura dos participantes, o que facilitará para o pesquisador a compreensão das contribuições dos membros do grupo e a investigação apropriada do tema durante a realização do grupo focal. Cada sessão possui em média de uma a duas horas de duração (Carey, 1994; Krueger, 1993; Morgan & Krueger, 1993; Morgan, 1997).

Neste estudo, o GF foi utilizado como método para coleta dos dados. A escolha por este método ocorreu pela possibilidade de investigar um tema complexo de forma dinâmica e interativa. Ao mesmo tempo, proporcionou às adolescentes participantes dos grupos, a oportunidade para trocarem experiências e exporem sua visão sobre o tema. Cabe ressaltar a relevância de se realizar um estudo com este método, que é pouco utilizado em pesquisas na área da saúde em nosso país.

CAPÍTULO II

MÉTODO

Este estudo utilizou o Grupo Focal como método de pesquisa. Sendo assim, possibilitou realizar um estudo exploratório com enfoque qualitativo no tratamento dos dados obtidos. Foram realizados dois grupos, identificados respectivamente por GFA e GFB. Os grupos foram realizados dentro das dependências de uma instituição que abriga adolescentes que possuem histórias de vida marcadas pelos maus tratos intrafamiliares. Neste capítulo são abordados os dados gerais do GFA e do GFB, os procedimentos anteriores adotados à coleta dos dados, os procedimentos utilizados na realização dos grupos focais e as questões e preocupações éticas envolvidas nesta pesquisa.

2.1 Participantes

Foram constituídos dois grupos focais, o GFA e o GFB, sendo que cada um contou com a participação de seis adolescentes do sexo feminino. Estas adolescentes sofreram um ou mais tipos de maus tratos no meio familiar. Os tipos de maus tratos referidos são: abuso físico, abuso sexual, abuso emocional e/ou negligência/abandono. Em função da intensidade e da gravidade dos maus tratos e/ou pela impossibilidade da família proteger as adolescentes do(s) agressor(es), estas foram encaminhadas pelo Conselho Tutelar ou pela Promotoria da Infância e da Adolescência para uma instituição de acolhida.

O tempo de permanência na instituição varia de acordo com cada situação, porém, frisa o ECA (1990) no Art. 101, parágrafo único: “O abrigo é medida provisória e excepcional, utilizável como forma de transição para família substituta, não implicando privação de liberdade”. Privilegiou-se, na seleção, as meninas que estivessem menos tempo na instituição. Portanto, as adolescentes deste estudo estão em média há quarenta e sete dias na instituição. Há o contato com os familiares através do recebimento de visitas na instituição ou da ida para casa aos fins-de-semana.

A família de origem é de nível sócio-econômico baixo, isto é, possui uma renda familiar mensal inferior a três salários mínimos. A instituição na qual estão abrigadas pertence ao governo estadual.

O GFA foi formado por adolescentes de treze a dezesseis anos, com a idade média de quatorze anos. A configuração familiar na qual cada menina residia anteriormente está estruturada da seguinte forma: quatro meninas residiam com a mãe, padrasto e irmãos; uma residia com pais biológicos e irmãos; e uma com a mãe e irmãos adotivos. O grau de escolaridade varia da quarta à sexta série do primeiro grau. Os tipos de maus tratos vivenciados foram variados e concomitantes, porém, como motivo da institucionalização foram encontrados: quatro casos de abuso físico, um de abuso sexual e um de abandono. Os agressores foram o pai, o padrasto, o namorado, os irmãos e a mãe adotiva. A média de tempo na instituição (desde o ingresso até a realização da primeira sessão do GF) é de aproximadamente sessenta e três dias, sendo que, o número mínimo encontrado neste grupo foi de vinte e o máximo de cento e vinte dias. A caracterização de cada participante aparece exposta no capítulo dos Resultados e Discussão, juntamente com os aspectos gerais relacionados à dinâmica do GFA.

O GFB foi formado por adolescentes de doze a dezessete anos, com a idade média de quatorze anos. A configuração familiar na qual cada menina residia anteriormente está estruturada da seguinte forma: uma menina residia com os pais biológicos e irmãos; uma com a mãe e irmãos; e quatro com os tios. O grau de escolaridade varia da segunda à oitava série do primeiro grau. Os tipos de maus tratos vivenciados foram variados e concomitantes, porém, como motivo da institucionalização, foram encontrados: três casos de abuso físico, um de abuso emocional, um de abuso sexual e um de abandono. Os agressores foram a mãe e o tio. O tempo médio de permanência na instituição é de aproximadamente vinte e nove dias, sendo que o número mínimo encontrado neste grupo foi de dezoito e o máximo de quarenta e cinco dias. A caracterização de cada participante aparece exposta no capítulo dos Resultados e Discussão, juntamente com os aspectos gerais relacionados à dinâmica do GFB.

2.2 Procedimentos Anteriores à Coleta dos Dados

Primeiramente, para estruturar o GF foi importante a elaboração do planejamento das sessões (Anexo A), que ocorreu durante a realização do projeto de pesquisa. Na elaboração do planejamento, foram necessários o estudo do tópico da pesquisa e o conhecimento sobre a população, isto é, a linguagem, costumes e comportamentos utilizados pelas adolescentes brasileiras que vivem em ambientes violentos. O planejamento incluiu a decisão a respeito do número de sessões (três) com base no tema a ser investigado: a visão das adolescentes sobre a família através do conceito e da configuração familiar, dos indicadores de risco e de proteção existentes na família e das expectativas de formação de uma família no futuro.

Diante deste tema, foram definidos os objetivos de cada sessão e elaboradas as questões de orientação. Cada sessão foi estruturada com um roteiro específico, onde constam os temas a serem investigados, os objetivos, quatro questões de orientação das doze formuladas e os procedimentos que envolvem as técnicas de dinâmica de grupo, a duração prevista para cada etapa e a avaliação da sessão. Foram elaboradas doze questões de orientação, sendo distribuídas quatro para cada sessão, assim dispostas:

- 01) Para o grupo, o que é uma família?
- 02) Quem faz parte de uma família?
- 03) Quais são as principais funções da sua família?
- 04) Quais são as principais funções do seu pai, da sua mãe, dos seus irmãos e as suas?
- 05) Como você vê sua família no passado?
- 06) Como você vê sua família atualmente?
- 07) Quais são os indicadores que favorecem a sua família a enfrentar os problemas?
- 08) Quais são os indicadores que aumentam os problemas existentes na sua família?
- 09) Fale de outros fatores que prejudicam o relacionamento da família e dos fatores que ajudam a família a atravessar momentos difíceis.
- 10) Como é uma família ideal?
- 11) O que você espera de uma família?
- 12) Como será sua família no futuro?

Para realizar a seleção das participantes, optou-se por uma instituição que mantivesse as características de um abrigo provisório e atendesse adolescentes que se encontrassem em situação de risco pessoal ocasionado ou intensificado pela sua própria família. O projeto de pesquisa foi encaminhado e apresentado aos responsáveis pela instituição, que analisaram a possibilidade da realização e o benefício advindo dos dados colhidos. Em seguida, mediante a aprovação da execução da pesquisa pela direção da instituição, foi realizado o contato com a direção do abrigo que acolhe meninas de 12 a 18 anos e foram realizadas duas reuniões para apresentação do projeto.

As participantes foram selecionadas através de uma indicação da diretoria e de acordo com o perfil desejado, isto é, tempo de ingresso mínimo na instituição, situação de abuso intrafamiliar e condições satisfatórias de saúde mental. A partir da seleção prévia, foi verificada a disponibilidade de horários de cada menina indicada, pois elas participam de diversas atividades, tais como: escola, cursos, atendimento médico, psicológico, social, entre outros.

Posteriormente, confirmados os nomes, foi realizado um encontro individual da pesquisadora com as adolescentes. Neste encontro, foram explicados o tema e o objetivo da pesquisa, os procedimentos adotados durante a realização do grupo, isto é, horário, número de sessões, como seria conduzido, a presença de auxiliares de pesquisa, a gravação, questões em relação ao sigilo das informações, a importância da participação em todas as sessões, entre outros aspectos. E, então, foi realizado o convite. Frente ao assentimento, foi preenchida a Ficha de Identificação (Anexo B) e assinado o Termo de Concordância (Anexo C). A ficha de identificação objetiva atualizar os dados bioecológicos sobre as participantes, tais como: idade, constituição familiar, profissão dos pais, breve histórico dos maus tratos, entre outros.

A participação de seis adolescentes em cada grupo segue a recomendação de Berg (1995) e Carey (1994) sobre o número ideal para formação do GF, isto é, que varia entre cinco e dez pessoas por sessão. Além disso, foi privilegiado este número em função da sensibilidade e da complexidade do tema da pesquisa e das experiências de vida. O GF com seis participantes favorece a cada uma das meninas maior oportunidade para falar e,

ao mesmo tempo, facilita a pesquisadora no gerenciamento da dinâmica do grupo, no processo de informações e na atenção individualizada para cada participante.

2.3 Realização do Grupo Focal

Os dois Grupos Focais foram coordenados por uma moderadora (pesquisadora) e acompanhados por dois auxiliares de pesquisa. O papel da moderadora foi conduzir o grupo e manter o foco da discussão no tópico da pesquisa. A moderadora não fez anotações durante a sessão e esteve atenta aos comportamentos verbais e não verbais.

As sessões foram gravadas em fitas cassetes. As auxiliares de pesquisa apoiaram a parte logística e foram responsáveis pelas anotações dos comportamentos verbais e não verbais, pela operação dos gravadores e, posteriormente, por uma parte da transcrição dos dados gravados.

Os grupos foram realizados em uma sala disponível da instituição, denominada Biblioteca. É uma sala de aproximadamente dezesseis metros quadrados, com cadeiras escolares para crianças e duas mesas que foram dispostas nas laterais para facilitar a formação de um círculo com sete cadeiras. A moderadora e as participantes do GF sentaram-se neste círculo de cadeiras. As auxiliares de pesquisa sentaram-se em posições opostas uma à outra, de frente para o grupo e fora do círculo. A sala é utilizada para leituras e para o reforço escolar. Há uma estante com poucos livros e revistas, uma caixa com sapatos velhos e uma pia não utilizável. Dentro da sala, há outra peça com divisórias de madeira onde funciona um pequeno banheiro. Nesta peça havia livros, pacotes e caixas de papelão. Na parede em frente à porta de entrada, encontra-se um cartaz do tamanho padrão, feito manualmente, com os dizeres: “Proibido Fumar” e em destaque um cigarro feito de papel.

Em suma, para este estudo foram realizados dois Grupos Focais com três sessões cada. A duração média de cada sessão foi de uma hora e trinta minutos. A sessão foi estruturada de acordo com o planejamento prévio (Anexo A) e contou com um *rapport* inicial, uma técnica de aquecimento, quatro questões de orientação que foram expostas de acordo com a discussão do grupo e uma avaliação final. O primeiro grupo foi identificado como GFA (Anexo D – segunda sessão), e o segundo, como GFB (Anexo G – primeira sessão).

2.4 Questões Éticas

Existem preocupações que devem ser consideradas em relação à utilização de um método de pesquisa como o grupo focal (Morgan, 1993), além das preocupações já existentes, oriundas da realização de pesquisas com crianças e adolescentes, principalmente em situação de risco pessoal e social. Estas preocupações ocorrem pelo fato destas crianças e adolescentes estarem expostas constantemente ao perigo (Hutz, 1999; Hutz & Koller, 1999).

No grupo focal, há uma preocupação relacionada ao tema proposto. Em primeiro lugar, porque a discussão de tópicos complexos e experienciados pelos participantes pode ocasionar uma situação de *stress*. E, em segundo lugar, torna-se importante considerar a vulnerabilidade dos participantes diante do tema, para evitar colocá-los em situação de risco, principalmente, quando envolve grupos estigmatizados (Morgan, 1997). Visando a amenizar esta situação, a moderadora conversou individualmente com cada participante com o intuito de clarificar o objetivo da pesquisa e os procedimentos adotados, e de conhecê-la melhor antes do início do GF.

Além disso, na primeira sessão foi estabelecido um contrato verbal com as participantes. Este contrato firma a concordância de todas em manter as informações trazidas no grupo em sigilo e respeitar as opiniões e os sentimentos de todos, indiscriminadamente. No *rapport* inicial das sessões seguintes foram retomadas as combinações firmadas no primeiro encontro.

Durante a realização do grupo, foram observados os comportamentos verbais e não verbais (choro, cabeça baixa, roer unhas, etc.), que surgiram durante a sessão e que poderiam evidenciar o mal-estar das participantes. Carey (1994) revelou que a moderadora tem a responsabilidade de monitorar e interceder, apropriadamente, quando as informações se tornarem muito particulares ou mobilizarem sentimentos desagradáveis. A preocupação com o bem-estar das participantes foi constante. Como também, o reforço em manter a confiabilidade do sigilo das informações trazidas.

Morgan (1997) sugeriu que a moderadora deveria se preocupar com os sentimentos das participantes durante a realização do grupo e, principalmente, antes do término da

sessão. Portanto, foi realizada uma avaliação verbal e informal nos momentos finais de cada sessão. Esta atitude permitiu às participantes exporem seus sentimentos, ao mesmo tempo em que as aliviou da ansiedade gerada pelo tema. Caso a participante confirmasse o seu sentimento de insatisfação ou mal-estar, estes sentimentos eram melhor investigados através de perguntas. E, então, a pesquisadora procurou buscar no grupo recursos suficientes para converter este sentimento, através de palavras de incentivo e do apoio emocional.

Outro aspecto ético diz respeito ao assentimento informado, tanto da instituição como das adolescentes participantes dos grupos. A instituição autorizou a participação das adolescentes na pesquisa mediante a apresentação do projeto, bem como a realização do GF em seu espaço físico. Cabe esclarecer que a instituição possui o termo de responsabilidade sobre a adolescente durante a permanência na mesma, não sendo necessário o consentimento da família. Além disso, caso a menina demonstrasse o desejo de não participar, foi assegurada a sua vontade (Hutz, 1999).

Mesmo com a autorização da instituição, foi solicitado o assentimento verbal e por escrito (Anexo C) da adolescente. Berg (1995) considerou importante o assentimento por escrito dos participantes, pois reforça o fato das informações serem confidenciais e de garantir a presença em todas as sessões. Segundo Carey (1994), o fato do indivíduo estar presente e participar do grupo já é, por si só, um consentimento, pois a eficácia do GF depende da participação ativa dos seus participantes.

CAPÍTULO III

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados obtidos através do grupo focal refletem idéias, sentimentos e experiências discutidas pelas participantes, com ênfase na noção coletiva que prevalece sobre os temas abordados e que formam um processo dinâmico e único. Os dados são distintos entre os dois grupos focais, pois cada um deles é uma configuração ecológica diferente do outro. Sendo assim, os dados são analisados em cada contexto particular e a comparação entre eles não é apropriada. Portanto, os resultados obtidos no GFA e no GFB foram analisados e serão apresentados separadamente.

Neste estudo, os dados obtidos nas sessões dos dois grupos focais foram submetidos à “análise de conteúdo”. Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A análise qualitativa do conteúdo dos grupos focais buscou verificar a presença ou a ausência de determinada característica ou conjunto de características existentes em um determinado fragmento da mensagem emitida pelas participantes do grupo.

O procedimento para a análise de conteúdo consistiu em três fases: a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados (inferência e interpretação). A pré-análise foi uma fase de organização, na qual a pesquisadora e sua equipe tomaram contato com o material a ser analisado através de uma leitura flutuante, isto é, uma leitura desprovida de alguma intenção, e do recorte do texto em unidades passíveis de serem categorizadas. Portanto, para realizar a pré-análise deste estudo, foram transcritas de forma literal e minuciosa as fitas cassetes gravadas nas sessões do GFA e do GFB. De acordo com os objetivos da pesquisa, e pela identificação das respostas às questões de orientação, foi possível criar categorias temáticas. Outros temas também foram identificados como pertencentes à dinâmica de cada GF, mas como não estão diretamente associados ao objetivo da pesquisa, foram apenas citados, por exemplo: a tentativa de fuga de uma das adolescentes entre as sessões do GFA.

A fase de exploração do material correspondeu à análise propriamente dita, pois exigiu a administração sistemática das categorias levantadas (Bardin, 1977). A categorização foi uma operação de classificação de elementos constituídos de um conjunto, por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento. Estes reagrupamentos foram realizados por analogia e com critérios previamente definidos. Segundo Bardin (1977), existem basicamente quatro critérios de categorização: o semântico, o sintático, o léxico e o expressivo. O critério de categorização adotado neste estudo foi o semântico, isto é, a formação de categorias temáticas, que consistiu em descobrir os *núcleos de sentido* que compõem a fala do grupo e cuja presença ou freqüência podem ter algum significado para o objetivo analítico escolhido.

Durante o processo de exploração do material, a pesquisadora e a sua equipe de pesquisa identificaram a direção das categorias, suas subcategorias, adicionaram e suprimiram categorias e suas subcategorias e identificaram outros temas. Em concordância com Bardin (1977), foi um trabalho exaustivo e longo, pois exigiu a reflexão e a discussão minuciosa e profunda acerca dos critérios que visam à boa qualidade da categoria, isto é, ter homogeneidade, pertinência, objetividade, exclusão mútua e produtividade.

A última fase da análise de conteúdo foi o tratamento dos dados obtidos e a interpretação dos mesmos. Esta fase envolveu a síntese e a seleção dos resultados, as inferências e a interpretação. A inferência, isto é, a dedução de maneira lógica dos dados fornecidos pelo grupo, permitiu complementar o entendimento sobre eles e forneceu subsídio para a interpretação dos resultados.

As frases ou diálogos utilizados para exemplificar as categorias foram retirados do grupo e transcritos literalmente. Visando a distinguir os exemplos do texto padrão, foi utilizado o recurso gráfico do uso de itálico e o espaço simples entre as linhas. Para identificar a fala e proteger a identidade da adolescente, optou-se em substituir o nome verídico por um número. Ao lado do número, está a letra A ou B, que identifica a qual grupo a menina pertence. A letra “A” corresponde ao GFA e a letra “B” ao GFB. No trecho onde é abordado um discurso individual, a identificação ocorre após o texto, por exemplo:

“...A gente não acredita em conselho de mãe. Se eu acreditasse no conselho da minha mãe, tudo que ela falava para mim, eu teria uma vida maravilhosa”. 3^A

Porém, no diálogo, as participantes são identificadas no início de cada sentença. Como demonstra o exemplo a seguir:

1^B – “ O meu sonho mesmo, se é que um dia vai se realizar, é ser advogada, mas eu acho que pra gente, se a gente tem estudo, nada é impossível! Mas um dia se eu não puder ser advogada, eu gostaria de ser psicóloga também, um dos dois. Eu vou lutar pra ser um dos dois, nem que pra isso eu me vire em dez. Eu quero, né? E acho que um sonho da gente não pode se apagar tão fácil.

6^B - Eu pretendo me formar por Direito, não sei, mas eu sou meio indecisa, me interesso muito por artesanato também (...).

4^B - Eu já quero ser famosa, quero ser atriz, não sei se vai ser possível.”

O GFA e o GFB foram analisados e serão apresentados, a seguir, separadamente. Cada grupo foi subdividido em quatro itens: caracterização das participantes, aspectos gerais da dinâmica do grupo, análise de conteúdo e discussão.

O item “caracterização das participantes” é composto pelos dados bioecológicos das mesmas, obtidos através da Ficha de Identificação (Anexo B) e o item “aspectos gerais da dinâmica do grupo” refere-se à forma de funcionamento do grupo. Estes dados foram descritos com o intuito demonstrativo sobre as características de cada grupo, porém não são objetos de estudo desta pesquisa.

A análise dos resultados aparece nos itens “análise de conteúdo” e “discussão”. No item “análise de conteúdo”, foram identificadas as categorias temáticas e suas respectivas subcategorias, juntamente com os exemplos extraídos dos discursos das participantes. No item “discussão”, ocorreram as interpretações das categorias, relacionando-as de forma dinâmica ao modelo ecológico de desenvolvimento humano e ao processo de vulnerabilidade e resiliência familiar.

3.1 Grupo Focal A

3.1.1 Caracterização das Participantes

As participantes do GFA são:

1^A - 14 anos, 6^a série, há 30 dias na instituição. Os pais residem juntos. O pai tem 32 anos, pedreiro. A mãe tem 32 anos, doméstica. A mãe está grávida do oitavo filho. A menina foi criada pela madrinha e residia há quatro anos com os pais e irmãos. Motivo de estar na instituição: Abuso físico do pai e exploração no tráfico de drogas pelos pais.

2^A - 14 anos, 4^a série, há 90 dias na instituição. Os pais são separados. O pai tem 32 anos, mecânico. Mãe, 38 anos, faxineira. Possui dez irmãos. Três por parte do pai e da mãe e sete por parte de mãe e padrasto. Residia com a mãe, o padrasto e os irmãos. Motivo: Abuso físico do padrasto.

3^A - 15 anos, 5^a série, há 20 dias na instituição. Os pais são separados. Não tem contato com o pai, foi criada pelo padrasto. A mãe tem 35 anos, faxineira. Possui quatro irmãos por parte de mãe. Residia com a mãe, padrasto e irmãos e estava temporariamente residindo na casa dos tios. Motivo: Abuso emocional da mãe e abuso físico do namorado.

4^A - 13 anos, 5^a série, há 90 dias na instituição. Os pais são separados. Não tem contato com o pai. Conheceu o pai e a avó no dia de início do grupo focal. A mãe tem 29 anos, desempregada. Possui quatro irmãos por parte de mãe. Residia com a mãe, padrasto e irmãos. Motivo: Abuso sexual do padrasto.

5^A - 13 anos, 4^a série, há 120 dias na instituição. Os pais eram separados. Não tem contato com o pai. A mãe faleceu em março de 1999. Possui três irmãos, sendo o mais velho com dezesseis anos. O padrasto está preso. Motivo: Abandono por parte dos irmãos e do pai.

6^A - 16 anos, 4^a série, há 30 dias na instituição. Pai falecido e mãe desconhecida. Residia com a família adotiva: a mãe com 38 anos, desempregada, e os sete irmãos. Motivo: Abuso físico e emocional da mãe adotiva. Durante o GF contou que tem um filho com um ano e meio.

3.1.2 Aspectos Gerais da Dinâmica do Grupo

Durante a realização do GFA, apareceram sentimentos e ocorreram situações intra e extra grupo que não estão relacionadas diretamente ao objetivo da pesquisa, porém são importantes para compreender a sua dinâmica. Portanto, estes aspectos serão comentados, com o intuito de situar o leitor no contexto do GFA.

O primeiro aspecto a ser salientado refere-se a alguns comportamentos das meninas durante as três sessões do GFA, isto é, ocorreram constantes interrupções à discussão, piadas, risos, atitudes de implicância entre elas e de ironia com relação à atividade proposta, como nesse exemplo ocorrido no final da terceira sessão: “*Bah, três dias família. A senhora (moderadora) ama família!*” 2^A. Este fato demonstrou certa dificuldade das adolescentes em se concentrarem na tarefa, e exigiu da moderadora habilidade para coordenar o grupo e manter o foco. Provavelmente, esta dificuldade esteja relacionada ao tema da pesquisa, isto é, a família, pois, em algumas ocasiões, as meninas verbalizaram o interesse em mudar de assunto. Este posicionamento aparece no seguinte diálogo no início da terceira sessão:

“4^A - *Ah, não! da minha família não!*

(todas juntas)

2^A - *Nós já falamos ontem...*

1^A - *É!*

Moderadora: Mas o nosso assunto é sobre família.

4^A - *Talvez um dia a senhora venha aqui e faça um tema diferente... Assim, “vida na rua”.*

(todas riem)

1^A - *Ah, a outra!*

2^A - *É.”*

O grupo demonstrou uma necessidade de reafirmar constantemente o sigilo sobre as informações trazidas, não apenas no *rapport* inicial de cada sessão, mas durante todos os momentos. As adolescentes manifestaram certo receio em que o grupo manipulasse essas

informações sobre conflitos e segredos de sua família. Mesmo assim, as participantes, ao se sentirem mais confiantes, demonstraram uma necessidade de falar sobre sua família e sobre si, como forma de desabafo e, portanto, revelaram questões particulares e sérias sobre sua família, como neste exemplo:

“5^A- *O que foi falado aqui, a gente viu que não ia sair daqui.*

1^A- *Nem os meus parentes, lá não sei da onde, sabem isso da minha família*

2^A- *Não, não. Não me leva a mal, eu não conto pra ninguém. Tem várias coisas que me contam e eu não falei pra ninguém!”*

Além disso, ocorreram duas situações peculiares ao grupo. Uma situação foi fomentada pelas gravuras das revistas, durante a técnica de colagem (Anexo E), na primeira sessão. As meninas começaram a comentar sobre as figuras e a imaginar as pessoas que estavam sendo retratadas como *se fossem* da sua família. Além das pessoas, citaram casas e outros bens materiais. O GFA escolheu figuras relacionadas a pessoas famosas, ricas e bem-sucedidas. Por exemplo: “*Faz de conta que o Sílvio Santos é o meu pai e o Bóris o meu avó*” 1^A. Porém, nem todas as gravuras foram colocadas no cartaz, muitas foram guardadas nos bolsos ou dentro das blusas.

Outra situação, ocorrida nos finais da primeira e segunda sessões, relaciona-se ao horário de término que colidia com o horário da novela *Chiquititas*. A novela trata da história de pré-adolescentes em um orfanato. Como no exemplo: “*Ô tia, eu posso lhe dizer uma coisa, ô C. (moderadora)? A senhora não pode perder hoje as Chiquititas! A Tati vai cair num baita dum riacho*” 5^A. As meninas reclamaram que iriam perder parte do capítulo e alegaram que era importante assistir à novela.

A forma imaginativa e criativa, como enfatizou Steinberg (1996), pode estar associada ao desenvolvimento cognitivo e emocional da fase inicial da adolescência, onde há uma sistematização do pensamento abstrato e do pensamento relacionado às possibilidades. Como também poderá demonstrar uma necessidade, provavelmente ocasionada pela situação dos maus tratos e da institucionalização, de amenizar o sofrimento através de atividades que as façam esquecer temporariamente sua situação: “*Quando a gente não tem uma infância legal, a gente tem mais que descontrair, olhar TV*” 2^A.

Situações extra grupo também ocorreram e influenciaram no desenvolvimento do GFA, por exemplo: o encontro que possibilitou 4^A conhecer o pai e a avó paterna e a

articulação e tentativa de fuga de 6^A da instituição. O encontro inesperado de 4^A com o pai e a avó, até então desconhecidos, horas antes da realização da primeira sessão do GFA, foi citado pela menina como um desejo realizado. No entanto, a tentativa de fuga da instituição de 6^A foi previamente planejada, mesmo antes da realização da primeira sessão do GF, e ocorreu na noite após a realização da segunda sessão. O plano de fuga contou com o auxílio de 1^A que já havia experienciado esta situação com êxito em outra ocasião. A menina 6^A revelou na primeira sessão que queria encontrar seu filho de um ano, fato este de desconhecimento da pesquisadora e da própria instituição. A revelação sobre a maternidade aparece quando a adolescente fala sobre seus desejos e aspirações.

Na segunda sessão, 6^A demora a chegar na recepção para a condução até a biblioteca e alega que estava saindo do banho. No grupo está inquieta, senta-se ao lado de 1^A que segura um pedaço de tecido. Durante os minutos iniciais, elas passam constantemente este pano uma para a outra. Após vinte minutos do início da sessão, 6^A pede para ir ao banheiro que fica dentro da biblioteca. Ao se levantar, arruma suas roupas e as outras meninas percebem que está com duas calças *jeans*, uma por cima da outra. A menina afirma que está com frio, entra no banheiro e demora alguns segundos. A sessão continuou sem outras particularidades. No início da terceira sessão, 6^A está sonolenta e pouco verbaliza. No meio da sessão pede para se retirar. A pesquisadora investiga os motivos do seu sono e as outras meninas contam que 6^A está medicada em função da sua tentativa de fuga na noite anterior. O fato é evidenciado nesta fala:

“6^A - Eu estou dormindo!

Moderadora: Por que tomaste esse remédio, 6^A?

Algumas: Porque ela é louca!

6^A - Quem é louca? (risos) Minha avó?!

Moderadora: O que é esse remédio? É um calmante?

6^A - É.

Moderadora: Por que tomaste?

3^A - Porque ontem...

6^A - Tá, não vamos entrar em detalhes.

3^A - Vamos entrar em detalhes sim. Tia, porque ontem ela tentou fugir e ficou aqui atrás desse pátio aqui, ó. Então, para ela não fazer mais isso, para ela não se machucar, como ela se machucou ontem, que eu tive que acalmar ela, se machucou, bateu com a cabeça, aí eu tive que acalmar ela, aí eles dão remédio. Eles dão remédio para ela ficar calma. E não vai tentar fugir de novo.”

3.1.3 Análise do Conteúdo

Através do levantamento dos dados obtidos no GFA, foram identificadas quatro categorias que estão relacionadas ao objetivo da pesquisa: Família, Indicadores de Risco, Indicadores de Proteção e Expectativas de Futuro. Estas categorias foram divididas em subcategorias, para facilitar a organização dos dados.

A categoria *Família* compreende três subcategorias: Configuração Familiar, Papéis e Inter-relações Familiares. A categoria *Indicadores de Risco* foi subdividida em: Violência Doméstica, Violência na Comunidade, Rejeição, Falta de Confiança, Segredo, Pessimismo, Doença, Drogas, Transição da Infância para Adolescência e Ausência da Rede de Apoio. A categoria *Indicadores de Proteção* foi dividida nas seguintes subcategorias: União, Confiança e Presença da Rede de Apoio. A categoria *Expectativas de Futuro* não foi dividida em subcategorias.

Neste primeiro momento, as categorias e suas respectivas subcategorias foram descritas e exemplificadas. Posteriormente, no subtítulo discussão serão analisadas e discutidas de forma dinâmica, integrando-as com o referencial teórico estudado.

a) Família

Família compreende os aspectos relacionados à visão das participantes do GFA sobre suas próprias famílias. Estes aspectos são: a configuração familiar, os papéis desempenhados pelos seus membros e a forma como ocorrem as inter-relações familiares. Essas respostas foram identificadas através das perguntas de orientação e pelo processo do grupo diante do tema família.

Configuração Familiar

A configuração familiar foi representada pelas pessoas que as adolescentes consideram como membros da sua família. De acordo com a percepção destas adolescentes, a família é composta por pessoas pelas quais as meninas nutrem sentimentos afetivos. Portanto, a configuração está vinculada mais ao sentimento de amor do que ao laço consanguíneo. Sendo assim, foram citadas as pessoas e não os papéis, e podem pertencer à família: os pais biológicos e/ou adotivos, padrastos, irmãos,

tios, avós, primos, madrinhas e amigos. Durante a realização da técnica de colagem na primeira sessão, a menina 6^A escreveu no cartaz (Anexo E): *“Família é estar com pessoas que nós amamos realmente. Não importa se é do nosso próprio sangue. Obrigada!”*. Outro exemplo aparece no seguinte diálogo:

“Moderadora – O que mais tem no cartaz? A 4^A colocou uma amiga. Os amigos também fazem parte da família?”

4^A - Aqueles que te ajudam, sim.

6^A - Não é só as do nosso sangue.”

Papéis

Os papéis estão relacionados às expectativas em relação ao desempenho de tarefas e atividades específicas de cada familiar. Segundo as jovens, o papel dos pais é de criar, dar carinho, conversar, ensinar coisas novas, dar atenção e ajudar. Não há distinção entre o papel do pai e o da mãe em relação às funções:

“Moderadora - Qual é a função da mãe?”

6^A - É a mesma do pai.

3^A - A mesma coisa do pai e o da mãe.”

Porém, há uma diferença na forma de interagir e de se relacionar com os filhos. A mãe é mais incisiva ao impor limites e ao cobrar comportamentos e atitudes, e o pai aparece como mais carinhoso e paciente em alguns casos, como neste exemplo:

“6^A - O pai é um pouco mais carinhoso. Um pouco mais carinhoso do que a mãe. Quando a gente tem dificuldades ele é mais carinhoso, claro, nem todos. A mãe já briga, já dá bronca, já xinga.

3^A - O pai sabe mais conversar, a mãe também sabe, só que o pai tem mais jeito.

6^A - Ainda mais quando a filha é mulher.

3^A - Ele te ouve, te aceita. Mãe já é mais...não quer que a gente saia.

2^A - Humm...Não quer que a gente use saia!

6^A - Tem vergonha da cara da gente!

3^A - É mais família. O pai senta do meu lado para conversar

2^A - Eu não acho que o meu pai seja assim

4^A - Nem eu!”

As meninas sugerem que o papel do irmão mais velho é de cuidado e proteção em relação aos irmãos menores. A amizade é a base da relação com os seus irmãos mais

velhos, porém, aparece certa dificuldade em estabelecer diálogo com os seus irmãos menores, quando estes são crianças, pois os interesses são diferentes. Há uma relação de poder dos irmãos mais velhos sobre os mais novos, que pode levar a situações de brigas ou de submissão. Como se constatou nesse diálogo:

“4^A- Eu acho que o meu papel de irmã mais velha e de irmã do meu irmão mais velho é não deixar eles entrarem nas drogas e nem no álcool, é a pior coisa que tem.

Moderadora –Concordam?

Todas: concordamos

2^A- A minha irmã é bem assim.

Moderadora – A tua irmã mais velha, 2^A?

2^A- É.

Moderadora – Os irmãos mais velhos têm diferença dos mais novos?

3^A- Têm. Só porque são mais velhos acham que têm o direito de mandar na gente. Querem dar ordens. Como a minha irmã. A gente se pegou a tapas. Agora ficou ruim, não quero voltar a ser amiga dela.

6^A- A minha irmãzinha, ela é mais nova. Eu não falo com ela até hoje. Ela tem quatorze e quer mandar em uma de dezessete.

(risos)

3^A- É porque tu és nanica!

6^A- E eu não aceito. Não falo com ela. Perdeu o cérebro.”

Em relação ao seu papel na família, as adolescentes o relacionam às tarefas domésticas, como cozinhar, lavar roupas, limpar a casa, etc. ou com o papel de cuidador, por exemplo, das crianças menores, da mãe doente ou da avó. Além da possibilidade de trocar afeto, isto é, amar e ser amada.

“Moderadora - Qual a função de vocês na família?

5^A- Nossa? É fazer comida.

4^A- Lavar roupa.

3^A- Ajudar.

5^A- Limpar os nenês.

3^A- Lavar roupa, lavar louça.

6^A- Esquentar a barriga no fogão e esfriar no tanque... e amar e ser amado.”

Inter-relações Familiares

A princípio, a partir do cartaz (Anexo E) elaborado na técnica de colagem, as adolescentes descreveram a família como um grupo de pessoas que se relacionam de forma unida e feliz, por exemplo: *“Eu escolhi um casal casando, a família reunida, eu*

com o meu namorado e feliz” 6^A. Porém, com a discussão do tema, as meninas se dão conta que as suas famílias são repletas de problemas e desavenças: “É, vamos ver as famílias aí e deixar os problemas. Vamos deixar os problemas e falar de outros problemas” 5^A. Portanto, aquela idéia inicial é logo substituída por uma visão que está de acordo com a realidade das suas inter-relações familiares:

“3^A- Na minha, a única coisa que tem é união, um pouco de afeto, um pouco de ajuda...

1^A - Nada mais!

3^A- Ajuda aos vizinhos e amizade, e a confiança que é...

(silêncio)

Moderadora: E a 5^A?

3^A- Tá tia, eu não terminei! Deixa eu ver, (lê no cartaz) do outro lado têm as drogas, brigas, diferenças entre irmãos, agressão moral, violência, pobreza, preconceito não.

1^A- Falta de dinheiro?

3^A- Iih! Isso não tem família que não tenha.

1^A- Tem, a família dos milionários.

3^A- É, o resto tudo tem.

5^A- Heim, Moderadora, não é todas as famílias, sabe. Por exemplo, tem até uma briga no meio, mas não tem tudo. Muitas sim, mas tem poucas que não tem, mas sempre tem uma briguinha.

6^A- Para mim, família que não tem uma briguinha não é família. Sempre tem uma guerra. (Todas riem)”

b) Indicadores de Risco

Diante da questão - Quais são os indicadores que aumentam os problemas existentes na sua família?- foram citados e escritos no cartaz (Anexo F) durante a discussão do tópico: drogas, brigas, diferença entre irmãos, violência, agressão moral, segredos, preconceito, falta de dinheiro, local onde vivemos, vários relacionamentos dos pais.

Na fala do GFA foram identificadas as seguintes subcategorias de risco: violência doméstica, violência na comunidade, rejeição, falta de confiança, segredo, ausência de rede de apoio, pessimismo, drogas, doenças e a transição da infância para a adolescência.

Violência Doméstica

A violência, para estas adolescentes, manifesta-se nas relações familiares através do abuso físico, emocional, sexual e do abandono. Os agressores citados pelas adolescentes foram: o pai, a mãe, o padrasto, a madrasta, o namorado ou os irmãos. O abuso físico é visto pelo GFA como algo ruim, que marca a infância de forma negativa e se estende até a adolescência. Deixa marcas pelo corpo, como hematomas, fraturas, etc., como demonstram os seguintes diálogos:

“Moderadora: Como era a infância de vocês?”

1^A- Pra mim era mal, porque... (2^A interrompe)

2^A- Mal, porque eu apanhava muito do meu padrasto!

3^A- Eu apanhava muito da minha mãe!”

“1^A-Quando eu entrei na X. (na instituição), eu entrei porque minha mãe tinha batido muito em mim, com roxos!

2^A- Hematomas!

1^A- É, com hematomas, manchas roxas por todo corpo. Minha mãe estava na polícia, ela estava fazendo tratamento e eu fugi e voltei para casa. Ai, depois disso, eu não queria voltar para casa. Porque eles me batiam muito, meu pai e minha mãe.”

O abuso emocional aparece de forma sutil, através de palavras de menos valia que visam a magoar o outro, como na frase: *“tu és um monstro”*, comentada pelo GFA. Observa-se que as meninas são abusadas emocionalmente, porém elas também se utilizam deste subterfúgio para agredir seus pais ou irmãos, quando não é possível usar a força física, como nesta fala:

“Agora, uma coisa eu sei, minha mãe não ganha de mim no bate boca. Não ganha porque eu sei medir as palavras. Depois eu falo e acabo machucando ela. E ela acaba parando.” 6^A

O abuso sexual aparece de forma velada e com sutileza. No entanto, é compreendido como algo prejudicial e muito ruim para a menina e para as relações familiares. Por exemplo:

“Deixa eu dar uma opinião. De tudo que se falou, a pior coisa que tem, é quando o padrasto tenta alguma coisa com a enteada. É péssimo, é ruim demais.” 4^A

Aparece, no GFA, a negligência da família diante da situação de institucionalização das meninas. A negligência é evidenciada pelo abandono e se refere ao descaso em relação à situação das meninas e ao não suprimento das necessidades de afeto, compreensão e apoio ocasionadas por este momento, como neste exemplo:

“Meu pai é tão bom, tão bom, mas ele não está comigo. Não veio me visitar aqui!” 2^A

O GFA compreende que a violência é uma repetição de um padrão de comportamento conhecido e vivenciado pelos pais durante a infância e a adolescência. Então, aparece nesta subcategoria como uma justificativa sobre a violência experienciada pelas meninas. Por exemplo, nesta frase:

“A minha mãe era uma revoltada, porque ela apanhava muito quando era criança. Agora ela quer tudo no tempo dela, ela não quer liberar.” 2^A

Violência na Comunidade

A violência na comunidade é identificada pelas ações dos moradores e policiais que causam medo às meninas e as colocam em risco de vida. Há, constantemente, o confronto entre policiais e traficantes, onde ocorrem troca de tiros, invasões de domicílio, revistas e prisões, além de assaltos, homicídios e outros tipos de crimes. Como exemplifica o diálogo abaixo:

“Moderadora- Vocês falaram antes da P., o que é? Um bairro?”

6^A- É. Uma vila

1^A-Em Porto Alegre é bem fácil de falar nela, porque ela já foi várias vezes como o bairro mais...mais...

3^A- Mais coisa de traficante!

6^A- É a boca dos traficantes!

1^A- E ali que entram pessoas que vendem roupas, coisas e saem mortas, por exemplo, quando eu morava ali diariamente morria três, quatro.

3^A- Agora que parou um pouco, porque também eu vivia na P., no C.

5^A- Viu, ela conhece o C., também. Quem morou na P. conhece o C.

3^A- Diariamente morre uma pessoa. Agora parou um pouco.

(...)

3^A- ...*Aí, uma vez, eu tinha ido lá para o C. Eu o X., o meu ex-namorado. Fomos para lá e ele foi preso. Eu estava com ele e ele vendia. Quando os homens (policiais) bateram lá, tia, eu corri. Peguei o ônibus. E ele foi preso. Eles (policiais) chegam atirando, não interessa quem está na rua.*

1^A-*Na P. geralmente não entra polícia. Não entra porque tem guri que ganha droga pra vender e até pra usar, só pra cuidar. Eles ficam na ponta da rocha. Logo que vem a polícia, eles dão grito, ou estão caminhando normal e gritam, sempre tem um!*

3^A- *Sempre tem um código.*

1^A- *Ou pretinho ou bolinha, qualquer coisa. Os PMs eles chamam de bolinha. Ai, os caras logo agarram as armas e vão se abaixando. Até um mês atrás, eu tinha ido morar com a minha avó, que tinha sido assaltada e levou uma facada aqui (aponta para a barriga) e perdeu um quilo. Tiraram o pulmão dela. Ai, eu fui morar com ela. Nós estávamos dormindo, quando um guri passou correndo e disse: '- Pula na casa!'. Minha avó ficou com medo e eu peguei, abri a porta e era um guri. Ela disse: 'Não fica perto que vai dar tiroteio'. Eles começaram a atirar, era um barulhão, acho que uma meia hora. Depois, no outro dia, às cinco horas da manhã começou de novo. Tinha três PMs aqui, mais três ali. Nenhum deles foi morto!*

6^A- *Uma coisa, eles (a polícia) nunca conseguiram passar um pente fino!"*

Rejeição

A subcategoria rejeição foi identificada pelo sentimento de ser preterida por parte dos pais em relação aos irmãos. Embora a rejeição seja uma das formas de abuso emocional, foi importante identificar como uma subcategoria, pela intensidade com que apareceu no GFA. Na visão das adolescentes, elas são as únicas entre os irmãos que se preocupam com o bem estar dos pais e não são valorizadas por isso. Consideram que, mesmo sendo semelhantes ou melhores para os seus pais do que seus irmãos, não recebem os mesmos bens materiais e/ou a mesma atenção, carinho e apoio, como demonstra a seguinte fala:

*"... Com a minha irmã, minha mãe sentava com ela, conversava. Ela conversava comigo. Só que eu sempre era a última. Acontecia alguma coisa com a família, ela falava primeiro com os meus irmãos. Eu sempre era a última a saber das coisas. *Aí, comprava roupa pra alguém, primeiro comprava para os meus irmãos e depois comprava pra mim. Eu sou sempre a última. Então eu sou muito revoltada por causa disso.*" 5^A*

A rejeição aparece, na visão das meninas, quando os pais não assumem a responsabilidade em relação à filha. O pai nega-se a assumir a paternidade da menina e a mãe a abandona. Como evidencia este exemplo:

“O meu (pai) disse: Eu não quero essa criança porque não é minha filha. É filha do T. Eu sei até o nome dele. Ai minha mãe pegou e me deixou no Hospital. A minha madrinha pegou e me levou para minha avó. E registrou no nome dela. Registrou no nome do meu avô e minha avó. Ele disse que não ia registrar uma criança que não era dele... Ele diz que não é meu pai. Tá, não é meu pai, então pega e me dá dinheiro e vou lá e marco o exame, nós vamos fazer o exame para ver se é ou não é. Até eu falei para as tias (monitoras da instituição) e elas disseram que o exame de DNA diz tudo.” 1^A

Falta de Confiança

A falta de confiança, para o GFA, está relacionada ao sentimento de não poder contar com aquela pessoa em todos os momentos. Como não há confiança, torna-se difícil falar sobre os seus sentimentos, suas idéias e aspirações. O diálogo torna-se raro e com base na cobrança. É prejudicada, principalmente, a relação entre mãe e filha. As meninas tentam estabelecer este vínculo de confiança, mas percebem que a mãe não retribui, então se estabelece uma relação com base na mentira ou omissão de fatos da vida das adolescentes. Por outro lado, as meninas não acreditam nos conselhos das mães e fazem exatamente ao contrário do que a mãe orientou. Como nos exemplos abaixo:

“A gente não consegue se abrir com a família.” 3^A

“O ruim é que a gente pode mentir e ela (mãe) acredita, mas quando a gente fala a verdade ela acha que é mentira.” 2^A

“Às vezes, a culpa é nossa porque a gente mente demais. A gente quer ter liberdade, a gente acaba inventando moda. Por exemplo a minha mãe, ela fala assim: Ah! Porque tu fazes as coisas escondida. Aí, eu falei para ela: Se tu deixasses fazer na tua frente, eu não teria porque fazer escondido. Se eu vou fazer na tua frente, logicamente eu que não vou fazer errado, agora nas tuas costas eu vou pisar na bola. Aí, ela concorda mas não deu o braço a torcer.” 6^A

Segredo

Para o GFA, o segredo está relacionado à manutenção de uma informação somente entre os membros da família. Portanto, pertencente apenas ao âmbito familiar. A divulgação desta informação poderá acarretar uma situação de risco para a menina ou para a família. As adolescentes compreendem como algo ruim, que causa prejuízo e que

as coloca em risco. Porém, sabem que o risco maior está nos maus tratos que receberão por parte da família, caso divulguem a informação.

1^A- Eu tinha esse monte de segredo com a minha mãe, só que eu nunca falei pra ninguém e eu nunca joguei na cara dela.

3^A- Por eu guardar o segredo para minha mãe é que eu me prejudiquei, sabia? Por dois anos eu estou guardando e até agora não falei pra ninguém, nem pra Psicóloga... que eu estou me prejudicando e eu vim parar aqui na X. (instituição).

Moderadora- Então o segredo é uma coisa ruim?!

3^A- É horrível.”

Pessimismo

O pessimismo, no GFA, aparece através da dificuldade em falar sobre os aspectos positivos vividos e a percepção restrita apenas ao sentimento de que não há algo de bom em sua vida no passado e no presente. As meninas não conseguiram contar situações ou histórias agradáveis ocorridas com sua família. O pessimismo é demonstrado nesta fala:

“...as coisas boas na minha vida, acho que eu não tenho nenhuma.” 6^A

Drogas

A experiência com as drogas aparece tanto em nível de consumo como de tráfico. As drogas citadas, pelo GFA, são: o álcool, maconha, cocaína e loló. Os usuários identificados pelas meninas são: os pais, irmãos, primos, namorados, amigos, conhecidos e a própria menina. O uso desencadeia uma reação de violência, que ocasiona medo, discussões, doença mental e/ou física ou até a morte. Por exemplo:

1^A- Só uma noite pra mim, eu tinha ido para a minha avó. Aí, eu estava no som, um guri pediu para mim e para uma amiga cheirar loló com ele. Ele disse que morava perto ...daí ela pegou e me deu e eu cheirei. Nós ficamos ali cheirando. Eu não sabia o que estava fazendo ali, na B. Eu tinha nove anos.

3^A- Que parte da B.?

1^A- Eu sei lá!. Só sei que eu cheirei. Entrei num carro com os amigos dela.

5^A- Iih ... boa coisa não aconteceu!

1^A- E depois eu não vi mais nada...só sei que no outro dia eu estava acordada deitada ao lado dela, com o lençol por cima, no sofá. Aí, eu me levantei e não me lembrei de nada. Eu saí na rua ele estava ali sentado, cheirando pó. Eu não sabia o que era. Aí eu cheguei em casa e não estava bem e nunca mais eu cheirei.”

Além disso, o uso de drogas ocasiona atitudes ilícitas, como o roubo, assalto e o próprio tráfico. E, em função do tráfico, as meninas expressam que estão expostas a situações de risco ao lidar com dinheiro, com a própria droga e com usuários e traficantes. Como nesta fala:

“Quer saber? É assim. A minha mãe e o meu pai há três meses atrás, a gente vendia drogas, maconha. E aí, ficava enterrado debaixo da casa. Assim, a minha mãe trabalhava, meu pai também e não tinha como cuidar. E ficava escondida no meio da nossa roupa, quando chegava comprador, a gente tinha que ir lá buscar. Quando a mãe saía, era eu, meu irmão, a minha irmã de dez anos, aí ela chamava eu ou ela pegava o dinheiro e mostrava como é que é. Só pegava o dinheiro e mostrava pra nós.” 1^A

Doenças

Nesta subcategoria, as adolescentes descrevem algumas doenças físicas e mentais que estão presentes em seus familiares, tais como a mãe, o pai e os primos, e que podem até levar a perda destas pessoas. As doenças citadas foram a AIDS, a tuberculose, o câncer e as fraturas ósseas. Como também aparecem as doenças psicossomáticas: alcoolismo, drogadição e a depressão.

“5^A - Aí, em maio, minha mãe faleceu... bem antes minha mãe começou a ficar doente, o problema da minha mãe era muito grave e não tinha mais como continuar!

3^A - O que ela tinha?

5^A - Câncer em todo o corpo. Seios, útero e tudo.”

Transição da Infância para a Adolescência

Esta subcategoria foi identificada pela associação, realizada pelas meninas, entre a entrada na sua adolescência e as diversas situações que geram problemas familiares, tais como: faltar a aula, ficar mais tempo na rua, experimentar drogas ou mentir. Portanto, as mudanças comportamentais e biológicas ocorridas neste período de transição são compreendidas pelas meninas do GFA como risco por ocasionar conflitos familiares. As mudanças biológicas desencadeiam um maior interesse sexual do sexo oposto, e as

comportamentais levam a jovem a freqüentar outros ambientes, tais como a rua, o “som” e a casa de amigos. Como nos exemplos a seguir:

“Eu tinha oito, nove anos de idade, minha mãe deixava eu sair, eu ia no supermercado para ela. Só que depois dos dez mudou tudo...aí comecei a sair pra rua, matar aula, comecei a criar problemas dentro de casa. Mas até os dez anos tava bem.” 4^A

“Muda que os caras começam a cuidar mais ...começa a botar corpo, ficando mais sexy.” 6^A

Ausência de Rede de Apoio

A ausência de rede de apoio compreende a falta de pessoas, de instituições e de um sistema governamental político e social que venham a suprir as necessidades das meninas e a amenizar a sua situação de risco. As meninas identificaram como ausentes em sua rede: determinadas pessoas da sua família, o Conselho Tutelar, o órgão de segurança pública e a instituição em que estão abrigadas. O Conselho Tutelar é mencionado apenas na fala descrita a seguir, que também exemplifica a ausência da rede familiar:

“O meu tio me enganou dizendo que não iria acontecer nada comigo e o meu Conselheiro (tutelar) ia falar comigo. Então, me trouxeram para cá e até hoje nada..” 3^A

As meninas compreendem que a polícia não as protege, pelo contrário, as coloca em situação de perigo:

“...eles (policiais) chegam atirando, não interessa quem está na rua” 3^A.

Em relação à instituição, apareceram quatro indicadores de risco para a menina:

- 1) o preconceito da sociedade, por estarem abrigadas nesta instituição específica, exemplo: *“Também tem muita gente que tem preconceito pela gente que está na X. (instituição)” 2^A;*
- 2) a sua privação de liberdade, embora algumas meninas possam freqüentar a escola e outras atividades fora da instituição, por exemplo: *“Dá vontade de correr, sair por aí... tu olhas para um lado é parede, olhas para o outro lado é muro, olhas para outro é quadradinho! Pára!” 6^A;*

- 3) as brigas entre as meninas, como no exemplo ocorrido no GFA: “*Eu não estou de pegação, eu estou falando sério. Ôo, 1^A, eu amasso isso e faço tu comer! 5^A*”; e,
- 4) o manejo da instituição em relação a situações adversas como drogas e fugas, como ocorreu com a menina 6^A.

c) Indicadores de Proteção

A categoria Indicadores de Proteção foi identificada frente aos debates surgidos durante o processo do grupo e, principalmente, em resposta à questão: “O que ajuda a família a enfrentar seus problemas?”. Esta categoria está relacionada aos recursos intra ou extrafamiliares, existentes no meio familiar, que auxiliam seus membros ou a família como um todo a enfrentarem de forma satisfatória suas dificuldades, de acordo com a percepção dessas adolescentes. As meninas citaram e escreveram no cartaz (Anexo F): união, amor, afeto, ajuda, diálogo, confiança, ajuda dos vizinhos e amizade. Porém, na fala das adolescentes do GFA, foram identificadas apenas três subcategorias: união, confiança e a presença de rede de apoio social e afetiva.

União

A união é citada pelo grupo como algo que auxilia a família a enfrentar suas dificuldades. A união está relacionada ao afeto e à ajuda mútua. As adolescentes entendem que a família deveria proporcionar aos seus membros um espaço para reunião e debate sobre os problemas tanto individuais como familiares e, assim, buscarem em conjunto alternativas para resolução da situação. Como neste diálogo:

“3^A- *Família é para ser unida. Quando tiver um problema todos se reunirem.*

1^A- *E se ajudarem.*

3^A- *Ajudarem uns aos outros. Eu conheço uma família que é assim: a do meu tio.”*

Confiança

A confiança está associada à capacidade de estabelecer um vínculo estável, com base em uma crença de verdade e vinculado a uma comunicação aberta. Para as adolescentes, o diálogo se estabelece a partir de um sentimento de confiança. Durante o desenvolvimento do grupo, a confiança apareceu como uma forma da família aceitar, proteger e acolher a adolescente: *“A minha mãe sempre acreditou em mim”* 5^A.

Presença de Rede de Apoio

Na visão destas adolescentes, a rede de apoio é formada pela família, pela vizinhança e pela instituição na qual estão abrigadas temporariamente. Na família, a rede de apoio é identificada pelas pessoas que, em algum momento de suas vidas, desempenharam a tarefa de cuidado, provendo suas necessidades tanto de sobrevivência (por exemplo, a alimentação) como de incentivo e acolhida. As pessoas citadas são os avós, tios e padrinhos: *“...assim como o meu problema, ele (o tio) reuniu todo mundo na casa da minha tia e contou para mim. Até agora ele está tentando resolver”* 3^A. Não foram citados os pais e irmãos.

Na percepção das meninas, a vizinhança aparece também como pertencendo à rede de apoio, apesar do risco existente. Isto ocorre, principalmente, em comunidades onde a prática do tráfico de drogas é usual. A relação é estabelecida através da troca de trabalho da família (tráfico) por segurança e por bens materiais necessários para a sobrevivência. A segurança e os bens materiais são fornecidos pelo “patrão”, que é o traficante que comanda as operações ilícitas na comunidade.

“1^A- ...uma doação da festa na P. (vila). Eles usam drogas, mas eles ajudam a comunidade. Eles juntam o dinheiro e de repente, compram drogas e compram brinquedos, roupas, chicletes e fazem festa para as crianças ali na P. mesmo.

Moderadora - Então, ao mesmo tempo que o local que se vive é uma coisa ruim, a ajuda dos vizinhos é uma coisa boa...

1^A- Foi ali que a minha mãe comprou roupa para o bebê, foi ali que eu ganhei minha bicicleta, foi ali que eu conheci mais pessoas na minha vida.”

A instituição, por sua vez, aparece na fala das meninas comparada ao sistema familiar, que possibilita repensar atitudes, como respeitar e compartilhar problemas. O diálogo abaixo exemplifica a visão da instituição como indicador de proteção:

3^A - É família tia, aqui dentro da X. (instituição) a gente tem uma família.

2^A - Todas nós somos irmãs. Só que nenhuma, quase, respeita a outra.

5^A - Não é bem assim.

1^A - Não é bem assim também.”

d) Expectativas do Futuro

Foram categorizadas as respostas referentes ao questionamento sobre as “coisas boas que gostaria que acontecessem contigo” e “se gostaria de constituir uma família no futuro”. A expectativa de futuro aparece a curto e a médio prazos. As relacionadas a um futuro imediato revelam o desejo de retornar para a família e/ou sair da instituição. As expectativas relacionadas a sua vida adulta incluem casamento, profissão, mudança da vizinhança, possuir bens materiais, tais como: casa, carro, ter conforto. Há expectativa em um relacionamento amoroso, em que as características do parceiro envolvam atributos físicos, como beleza; morais, como sinceridade e fidelidade; e emocionais, como ser carinhoso. Não casar também aparece como resposta. O casamento pode ou não gerar filhos. Porém, as meninas enfatizam a questão de não repetir nos filhos os maus tratos experienciados por elas, como no exemplo a seguir:

3^A - Tá tia, eu falo. O meu sonho ... Ah, guria pára de rir (fala para 1^A) O meu sonho é casar, ter um filho ou dois, mais não. Ter a minha casa, não aqui, né, aqui onde eu moro não, bem longe. Uma casa bonita, grande. Um namorado bonito, fiel... amoroso, bem maior que eu, bem mais velho...Eu quero que seja feliz, né, meus filhos. Não quero que eles passem o que eu estou passando hoje e o que eu passei. (risos)

5^A - Não quero passar para os meus filhos o que eu passei é ótimo! (rindo)

3^A - Sim, o sofrimento.

5^A - Então fala: ‘Não quero que os meus filhos passem o que eu passei’ (risos).”

Cabe ressaltar a presença da resposta relacionada a não ter expectativas no futuro. O que evidencia a falta de perspectivas e planejamento sobre a sua vida: “*Eu não tenho sonho, eu não espero nada do futuro, eu não sei o que vem pela frente...*” *4^A*

3.1.4 Discussão

O método aplicado forneceu dados para a realização de uma análise qualitativa, através da identificação das categorias de sentido presentes na fala do GFA. As categorias são discutidas visando à integração e à compreensão dos dados. A análise qualitativa possibilita a discussão da síntese dos resultados, das inferências e da interpretação, com base no modelo ecológico do desenvolvimento humano, proposto por Bronfenbrenner (1979/1996; 1986; 1989; 1993; Bronfenbrenner & Morris, 1998) e complementado por estudos atuais sobre família, vulnerabilidade e resiliência (Berenstein, 1988; Garnezy, 1996; Hawley & DeHaan, 1996; Rutter, 1987,1990; Walsh, 1996; entre outros).

Família

O tema central da pesquisa, que gerou a discussão do GFA, está relacionado aos aspectos que envolvem a compreensão sobre as suas relações familiares. Nos comentários das adolescentes foi identificada e entendida a sua visão em relação à configuração familiar (quem faz parte), às atribuições desempenhadas nos papéis (pai, mãe, irmão e filha) e à forma como se estabelecem as inter-relações familiares.

O microsistema familiar, para o GFA, é formado pelas pessoas com as quais as adolescentes mantêm uma relação próxima, duradoura, significativa e com afetividade. Estas adolescentes valorizam as formas de interação com base nas relações de amizade, onde prevalecem a afinidade e a responsabilidade sobre o cuidado entre os membros que compõem a família, isto é, a criação. E, para o GFA: *“criar é dar amor”*. O laço de consangüinidade não é valorizado por essas adolescentes, como neste exemplo: *“...não adianta colocar no mundo e não dar colo, enquanto que uma pessoa que não é do meu sangue me deu carinho, que nem a minha mãe adotiva. Então, logicamente, eu vou escolher aquela pessoa. A gente não pode escolher, mas pode considerar.”* As meninas consideram que não fazem parte da família aquelas pessoas que, embora tenham algum tipo ou grau de parentesco, não participaram da sua criação ou não contribuíram para o seu bem-estar, e, entre elas, citaram o padrasto, o pai ou a mãe biológicos. Portanto,

foram incluídos como membros da família: os amigos e as pessoas que as criaram, como a avó, os tios, a madrinha e os pais adotivos.

Bronfenbrenner (1979/1996; 1986) compreende o microsistema familiar como um ambiente, próximo e imediato da pessoa em desenvolvimento, que envolve atividades, papéis e um complexo de relações interpessoais, evidenciadas pela reciprocidade e estabilidade. Esta abordagem está em concordância com a perspectiva psicológica sobre o conceito de família descrito por Laing (1983), que se refere à família como um grupo unido de pessoas, que possui algum grau de parentesco ou que se considera integrante, onde as características das relações são marcadas pela reciprocidade direta, intensa e duradoura. A definição antropológica, contrapondo a definição desses autores, cita o grau e natureza do parentesco, isto é, o laço consangüíneo, de aliança e/ou de filiação, como necessários para a constituição de uma família (Berenstein, 1988).

De acordo com a visão dessas adolescentes, a família é constituída por pessoas significativas com as quais possui uma relação com base no apoio e na troca, demonstrando uma compreensão do conceito de família com base em uma perspectiva ecológica e psicológica. Portanto, a visão do GFA sobre a configuração familiar demonstra que a sua constituição está relacionada à qualidade da relação estabelecida entre as pessoas que são consideradas como membros da família e não aos laços consangüíneos.

Na subcategoria “papéis”, as meninas enfatizam as atribuições desempenhadas pelos membros da família. Na visão das participantes do GFA, os papéis do pai e da mãe são igualitários quanto às atribuições. Para estas meninas, não há distinção entre as funções parentais, sendo relacionadas à criação, cuidado, afeto e acolhida. Para Zamberlan, Camargo e Biasoli-Alves (1997), o papel assumido pela mãe em uma “família nuclear” (p. 39), isto é, formada pelos pais e seus filhos dependentes, está relacionado à criação e ao cuidado dos filhos, afeição, proteção, orientação e estimulação. O papel do pai, além de prover o sustento (juntamente com a mãe), envolve administrar tarefas e rotinas que se traduzem em disciplina, valores morais, educativos e de autoridade. A visão do GFA, que estabelece uma igualdade nas atribuições dos papéis do pai e da mãe, é diferente do descrito pelas autoras, pois os mesmos não estão tão bem definidos para estas meninas. E esta semelhança nas atribuições, onde os papéis dos pais

estão mais igualitários, foi justificada na literatura pelas mudanças sociais ocorridas nas últimas décadas, isto é, pela disputa da mulher no mercado de trabalho, visando ao sustento da casa e sua dupla jornada, além do declínio da autoridade paterna (Badinter, 1980; Fonseca, 1995; Zamberlan, Camargo & Biasoli-Alves, 1997).

Para as meninas, a diferença entre os papéis do pai e da mãe reside na forma de interagir e de se relacionar com os filhos. Para o GFA, o relacionamento com a mãe é mais conflituoso, pois a mesma realiza cobranças em relação aos comportamentos das adolescentes, não confia e coloca limites: *“não quer que saia... não quer que use saia”*. O pai aparece, para algumas meninas, como uma pessoa que conversa, fornece conselhos e orienta: *“Um pai é bom a qualquer hora”*. Todavia, nas relações cotidianas em suas famílias (com as quais residiam anteriormente à instituição), a mãe estava fisicamente mais presente no lar do que o pai. Das seis meninas, cinco residiam com a mãe biológica e uma, com a adotiva. Em relação ao pai, das seis meninas, cinco não têm contato ou é um contato superficial com o pai biológico (separação, morte, desaparecimento). A única que vive com o pai biológico não tem uma boa relação com ele. O padrasto foi o agressor no caso de duas meninas e apenas duas possuem padrastos que consideram como um pai, mas não estavam convivendo, antes da institucionalização, com os mesmos.

Evidencia-se, então, um desgaste emocional na relação com a sua mãe e uma idealização, por parte das meninas, da relação com o seu pai. O desgaste na relação com a mãe, uma das pessoas mais próximas em sua rede de apoio social e afetivo, coloca a menina numa situação de vulnerabilidade, isto é, a mãe, que poderia desempenhar o papel de cuidadora, não o faz. Além disso, esse desgaste promove a falta de confiança e é desencadeado por ela, levando conseqüentemente à falta de diálogo e ao abuso emocional (agressões verbais) e físico. Em relação ao pai, observa-se que esta ausência do lar torna a figura paterna idealizada. O afastamento físico e emocional distancia o pai dos problemas cotidianos da família. E, de certa forma, auxilia a preservar uma imagem de um pai compreensivo, amoroso, que a *“aceita”* como ela é e que poderia *“salvá-la”* da situação atual. Esta forma de perceber o pai pode desencadear uma situação de risco, pois a menina poderá depositar expectativas de uma interação com o mesmo que somente existe na esfera do ideal. No passado, o pai foi o agressor ou esteve ausente e; assim, não a protegeu do abuso. Atualmente, a realidade é que o pai não está presente para auxiliá-la.

É provável que a menina idealize a figura paterna para evitar o sofrimento causado pela realidade de abandono que vive em função da institucionalização, e para nutrir um sentimento de esperança de que alguém a ama e que poderá modificar a sua situação e a sua vida. No entanto, o que ocorre na realidade é que os pais não as protegem e as colocam em risco ao contribuir para o estabelecimento da situação de institucionalização das mesmas.

Os papéis de irmã e de filha aparecem mais delineados na fala das adolescentes do GFA. Isto pode estar relacionado à questão da adolescente experienciar esses papéis no seu microssistema familiar. Também foi verificada uma semelhança em relação às atribuições nestes dois papéis, isto é, voltados para o atendimento das necessidades da família. O papel de irmão é predominado pela relação de poder e de amizade e o de filha, pela relação de cuidado com a casa e familiares.

A relação de poder estabelecida entre os irmãos é percebida no controle, cuidado e comando dos irmãos mais velhos sobre os mais novos. Porém observa-se que é um “pseudo poder”. O termo “pseudo poder” está sendo utilizado neste estudo para expressar a idéia de que há uma hierarquia, prevalecte pelo nascimento, de comando e que deve ser respeitada. No entanto, existe apenas a idéia da existência deste poder, pois o mesmo não se concretiza nas situações cotidianas que envolvem as relações entre os irmãos. Além disso, o GFA reporta essa idéia para si em relação aos seus irmãos menores e, assim, apresenta um sentimento de indignação frente ao comportamento de confronto do irmão mais novo às suas ordens. No que se refere a sua relação com os seus irmãos mais velhos, as meninas repetem o mesmo comportamento dos irmãos mais novos, ao não aceitar as ordens impostas: *“os irmãos mais velhos acham que têm o direito de mandar na gente, querem dar ordens”*. Esta idéia de poder do irmão mais velho sobre os irmãos mais novos pertence ao macrossistema e influencia os demais contextos, principalmente o microssistema familiar. A relação com base no “pseudo poder”, no momento em que é repudiado ou compelido pelos irmãos, pode desencadear conflitos e comportamentos abusivos de ambas as partes, tais como: a agressão e a rejeição (quando a ordem não é cumprida) e a submissão (quando ordem é cumprida sob coerção).

Esta visão de que existe uma supremacia do filho mais velho da prole iniciou historicamente, segundo Ariès (1981), no século XIII, quando a primogenitura

beneficiava o filho. Esse protecionismo sobre o filho mais velho visava a evitar a perda do patrimônio e a manter a linhagem. Observa-se a existência de resquícios desta concepção no macrosistema dessas adolescentes. Por outro lado, de acordo com Zamberlan, Camargo e Biasoli-Alves (1997), a monitoração das crianças por seus irmãos mais velhos é um dos aspectos que compõem uma nova ordem das relações sociais, justamente pela necessidade da mulher buscar o sustento da família fora do ambiente doméstico.

A relação de amizade, entre os irmãos, aparece quando as meninas identificam no papel do irmão mais velho aspectos de cooperação favoráveis à interação, como o de *“ajudar, ser amigo, não deixar entrar nas drogas e no mundo do álcool”*. Parece que os irmãos mais velhos tendem a repetir o modelo dos papéis “tradicionais” esperados de pai e de mãe, que estão relacionados à proteção, orientação, criação, cuidado e autoridade descritos por Zamberlan, Camargo e Biasoli-Alves (1997, p. 42).

Pode-se pensar que tanto a relação de amizade como a de “pseudo poder” estão baseadas na necessidade de resgatar uma figura que represente autoridade. Steinberg (1996) constatou que os pais de adolescentes, vistos como autoridade, auxiliam no desenvolvimento da autonomia com responsabilidade ao conversar sobre a importância da disciplina; pais autoritários, ao contrário, mantêm a dependência e a submissão do filho ao exigirem que o mesmo obedeça às ordens sem questionar. Para o GFA, a relação com base na amizade entre irmãos permite às meninas terem uma visão do irmão como autoridade, e assim ter uma maior aproximação afetiva, de apoio e de limites necessários para afirmar o senso de estabilidade e de permanência do microsistema familiar. Por outro lado, na relação de “pseudo poder” entre os irmãos, as meninas confundem o comportamento autoritário com a idéia de ser autoridade, e assim ocorre o abuso.

Para o GFA, o papel de filha está ligado ao cuidado da casa e dos familiares através do desempenho de tarefas domésticas e do cuidado dos irmãos e outros familiares doentes. Então, parece que a filha desempenha o papel descrito na literatura como o assumido pela mãe em uma família nuclear (Zamberlan, Camargo & Biasoli-Alves, 1997, p. 39). Estas atribuições estão social e culturalmente estabelecidas em nossa sociedade pela divisão sexual do trabalho, embora mudanças importantes têm ocorrido nas últimas décadas em relação à divisão e ao compartilhamento das atividades desempenhadas no

contexto familiar (Spina & cols., 1979; Zamberlan, Camargo & Biasoli-Alves, 1997). Este fato está presente no contexto ecológico dessas adolescentes e se insere de forma mais definida no macrossistema e no microsistema familiar. Na dimensão do macrossistema, a divisão do trabalho é perpetuada através de um estereótipo, que envolve o sexo da pessoa. Bonamigo e Koller (1995) constataram, na pesquisa sobre escolhas profissionais, que as expectativas dos adolescentes, pertencentes ao nível sócio-econômico baixo, estão relacionadas às mulheres cuidarem da casa e dos filhos e aos homens trabalharem *fora* visando ao sustento da família. Na dimensão do microsistema familiar, as atividades descritas pelas meninas estão relacionadas a este estereótipo da divisão do trabalho pelo sexo e estão de acordo com o padrão de comportamento esperado e incentivado pelos próprios membros da família. Portanto, há uma conformidade das meninas em relação ao tipo de atividades desempenhadas no microsistema familiar.

No momento em que as meninas do GFA assumem as atividades esperadas socialmente como pertencentes ao gênero feminino e associadas ao papel de mãe, elas passam a ter um papel importante na família. Ao desempenhar as tarefas domésticas, parece que a menina se sente pertencendo ao microsistema familiar e, assim, acredita que há um vínculo afetivo subjacente, como mostra esta frase: “*esquentar a barriga na fogão e esfriar no tanque...amar e ser amada*”. Este sentimento pode ser intensificado pela necessidade que os membros de uma família possuem de manter o senso de permanência no grupo familiar, através da execução das tarefas rotineiras, e o senso de estabilidade, através da relação afetiva estabelecida, como abordaram De Antoni, Medeiros, Hoppe e Koller (1999).

Ao mesmo tempo, ao assumirem este papel, as meninas encontram dificuldades de mostrar a sua família que também necessitam ser cuidadas e protegidas. Sendo assim, parece que há um empobrecimento das relações familiares, pela rigidez nas atribuições e no comportamento, que são depositados no seu papel. Esta rigidez as impede de efetivarem uma maior quantidade e qualidade de trocas e de transitarem ecologicamente no ambiente familiar e em outros ambientes. Por exemplo, as adolescentes excluíram do seu papel de filha outras atividades inerentes e importantes para esta fase de desenvolvimento, como estudar, sair com amigos, divertir-se, etc., e outros contextos que compõem o seu mesossistema, como: a escola, a igreja e os amigos.

Essas adolescentes frisaram, no início do grupo, que as inter-relações familiares deveriam ser estabelecidas pela união e ajuda. No entanto, ao falarem sobre as suas famílias, constataram somente a presença da violência. O GFA compreende esta forma de relacionamento como inerente ao contexto familiar, pois: *“apanhar é normal”, “família que não tem briga não é família”*, entre outras. Portanto, as inter-relações no microsistema familiar dessas meninas se estabelecem na presença de aspectos que envolvem risco e podem tornar a família ou seus membros vulneráveis a comportamentos desadaptados, por exemplo:

“ 2^A- A gente não vive só do lazer. Olha ali, oh! União, amor, afeto...

6^A- O que mais falta na minha casa!

2^A- Diálogo...Um monte de bagulho. É, não tem quase nas casas. O que mais tem é drogas, medo, falta de respeito, violência.”

Ao concluir a discussão a respeito da percepção do GFA sobre família, observa-se que essas meninas buscam, nas pessoas que elegem como pertencentes ao grupo familiar, o apoio emocional necessário para enfrentar as situações de *stress*. Esta forma de configurar a família pode agir como proteção, pois permite ampliar a rede de apoio pertencente ao microsistema familiar, indo além do grau de parentesco. Do mesmo modo, o papel de irmã, desempenhado por estas adolescentes, pode atuar de forma protetora, isto é, inibindo a atuação dos indicadores de riscos, quando estiver relacionado à amizade e cooperação nas relações com os irmãos. E o papel de filha, quando se relaciona à estruturação de determinadas atividades domésticas e ao cuidado para com a família. Hawley e DeHaan (1996) afirmaram que, freqüentemente, a família colabora como fator de proteção para a resiliência individual, e citam como indicadores o afeto, a coesão e a estabilidade. Os aspectos identificados na fala do GFA podem promover a resiliência nestas meninas e em suas famílias, pois possibilitam a manutenção das relações familiares através do apoio percebido, do senso de permanência e de estabilidade e da coesão. Portanto, estes aspectos favorecem à família atuar como um fator de proteção para essas adolescentes.

Por outro lado, a visão das participantes do GFA sobre suas famílias evidencia a existência de indicadores de risco severos. Foram encontrados, por exemplo, os papéis

dos pais com atribuições igualitárias, ambos têm as mesmas atribuições de cuidado e de criação, porém, na realidade dessas meninas, nenhum dos dois assume este papel de forma efetiva; a idealização da figura paterna e o desgaste da relação com a mãe; a relação de “pseudo poder” entre irmãos, que leva a atitudes autoritárias; a atribuição do papel de filha voltado para atividades tradicionalmente desempenhadas pela mãe e, como consequência, uma rigidez que a impede de transitar ecologicamente em outros contextos; além da visão sobre o funcionamento do sistema familiar com predomínio de indicadores de risco sobre os de proteção. Esses indicadores de risco identificados de acordo com a percepção do GFA são prejudiciais no estabelecimento de uma relação familiar capaz de apoiá-la de forma consistente e efetiva nas situações adversas e causadoras de *stress*. Fato este comprovado pela situação de institucionalização na qual a menina vive atualmente.

Risco

Na categoria Indicadores de Risco, foram identificadas dez subcategorias que estão inter-relacionadas, isto é, a presença de uma subcategoria pode ser compreendida como um fator que possibilita desencadear outra ou outras subcategorias, e vice-versa. Estas subcategorias foram entendidas como risco por acarretarem um resultado prejudicial e/ou não desejado para as participantes do GFA. De acordo com Cowan, Cowan e Schulz (1996), risco não é um termo estático, portanto, deve ser visto como um processo e pode ser definido por suas implicações nas relações familiares e nos seus resultados específicos, como a violência doméstica ou na comunidade.

A violência doméstica, descrita pelo GFA, abrangeu todos os tipos de maus tratos, como o abuso físico, emocional, sexual e a negligência/abandono. Esses tipos de maus tratos intrafamiliares são descritos e conceituados na literatura (Caminha, 1999; Farinatti, 1997; Farinatti, Biazus & Leite, 1993; Koller, 1999; Pires, 1999). E, para o GFA, a violência faz parte das inter-relações no seu microssistema familiar, pois é vista como uma prática usual neste contexto.

Pianta e Walsh (1996) afirmam que o risco deve ser avaliado de acordo com sua severidade, duração, frequência ou intensidade, e Rutter e Hagen (1999) confirmam que o

efeito acumulativo de múltiplos riscos, principalmente a longo prazo, está associado ao desenvolvimento de psicopatologias, como a síndrome do maltrato infantil (Cicchetti & Toth, 1995). Porém, para essas adolescentes, é a relação entre intensidade e tipo que possibilita a caracterização dos maus tratos como um indicador de risco. Sendo assim, para avaliar esta relação entre a intensidade e o tipo de maus tratos, faz-se necessário associá-la ao sofrimento envolvido, por exemplo: no caso do abuso físico, o sofrimento está na intensidade das marcas (hematomas); ou no caso do abuso sexual, o sofrimento está na intensidade da investida do abusador, basta somente a tentativa de consumir o abuso.

O abuso físico é visto, para as adolescentes pesquisadas, como uma prática disciplinar aplicada pelos seus pais ou cuidadores, principalmente durante a infância. Szymanski (1992) comentou que, para algumas famílias de nível sócio-econômico baixo, o exercício da autoridade estava relacionado ao direito de recorrer a castigos corporais, como uma prática educacional às crianças e uma forma de impor a vontade dos mais velhos sobre a dos mais novos. O GFA avalia o abuso físico como uma atitude esperada, pois seus pais também apanharam dos seus avós ou cuidadores. O GFA constatou que o abuso físico marca de forma negativa as suas lembranças sobre a infância.

O abuso emocional está presente em todos os tipos de maus tratos e em todas as fases de desenvolvimento (Caminha, 1999). Porém, é mais intensificado na adolescência, pois as meninas possuem mais condições físicas e emocionais para evitar a incidência do tipo de abuso que predominou em sua infância, no caso, o físico. E, na adolescência, começam a desenvolver um senso crítico sobre sua situação de vítimas da violência e passam a buscar alternativas para enfrentar esta situação e seus agressores (De Antoni & Koller, 2000; De Antoni, Mesquita & Koller, 1998; Fahlberg, 1996). Portanto, ocorrem, no microsistema familiar das adolescentes pesquisadas, as discussões verbais que objetivam denegrir a imagem da outra pessoa, e são descritas pelas adolescentes como “*agressões morais*”. Essas agressões prejudicam a estabilidade do microsistema familiar, pois incrementam os sentimentos de rejeição e de menos valia nos seus membros e evidenciam a falta de compreensão e de união neste contexto.

O abuso sexual foi exposto pelo GFA nas entrelinhas dos diálogos, como no exemplo: “*a pior coisa que tem, é quando o padrasto tenta alguma coisa com a enteada.*”

É péssimo, é ruim demais”. Apesar desta participante do GFA estar na instituição por ter sido abusada sexualmente pelo padrasto, o tema se manteve velado durante a realização das sessões. Segundo Caminha (1999), o medo de se expor e a recriminação como se fosse co-responsável pelo abuso, muitas vezes, propiciam que a criança/adolescente se cale diante do tema. Este fato é denominado de síndrome de segredo e adição (Caminha, 1999; Furniss, 1993), onde existe um acordo entre o abusador e o abusado de manter silêncio sobre o abuso. Há, ainda, descrédito, por parte da família, no relato da criança/adolescente quando o abuso é revelado. Há, também, uma articulação para que o fato não seja divulgado por parte dos profissionais, familiares e colegas (Pires, 1999). Portanto, o GFA reforçou a manutenção do segredo que este tipo de abuso envolve, ao não expor e debater o tema.

A negligência aparece, no GFA, através do abandono da família ou de alguns familiares frente à situação de institucionalização das meninas, como também, pelo fato da família não prover as necessidades da menina em relação ao afeto, apoio e acolhida. Caminha (1999) e Farinatti (1997) afirmam que a negligência é a forma mais sutil de abuso, pois é difícil de detectar através de palavras e ações, pois é o “não dizer” e o “não fazer” que poderiam proporcionar o bem-estar à criança ou ao adolescente.

Os maus tratos intrafamiliares são vistos pelas adolescentes do GFA como uma repetição de um padrão de relacionamento aprendido com a geração anterior. Estes comportamentos abusivos são justificados como práticas disciplinares. Esta repetição de um padrão de comportamento aprendido e passado através das gerações é denominada de “transmissão intergeracional” (Belsky, 1993, p. 415; Kashani & Allan, 1998, p. 8) ou “multigeracionalidade” (Caminha, 1999, p. 45), que justifica o fato de uma criança exposta à violência doméstica, de modo repetitivo e intencional, tornar-se um adulto abusador no futuro. Além disso, parece que no macrossistema dessas meninas há aspectos que contribuem para a visão do GFA sobre a violência doméstica, como a aceitação cultural da violência e a ausência de uma rede de apoio que esteja comprometida com os direitos da criança e da mulher. Estes fatos são descritos por Koller (1999), ao referir-se aos fatores de risco relevantes no macrossistema que servem como avaliadores da violência doméstica.

As famílias das meninas do GFA vivem em comunidades marcadas pela violência. A violência na vizinhança tem sido um dos eventos de risco mais citados por famílias de nível sócio-econômico baixo (Hoppe, 1998). Para estas adolescentes, a violência ocorre devido ao confronto e à ineficácia dos órgãos de segurança pública, principalmente, frente ao predomínio do tráfico de drogas. O confronto entre os policiais e os traficantes provoca tiroteios, invasões, vistorias e prisões. Encontram-se, nestas comunidades, os assaltos, as brigas de rua, as ameaças de morte, entre outras situações cotidianas que provocam, para essas meninas, um sentimento de medo e uma imagem negativa do local onde suas famílias residem. O local onde reside a família torna-se um risco ao expô-la a situações de perigo que poderão desencadear o medo e a perda de seus membros.

As subcategorias falta de confiança, segredo, rejeição e pessimismo são indicadores de risco intrafamiliares e podem estar ou não inter-relacionadas. A falta de confiança entre os familiares revela que as relações são frágeis, principalmente a relação entre mãe e filha. As adolescentes sentem que a mãe não as conhece, não sabe sobre sua vida e seus desejos. Este fato pode levar à falta de diálogo. As participantes do GFA acreditam que, em suas famílias, não há uma relação de confiança suficiente para promover uma conversa aberta, franca e espontânea. O que surge é a cobrança e a imposição de comando. Para Steinberg (1996), a falta de comunicação é um indicador de risco para o desenvolvimento saudável da adolescente, pois impede que a família estimule o desenvolvimento da auto-estima do filho e de estratégias eficazes na resolução de problemas. A falta de confiança e de diálogo na família dessas meninas impossibilita que as mesmas disponham de recursos suficientes para enfrentar as dificuldades, tornando-as mais vulneráveis ao desenvolvimento de comportamentos desadaptados, pois a relação tem como premissa a mentira, o descrédito e a omissão de fatos.

Ao mesmo tempo, existem informações confidenciais na família, que são vistas pelo GFA como um segredo e que devem ser mantidas somente no âmbito familiar. O segredo é visto por essas meninas como algo ruim e que as prejudica, pois leva à insônia, à mentira, etc. A manutenção do segredo, segundo Picus e Dare (1981), ocorre por um processo de coerção e, também, por uma necessidade dos membros se sentirem pertencendo ao grupo familiar.

Apesar da manutenção do segredo, predominam nestas meninas o sentimento de rejeição e a idéia de que seus irmãos recebem uma atenção privilegiada dos seus pais. A rejeição é um tipo de abuso emocional (Farinatti, Biazus & Leite, 1993). Porém, pela intensidade com que aparece na fala das meninas, foi adequado elegê-la como uma subcategoria para melhor compreender o processo. E, de acordo com Farinatti, Biazus e Leite (1993), a rejeição promove um sentimento de menos valia, afetando na auto-estima do abusado. As meninas do GFA possuem uma necessidade de serem amadas e aceitas pelos seus pais. Em contrapartida, o que é percebido por elas é a atitude dos seus pais que reforça a questão de preterir e a incapacidade dos mesmos em lidar com as diferenças individuais existentes. Então, em função disso, os pais dessas adolescentes parecem estabelecer uma relação de poder e de competição entre os irmãos. Esta atitude dos pais gera um sentimento de revolta e mágoa nas meninas.

A subcategoria pessimismo aparece relacionada aos fatos vivenciados no passado. Provavelmente, pela condição de violência vivida, as meninas não conseguem falar sobre momentos ou situações agradáveis. Esse sentimento gera uma sensação de que não há nada de bom. O pessimismo é um indicador de risco à medida em que predomina, no presente, este sentimento de desesperança e de vítima da situação, isto é, os eventos bons vividos, mesmo que sejam poucos, não são valorizados. Hawley e DeHaan (1996) consideraram o otimismo e a esperança como indicadores que incrementam a resiliência familiar. No caso dessas meninas, parece que o pessimismo as impede de possuir uma visão mais otimista da sua vida.

As subcategorias drogas e doenças são compreendidas como risco, pelo prejuízo à integridade física e emocional da menina e de seus familiares. Entre os aspectos que integram esta subcategoria apareceram o uso e o tráfico de drogas. Percebe-se que o uso é uma prática constante nestas famílias e independe do papel ou da posição que o mesmo ocupa no grupo familiar. O uso de álcool pelos pais é um dos fatores de risco no contexto familiar mais encontrados em pesquisas (Eckenrode & Gore, 1996; Sudbrack, 1996), e é relevante para a avaliação de casos de violência doméstica (Koller, 1999) e da síndrome do maltrato infantil (Cicchetti & Toth, 1995; Farinatti, 1997).

Para o GFA, as drogas e a violência possuem uma relação cíclica, isto é, o uso e tráfico de drogas desencadeiam situações de violência, ao mesmo tempo que podem ser

decorrentes da mesma. Além disso, o uso de drogas leva a furtos, assaltos e outras atividades ilícitas. A utilização da menina no tráfico de drogas, por seus familiares, é uma exploração. Segundo De Antoni, Mesquita e Koller (1998), a exploração consiste em utilizar o trabalho ou a vulnerabilidade da criança/adolescente através do incentivo à ilegalidade. Para Farinatti (1997), a exploração é uma das formas de violência encontradas no abuso emocional. A adolescente participa de uma atividade cujo grau de perigo não tem condições de avaliar. Como também não tem como avaliar as conseqüências advindas. Estas conseqüências são: a institucionalização, a intoxicação e/ou o convívio com usuários e traficantes. Porém, parece que a severidade do risco está, também, no fato de que essas meninas não compreendem o tráfico de drogas como uma atividade prejudicial, mas como um trabalho, o qual fornece o sustento da família: “*dava dinheiro, era bom, não faltava nada para nós*”. O traficante *patrão* ou a comunidade são eximidos da responsabilidade sobre os malefícios causados pelas drogas. Sendo assim, as meninas entendem que somente há risco em relação às drogas quando ocorrem mortes e doenças ocasionadas pelo seu uso ou quando existem ações violentas de combate ao tráfico originadas pela inserção policial na comunidade. Portanto, a menina se desenvolve em um contexto ecológico em que os valores morais são diferentes dos valores vigentes na sociedade. Esta diferenciação poderá levar a menina a acreditar que os valores vigentes na comunidade em que a sua família reside são melhores, em função do ganho material subjacente. Ao mesmo tempo que a impede de ter uma visão crítica sobre a realidade e sobre o risco ao qual está exposta.

As doenças, para o GFA, são indicadores de risco em função do sofrimento que podem causar às meninas e suas famílias, principalmente diante da perda de um familiar. As doenças físicas e mentais aparecem na literatura como eventos causadores de *stress* (Eckenrode & Gore, 1996). E, assim, colocam em risco o microsistema familiar pelas perdas, separações e pela dificuldade em lidar com essa situação. Além disso, Cicchetti e Toth (1995) compreendem as doenças como desafios transitórios por promoverem *um stress* de curto prazo e como sendo potencializadoras de risco para os maus tratos.

A transição da infância para a adolescência pode ser compreendida como um indicador de risco por produzir *stress* durante o período de adaptação. O *stress* ocorre pelas mudanças advindas nesta nova etapa de vida, apesar de ser uma transição

normativa. Caso o processo de transição não seja bem conduzido, poderá ocorrer o risco de um distúrbio de comportamento ou de maus tratos (Cicchetti & Toth, 1995; Minuchin, 1982; Steinberg, 1996). Para as meninas do GFA, esta transição é pontuada por um distanciamento afetivo dos pais, pela cobrança e pelo controle oriundos de uma mudança de conduta da jovem (cabular aula, freqüentar boates, experimentar drogas, etc.) e por mudanças corporais, ao se tornarem mais atraentes sexualmente. Por outro lado, as meninas creditam a si a responsabilidade sobre as suas mudanças corporais e de comportamento e, como conseqüência, constataam uma mudança na atitude dos seus pais.

Este fato ocorre, principalmente, ao demonstrarem um comportamento calcado em ações mais independentes e diferentes das idealizadas pelos pais, como: estudar, ficar em casa, ser submisso à vontade dos mesmos, entre outros. A autonomia com base na tomada de decisões independentes e a mudança na relação de apego com os pais são descritas por Hill (1980) como mudanças primárias nesta fase de transição para a adolescência. Para o GFA, esta transição da infância para a adolescência teve início entre as idades de nove e dez anos. A transição é vista no exemplo: *“Eu tinha oito, nove anos de idade, minha mãe deixava eu sair, eu ia no supermercado pra ela. Só que depois dos dez mudou tudo... aí comecei a sair pra rua, matar aula, comecei a criar problemas dentro de casa. Mas até os dez anos estava bem”*. Portanto, a transição da infância para a adolescência é um indicador de risco, quando o microsistema familiar conduz a transição de forma inadequada, isto é, desconhecendo as mudanças corporais, sociais, cognitivas e de papel advindas com a fase da adolescência, além de não delegar, de forma progressiva e negociada, as responsabilidades e a autonomia (Sudbrack, 1996).

A rede de apoio, segundo Brito e Koller (1999), é o conjunto de sistemas e de pessoas significativas que compõem o elo de relacionamento, recebidos e percebidos pelo indivíduo. A ausência da rede de apoio pode ser compreendida como um indicador de risco. Essas adolescentes experienciam relações, no microsistema familiar, onde predominam as desavenças, separações, perdas e o abandono. De acordo com a visão das próprias meninas, encontram-se poucas pessoas no microsistema familiar, capazes de promover o seu bem-estar e de fornecer o apoio e a acolhida necessários para enfrentar este momento das suas vidas. Além disso, as adolescentes comentaram que o microsistema institucional não funciona como rede de apoio, pois elas não encontram

um sistema em condições de promover efetivamente o seu bem-estar. Reichel (1999) afirmou que as instituições brasileiras são desorganizadas e despreparadas para atender às necessidades dos adolescentes, portanto, colocam em risco o desenvolvimento dessas jovens.

Para as adolescentes do GFA, existem por parte da sociedade a discriminação e o preconceito por estarem institucionalizadas. Então, o macrosistema também poderá dificultar que a menina mude sua condição de vida após seu desligamento da instituição, pelo estereótipo depositado. Na própria instituição, há maus tratos quando ocorrem a privação de liberdade e o manejo inadequado de situações adversas (como a situação de fuga). Portanto, aparecem, no GFA, sentimentos ambivalentes em relação à instituição. Ao mesmo tempo que suscitam, nestas meninas, sentimentos de revolta e insatisfação por estarem vinculadas a ela. Há a idéia de que a instituição é um local propício para se obter responsabilidade. Fato este não constatado no discurso destas meninas, como descreve a fala de uma menina em dois momentos: “... *apesar do que eu estou aqui dentro (...) é para ter responsabilidade*” e “*Eu vou fazer anarquia neste domingo*”. Essa ambivalência no referencial ou função da instituição pode ser compreendida como um indicador de risco.

Existe, por parte do GFA, uma idéia de que formam uma família na instituição: “*aqui na X. (instituição) nós somos uma família*”. O modelo de família presente, tanto no contexto familiar como no contexto institucional, parece revelar uma família com conflitos e muitos indicadores de risco. O microsistema familiar e o institucional reprimem o potencial social, cognitivo e afetivo dessas adolescentes, além de não estabelecerem relações baseadas na confiança e no diálogo. No microsistema institucional aparece, segundo essas meninas, a presença do respeito e da responsabilidade, o que não ocorre em relação ao microsistema familiar. Portanto, pode-se perceber que o mesossistema dessas jovens é formado por microsistemas (familiar e institucional) semelhantes no seu padrão de funcionamento, na forma de educar e em suas inter-relações. Este modelo de relação, presente no mesossistema das adolescentes desta pesquisa, reforça os maus tratos, além de ocasionar uma rigidez de papéis e nas formas de interação, quando as meninas se dispõem a transitar ecologicamente nestes ambientes.

Outro indicador de risco presente na subcategoria “ausência da rede de apoio” está relacionado às organizações que fazem parte do exossistema das meninas, tais como o Conselho Tutelar ou a Promotoria da Infância e Adolescência. Essas organizações não foram citadas pelas adolescentes como órgãos de apoio, embora suas decisões exerçam influência direta na vida das mesmas. O macrosistema dessas adolescentes contém, na visão do GFA, um sistema político-social ineficiente. Walsh (1996) abordou que os recursos da comunidade são essenciais para a resiliência familiar, pois promovem segurança financeira, assistência social e o senso básico de pertencimento.

Outros indicadores de risco foram citados nas sessões do GFA, tais como: vários relacionamentos dos pais, falta de dinheiro (pobreza), desemprego e baixa escolaridade. No entanto, não foram aprofundados pelo grupo. A falta de dinheiro ou a pobreza, por exemplo, não foram compreendidas como um indicador de risco importante para as relações familiares, como neste exemplo: “*O importante não é o dinheiro, importante é a união da pessoa, é a saúde*”. Porém, em oposição a esta visão dessas adolescentes, viver na pobreza, falta de recursos financeiros e perdas econômicas são os indicadores mais citados em pesquisas sobre risco (Cowan, Cowan & Schulz, 1996; Luthar & Zigler, 1991; Steinberg, 1996). As condições de pobreza fazem parte do contexto social em que estão inseridas, sendo uma condição “sine qua non” em suas vidas. Este fato provavelmente as impede de ter a percepção mais adequada sobre o risco ao qual estão expostas. Nunes (1994) abordou a questão da pobreza e do empobrecimento nas relações como algo distinto, embora a pobreza seja uma ameaça ao bem-estar das crianças e um limitador ao seu desenvolvimento. Outros indicadores poucos explorados pelo GFA e identificados por Sudbrack (1996) como indicadores de risco para famílias de nível sócio-econômico baixo foram a falta de consciência sobre a importância da escolarização e o desemprego.

A conclusão sobre a visão do GFA sobre os indicadores que dificultam a família a enfrentar seus problemas e que influenciam nas relações familiares revela a diversidade, severidade, intensidade e frequência dos indicadores de risco. Rutter e Hagen (1999) afirmaram que, embora existam variações individuais na forma de enfrentar as situações de *stress* e a adversidade, o efeito acumulativo de múltiplos riscos tem conseqüências graves para o desenvolvimento psicossocial da criança. Portanto, a presença desses

indicadores de risco intra e extrafamiliares contribui na manutenção da vulnerabilidade da adolescente e de sua família, desencadeando novos riscos.

Proteção

Na categoria Indicadores de Proteção foram identificadas a união, a confiança e a presença da rede de apoio. A união e a confiança, citadas pelo GFA, são elementos compreendidos na literatura como importantes para aproximar as pessoas da família e permitir que as mesmas possam efetuar o auxílio diante de eventos estressores (Hawley & DeHaan, 1996).

A presença da rede de apoio social e afetiva é formada, para estas adolescentes, por alguns parentes (principalmente pelas pessoas que participaram da sua criação), pela instituição ou pela vizinhança. Sudbrack (1996) afirmou que a cultura de solidariedade e ajuda recíproca na vizinhança é um indicador de proteção para a família. Porém, percebe-se que, na fala destas adolescentes, esta rede funciona de forma ambígua, isto é, tanto protege quanto coloca em risco a vida e o desenvolvimento da menina. Por exemplo: a permanência na instituição evita os maus tratos da família, porém a institucionalização leva ao preconceito da comunidade, à privação da liberdade, etc. O local onde suas famílias residem é outro exemplo, as meninas vêem como proteção quando a comunidade acolhe as famílias, fornecendo trabalho (tráfico), bens materiais e segurança. No entanto, esta proteção serve para encobrir e manter as famílias no tráfico de drogas, que é uma atividade ilícita e perigosa.

Durante a realização do GFA, foram citados o afeto e o carinho como indicadores de proteção, porém esses tópicos não foram discutidos pelo grupo. Sudbrack (1996) relatou que a capacidade afetiva de acolhida por parte da mãe é um indicador de proteção para o desenvolvimento saudável da adolescente. Observa-se que esses indicadores citados pelo GFA são raramente vivenciados no contexto familiar destas adolescentes. Portanto, para essas meninas, os indicadores de proteção são mais idealizados do que experienciados.

Expectativas de Futuro

A categoria Expectativas de Futuro sugere a capacidade de realizar planos de futuro, com base na esperança que haja melhoria da qualidade de sua vida e de sua família, como exemplifica esta fala: “*quero que minha família seja feliz*”. As expectativas do GFA aparecem a curto prazo, como rever as pessoas que ama ao retornar ao convívio familiar ou apenas pelo fato de sair da instituição. E a médio prazo, como mudar de bairro, ter uma casa, carro, etc. A aquisição de bens materiais ou mudar-se de vizinhança parecem demonstrar um desejo de modificar uma condição de pobreza estabelecida atualmente. No GFA apareceu o desejo de ter uma profissão ou ser famosa. De acordo com Steinberg (1996), os adolescentes, em geral, nutrem o desejo de serem famosos, destacando-se do grupo de semelhantes. No entanto, foram comentadas poucas alternativas e articulações capazes de efetivarem a melhoria na qualidade de suas vidas, por exemplo: estudar ou trabalhar não foram comentados, de forma objetiva, como pertencentes ao plano de futuro. Apareceram respostas que evidenciam a falta de um plano profissional e familiar no futuro.

A esperança no futuro é compreendida como um indicador de proteção na constituição de uma família (Hawley & DeHaan, 1996). A elaboração de um projeto de vida possibilita às adolescentes, segundo Walsh (1996), definirem metas a serem alcançadas e ir em busca da realização dessas metas.

A constituição de uma família de procriação está mais definida e planejada. Os filhos serão oriundos de um relacionamento amoroso e duradouro, e esta visão sobre a relação fornece indícios de que o modelo de família, enquanto uma instituição sólida e saudável, persiste na visão das meninas, apesar da situação de violência experienciada neste contexto. Este fato pode ser indicador de proteção ao favorecer a adolescente a repensar sobre a disciplina a ser adotada na criação dos filhos e o apoio fornecido através do “*amor, carinho e atenção*”. Esta é uma perspectiva diferenciada da criação que recebe dos seus pais. As meninas possuem a idéia de não repetir a forma de relação com base nos maus tratos. Segundo Koller (1999), a consciência sobre a história de violência vivida por seus antecedentes poderá ser um indicador de proteção, pois poderá evitar os maus tratos. E, assim, poderá proporcionar o rompimento do ciclo da transmissão intergeracional da violência (Belsky, 1993).

A escolha do parceiro é evidenciada pelas expectativas idealizadas tipicamente pelas meninas na fase da adolescência, como ser bonito, amoroso e fiel. Aparece no GFA, de forma irônica, o desejo de que o parceiro seja um homem mais velho, para sustentá-la.

Foi identificado, também, um sentimento que as adolescentes denominaram de “sonho”, isto é, um desejo difícil de se realizar em sua vida, mas possível no imaginário, como: *“Eu queria casar, ter o Fábio Assunção casado comigo. Ui, meu Deus, que homem!”*. Este comportamento pode ser compreendido como pertencente à fase da adolescência, isto é, a necessidade de buscar uma visão mais realística dos fatos, ao mesmo tempo a necessidade de sonhar e criar ídolos com os quais possam se identificar e auxiliar na formação de sua identidade (Erikson, 1976; Hill, 1980).

As expectativas de futuro comentadas pelo GFA revelam a possibilidade de constituição de novas famílias com a perspectiva de estabelecerem-se relações familiares diferentes das experienciadas, estruturando seu microsistema familiar com interações e inter-relações mais duradouras, amorosas e abertas. Estas expectativas podem ser compreendidas como uma necessidade e um desejo de constituírem uma família resiliente e, assim, romper com a violência e os maus tratos. Portanto, é uma visão salutar dessas adolescentes almejar uma qualidade de vida melhor.

3.2 Grupo Focal B

3.2.1 Caracterização das Participantes

As participantes que compõem o GFB são:

1^B - 14 anos, 8^a série, há 18 dias na instituição. Residia com os pais e irmãos. O pai tem 47 anos, vigia noturno. A mãe tem 33 anos, dona de casa. Possui mais três irmãos, com idades de 18, 15 e 10 anos. Motivo de estar na instituição: Abuso emocional dos pais, que solicitaram seu abrigo para afastá-la de uma gangue.

2^B - 12 anos, 2ª série, há 45 dias na instituição. O pai é desconhecido. A mãe tem 39 anos, prostituta. Possui quatro irmãos por parte de mãe. Residia com os tios. Motivo: Abandono por parte da mãe e abuso físico e negligência da tia, que não a deixava freqüentar a escola.

3^B - 14 anos, 2ª série, há 18 dias na instituição. Os pais são separados. Não tem contato com o pai, desaparecido desde seus dois anos. Não sabe a idade da mãe, vendedora ambulante. Possui dois irmãos, de 22 e 17 anos. Residia somente com a mãe e fugiu de casa para morar com a tia. Motivo: Abuso físico da mãe.

4^B - 15 anos, 5ª série, há 41 dias na instituição. Os pais são separados. Não tem contato com o pai, desaparecido desde seus três anos. A mãe tem 42 anos, dona de casa. Possui três irmãos, com idades de 23, 20 e 18 anos. Residia com a mãe e o irmão de 18 anos que é deficiente mental. Motivo: Abuso físico da mãe, com ameaça de morte.

5^B - 13 anos, 5ª série, há 33 dias na instituição. Não conheceu os pais biológicos. Residia com os tios, não sabe a idade ou a profissão deles. Motivo: Abuso sexual do tio.

6^B - 17 anos, 7ª série, há 20 dias na instituição. Pai desconhecido e mãe falecida. Residia com os tios. Possui uma irmã. Motivo: Abandono por parte dos tios, que se recusaram a aceitá-la após ter saído de casa para morar com o namorado em outro estado.

3.2.2 Aspectos Gerais da Dinâmica do Grupo

Durante a realização do GFB, ocorreram situações intragrupo que não estão relacionadas diretamente ao objetivo da pesquisa, porém são importantes para a compreensão da sua dinâmica. Estes aspectos estão relacionados aos sentimentos e à forma de reação dessas adolescentes frente ao tema família.

Falar sobre a família foi difícil para o GFB. O tema desencadeou momentos de reflexão, demonstrados através do silêncio, dos monólogos extensos, do choro e da

tristeza. As meninas afirmaram que o fato de estarem na instituição as auxilia a refletir sobre os seus comportamentos anteriores. Esteve presente, em todos os momentos, um sentimento de responsabilidade sobre sua vida e seus comportamentos, incluindo a situação de abuso ou de institucionalização. Como nesta fala:

“ ...quando eu morava com a minha tia, eu achava que estava numa pior (...) ela disse que ia me trazer para o Conselho. Aí, eu disse: ‘Não! Eu vou me comportar’. Daí ela me deu uma chance e eu continuei como eu estava fazendo as coisas, que eu estava fazendo bobagem na rua...” 2^B

Durante a realização do GFB, duas meninas emitiram poucas verbalizações. A menina 5^B começou a falar de si e de sua família gradualmente durante a realização das sessões do GF, culminando com uma participação efetiva na terceira sessão. A menina 3^B somente respondia aos questionamentos quando estimulada pela moderadora, permanecendo calada durante todo o GF. Além disso, apresentava um comportamento que sugeria certa ansiedade ou desinteresse em relação à atividade, como roer as unhas, ligar e desligar constantemente o “dial” do rádio portátil e olhar intensivamente para as auxiliares de pesquisa. Na última sessão, quando chamada para o início, perguntou para a monitora da instituição se tinha que comparecer, pois estava recebendo a visita dos tios e já havia “falado tudo” no grupo. A menina chegou após quinze minutos do início da sessão, mas permaneceu até o final daquele encontro.

3.2.3 Análise do Conteúdo

Através do levantamento dos dados obtidos no GFB, foram identificadas quatro categorias, que estão relacionadas ao objetivo da pesquisa: Família, Indicadores de Proteção, Indicadores de Risco e Expectativa de Futuro. Essas categorias foram divididas em subcategorias, para facilitar a organização dos dados.

As subcategorias de *Família* são: 1) Configuração Familiar e 2) Papéis. Os *Indicadores de Proteção* são identificados pelas subcategorias: 1) Apoio Emocional, 2) Práticas Disciplinares, 3) Atividades em conjunto e 4) Presença da Rede de Apoio. Na categoria *Indicadores de Risco*, foram encontradas as seguintes subcategorias: 1) Descontrole Emocional, 2) Culpa, 3) Falta de Responsabilidade, 4) Falta de Diálogo, 5)

Drogas, 6) Morte ou Ausência dos Pais, 7) Violência Doméstica, 8) Violência na Comunidade, 9) Transição da infância para a adolescência e 10) Ausência da Rede de Apoio. Em relação às *Expectativas de Futuro*, não houve subcategorias, porém os dados foram organizados em relação ao tempo, isto é, a curto e médio prazos.

Neste primeiro momento, as categorias e suas respectivas subcategorias serão descritas e exemplificadas. Posteriormente, serão analisadas e discutidas de forma dinâmica, integrando-as com o referencial teórico estudado.

a) Família

A categoria Família compreende a configuração familiar (quem faz parte) e os papéis da mãe, do pai, dos irmãos, da filha e o da família. Esses dados foram obtidos através das perguntas de orientação e pelo processo do grupo diante do tema família.

Configuração Familiar

Para o GFB, a configuração familiar está representada pela presença dos pais, irmãos, filha, tios, avós, isto é, por pessoas com as quais possui algum grau de parentesco, com base em laços consangüíneos. Estas meninas aceitam a existência de uma família sem a presença de uma figura parental, isto é, sem o pai ou sem a mãe. Os exemplos destas configurações estão nas gravuras escolhidas e coladas no cartaz (Anexo H) ou no exemplo:

6^B - *Acho que representa uma família sem pai.*

4^B - *Como a minha, né, tia.*

Moderadora - *Representa uma família sem pai?*

6^B - *É, embaixo eu resolvi colocar 'Um caso verdade', porque é uma realidade que a gente vive muitos esses casos. Eu fui uma que me criei sem pai, ele foi embora. Ele fez falta até hoje, minha mãe achava que não* (fala num tom de voz muito baixo).

(...)

Moderadora - *1^B, o que representa essa figura pra ti?*

1^B - *Uma família sem mãe.*

Houve uma discussão a respeito de um casal formar uma família, pois algumas meninas compreendem que a presença de filhos é importante para se configurar uma

família, e outras acreditam que a família se constitui a partir de um casal. Como demonstra o exemplo a seguir:

“4^B - Bom, sei lá, eu acho que eu não considero uma família ... é um casal.

Moderadora: E o que tu consideras uma família?

4^B - Ah... uma família tem mãe, pai, irmãos, essas coisas.

Moderadora: Gurias, concordam com a 4^B?

6^B - Eu não sei, eu acho que é, porque eu acho assim, que uma família começa com um casal, é isso que eu considero.”

Papéis

Os papéis abordados no GFB foram: da mãe, do pai, dos irmãos, de filha e o da família. Para estas adolescentes o papel está relacionado à função e às expectativas sobre o desempenho de cada participante da família. Duas meninas não conseguiram articular uma resposta que definisse o papel dos pais. Diante desta visão do GFB sobre os papéis, o da mãe está relacionado ao apoio (*dar força, consolar*), ao afeto (carinho e amor) e à educação. Envolve estar presente em todos os momentos, participando da vida da filha:

“1^B - Acho que mãe representa tudo, sabe, quer dizer, mãe é para todas as horas e momentos, se eu pudesse ter minha mãe do meu lado!

Moderadora: ...qual é a função da mãe ?

4^B - Dar amor, carinho.

2^B - Pra consolar.

4^B - Claro que talvez elas foram feitas para isso, mas não são todas, né.

6^B - ...Acho que mãe é pra isso, pra educar, pra todos os momentos.

...

1^B - Pra quando a gente precisa, pra quando a gente não precisa, pra sempre tá ali, aconselhando, dizendo coisas boas, o que é bom, o que é ruim, acho que só, mãe é mãe.”

Em contraponto, o papel do pai está relacionado à autoridade, *dar respeito*, trabalhar, sustentar a casa e colocar os limites que a mãe não consegue, demonstrado neste exemplo:

“O pai faz o papel dele, como as gurias disseram, pai mais é pra trabalhar, pra colocar as coisas pra dentro de casa e dar educação mesmo, não deixar fazer o que a gente quer, fazer tudo o que dá na cabeça, não deixam, eles são mais rígidos com a gente.” 1^B

O padrasto ou a madrasta não são vistos como figuras que possam desempenhar a função do pai ou da mãe. Além disso, as adolescentes não aceitam estes papéis dentro da família:

4^B – “...e eu não sou assim, não sou agressiva, mas eu não admitia ele (padrasto) tocar um dedo em mim, por causa que ele não era meu pai, sei lá, pra mim ele era um estranho, eu não conseguia olhar pra ele assim e ter a imagem de um pai, ele era um estranho, pior que um estranho até, um monstro assim.

Moderadora: Então vocês concordam que tem uma diferença entre pai e padrasto?

1^B - Eu acho assim, que um padrasto não substitui o papel de um pai, não faz o que um pai verdadeiro faz com a gente. Até pelo contrario, ele tendo a mulher dele, as enteadas que podem se ralar, não quer saber se é filha, se não é, se tá passando fome, não quer saber. Ele quer mais é virar a vida dele, ser feliz só ele. E assim, padrasto mesmo se fosse no meu caso eu não aceitaria, eu falaria pra minha mãe, ou bem ele, ou bem eu, que padrasto dentro da minha casa pode entrar um, mas ele entra eu saio, porque padrasto pra mim é como uma pessoa estranha, que eu passasse na rua e olhar e perceber, fingir que eu nem conheço. Se fosse no meu caso, na minha casa não entrava padrasto e nem uma madrasta também, nem madrasta, que piorou ainda.

Moderadora: Pior ainda?...

1^B - Piorou, Deus me livre. Eu sei lá eu, me colocavam na X. (instituição) ou outra coisa pior, mas eu matava, não, não, padrasto e madrasta se um dia entrar, eu saio, eu sou dessa opinião.

(...)

2^B - Eu sempre, eu não obedeci meu padrasto, ‘porque tu não é meu pai, eu não vou te obedecer’. Daí, ele me ameaçava eu pegava e falava pra minha mãe e minha mãe não fazia nada, que ela também é que nem ele.”

O papel do irmão está relacionado à orientação sobre a vida e ao apoio emocional, como no exemplo abaixo:

“Eu acho que a função do irmão ou da irmã, sempre que for mais velho, ajudar, levar para bom caminho, guiar, conversar e se for mais nova sentar e escutar a irmã mais velha.” 6^B

O papel de filha está relacionado ao cumprimento das exigências e das expectativas dos pais, tais como estudar, obedecer, respeitar os pais e, principalmente, nutrir um sentimento de gratidão por eles as terem criado:

“Nosso papel mesmo é, eu acho que é fazer a nossa família feliz. Não dar o desgosto que a gente dá... nosso papel é fazer a nossa família feliz, estudar, ter uma profissão boa, não

se iludir com pouca coisa e, principalmente, respeitar mãe e pai, porque mãe e pai são só um e foram eles que colocaram a gente no mundo e foram eles que nos criaram, nos deram comida, nos deram o que vestir, nos deram o que comer, onde dormir, porque se não fosse eles a gente tinha morrido de fome, de frio e de tudo. Acho assim, que nosso papel é fazer nossos pais felizes e respeitar muito eles assim como se fosse, sei lá eu, como a coisa que a gente mais amasse no mundo, que são pai e mãe pra mim, em primeiro lugar são eles e mais ninguém.” 1^B

“Eu acho que tem que dar valor para a mãe e respeitar” 3^B

O papel da família, para o GFB, constitui-se em fornecer *“amor, respeito e união”* 6^B. Sua função é fornecer tranquilidade para os seus membros, como na frase escolhida pelo grupo e colada no cartaz durante a técnica de colagem (Anexo H): *quando sua maior necessidade é um sono tranqüilo*, e reforçada através das palavras de 1^B: *“se ela (a família) é tranqüila, o sono é tranqüilo”*.

Há um contraponto em relação à visão dessas meninas sobre a família. Para algumas, aparece como algo infalível. Os acontecimentos intrafamiliares são justificados por si só e, portanto, não podem ser questionados, mesmo quando os seus familiares apresentam um comportamento inadequado, como neste exemplo:

“ ... eu acho assim, que uma mãe, por mais que ela coloque o filho no lixo ou deixe o filho ali na hora, sei lá, eu acho que uma mãe vai ser sempre uma mãe. 6^B

Para as outras meninas, aparece uma visão mais centrada em sua realidade, onde o sistema familiar não funciona como gostariam, pois não há o desempenho dos papéis desejados. E o sistema familiar funciona com a existência de situações de perda, abandono, afastamento e abuso. Como descrevem estes trechos a seguir:

“Eu sei que eu sempre morei com a minha tia por causa que a minha mãe não cuidava de mim...por causa que tem mães que botam a gente no mundo, que nem minha mãe, minha mãe me botou no mundo e me abandonou....A minha mãe pra mim é um bicho, porque ela vira um bicho na minha frente. Até eu falava: ‘Ah, eu não gosto da minha mãe, eu odeio a minha mãe, tudo o que ela me fez’. Sim, que uma mãe nunca se faz isso com um filho, até tá certo que a minha mãe tem os problemas dela, mas ela nunca tem que fazer isso com um filho, né, assim de abandonar os meus irmãos, meus irmãozinhos com um mês, abandonar assim..” 2^B

“Ah, eu tenho meus irmãos e tenho meu sobrinho, só que não os vejo. É que, quando minha mãe faleceu, minha avó pegou e separou cada um...” 5^B

“...eu fui uma que me criei sem pai, ele foi embora. Ele me faz falta...” 6^B

No sistema familiar, segundo o GFB, há uma dificuldade em relação à autoridade. A mãe não consegue colocar limites e ser uma autoridade na família. O pai assume esta tarefa, somente quando está presente no lar. Portanto, há um confronto às ordens e orientações da mãe e uma idéia de autoridade posta na figura do pai:

“Por causa que, às vezes, a mãe não consegue te educar, sei lá, a minha mãe por exemplo, se ela tivesse com meu pai, eu acho que eu ia respeitar muito mais minha mãe, porque eu respondia muito pra minha mãe. Ela falava comigo, eu gritava com ela. Pai, eu acho que é para dar mais respeito, mas é claro que a mãe não vai machucar os filhos, mas acho que se meu pai estivesse aí, minha mãe ia aprender a lidar comigo, no meu caso.” 4^B

“...ela (mãe) só falava assim: ‘se teu pai tivesse aqui, tu não estaria na rua’, aí eu só falava ‘duvido que não, mãe, acha que eu tenho medo da senhora e do pai’, sei lá eu, desrespeitava muito a minha mãe. Agora, o meu pai eu não levantava a voz, porque se eu levantar é pior ainda. Então, com a minha mãe eu levantava mais alto (...) mas quando eu saía pra rua eu pensava assim, ‘hoje eu não quero sair’, mas chegava de noite, olhava pra rua, todo mundo ali na rua, eu pensava: ‘Ah, não, eu vou ir pra rua, não quero nem saber se a mãe tá aí ou não’. Minha mãe estava dormindo no quarto dela, eu pegava e saía, daí quando eu chegava, ela dizia: ‘Ah, se teu pai tivesse aí eu sei que tu ia me respeitar!’. Isso não adiantava pra mim, no outro dia ela falava e outro dia eu estava na rua de novo. E eu tenho certeza, se ele tivesse em casa, eu não estaria na rua, porque senão eu sei que ele segura. E, sei lá eu, com a minha mãe eu nunca tive autoridade, ela não teve autoridade comigo, porque se ela falava ‘Ah, tu não vai’, não quero saber se ela dizia que não, eu ia...” 1^B

b) Indicadores de Proteção

A categoria Indicadores de Proteção está relacionada aos aspectos que favorecem a família a enfrentar os eventos estressores. Foram identificadas como subcategorias: 1) Apoio Emocional, 2) Práticas Disciplinares, 3) Atividades em Conjunto e 4) Presença da Rede de Apoio. No cartaz elaborado pelo GFB (Anexo I), aparecem: diálogo, calma,

compreensão, ajuda, tratar bem (respeito), apoio, aconselhamento e educação. Os tópicos citados pelas adolescentes estão inter-relacionados e, portanto, foram incluídos em uma mesma subcategoria, denominada de Apoio Emocional, com exceção da educação, que foi incluída na subcategoria Práticas Disciplinares.

Apoio Emocional

Para as meninas do GFB, o apoio envolve aconselhamento, compreensão, tolerância e respeito às diferenças individuais. O apoio pode ocorrer através do diálogo, que é uma conversa entre mãe e filha, como nos exemplos abaixo:

“Apoiar assim, sabe? Quando a gente está com um problema, dar apoio, mostrar o caminho, ajudar, dar conselhos.” 4^B

“1^B - É, sei lá eu, deve ser uma conversa da mãe pra filho, de filho pra mãe e que nesse diálogo a mãe dá um conselho e a filha tenta escutar, deve ser isso, pra mim é isso.

Moderadora: Todas concordam?

(fazem sinal de sim com a cabeça)

1^B - Conversar, principalmente ter calma, não ir pra agressão.”

Práticas Disciplinares

A subcategoria Práticas Disciplinares está relacionada à maneira como a família orienta a adolescente, no que diz respeito ao seu comportamento. Para estas meninas, é importante a família, principalmente a mãe, orientar e mostrar qual a melhor forma de agir. As adolescentes chamam a prática disciplinar de “dar educação”, que consiste em estar adaptada a um modelo proposto e exigido pela mãe ou cuidador:

“Porque minha mãe sempre foi aquela pessoa que sempre tentou me mostrar o caminho da verdade, o caminho certo, ela sempre tentou me mostrar uma coisa que eu poderia fazer...” 6^B

“Então, eu morava com a minha mãe, mas ela nunca me ensinava, não me levava para o caminho certo, ela sempre me levava, onde ela ia ela me levava junto. Mas a minha tia não, minha tia me ensinava que eu tinha que ser assim como ela queria, que eu tinha que ser comportada, ser obediente...” 2^B

As adolescentes do GFB compreendem que uma das formas dos pais exercerem sua autoridade sobre elas é utilizarem-se do castigo emocional. Este castigo consiste em não deixar sair, não receber telefonemas dos amigos ou telefonar, etc. Para o GFB, o castigo emocional é mais eficaz do que o castigo físico:

“4^B - Ah, eu não sei, procurar mostrar o caminho, pra eles (filhos no futuro), certo, não tocar a mão neles, porque comigo não adiantou e com meus filhos, futuramente, com certeza, não vai adiantar, porque se não quiser obedecer eu vou dar castigo, sabe, acho que se a minha mãe me criasse com castigo, eu ia ser bem diferente, que nem na X. (instituição), quando eu tô danada, aí elas pegam, elas tiram ponto e eu já melhora. (...)

Moderadora: Então, bater não resolve?

4^B - Com certeza.

Moderadora: E colocar de castigo resolve?

4^B - Talvez, depende do castigo.

2^B - A minha tia, quando eu fazia algo de errado, ela me deixava sem ver TV para não me bater.

Moderadora: E resolvia?

2^B - (faz que sim com a cabeça).”

Atividades em Conjunto

Para o GFB, essa subcategoria está relacionada à participação da família em atividades diversas e em conjunto, tais como, visitar os parentes, viajar, assistir à televisão, entre outras. Estas atividades possibilitam o diálogo, união e a aproximação entre os membros, como no exemplo da figura colada no cartaz (Anexo H) ou no diálogo:

“Eu coloquei aquela figura ali, porque é uma família que está unida e o que dá pra se notar que nesta família existe amor. Se reunir para ver televisão, conversar...” 6^B

“ 1^B ... Foi no dia das mães, que minha avó mora em X. (cidade), então a gente resolveu ir pra X. (Estado), passar o dia das mães lá, daí foi toda a minha família e chegou lá e festa e festa, e comemorar o aniversário da minha irmã. A gente foi pro rio, a gente tirou foto, por mais que não tivesse calor a gente queria tirar, fui eu, minhas outras amigas, fomos de carro e a gente tirou foto em cima da moto, do cavalo, de um boi, foi legal (...)
(...)

Moderadora: Bom, fazer um programa, diversão juntos é uma coisa que ajuda, dificulta?

2^B - Ajuda.

Moderadora: Em que sentido ajuda?... No que ajuda?

4^B Acho que ajuda aproximar mais, aproximar mais a família.

Moderadora: Vocês costumavam fazer programas junto com a família de vocês...?

2^B - Eu sim (...). Eu costumava passear, ia na casa do meu irmão de criação, eu, minha tia, minha avó, a gente ficava lá a tarde inteira.

Moderadora: E a 5^B?

5^B - Nos domingos a gente juntava todo mundo e ia pra casa da minha avó. Meu tio tem um time de futebol, ele fazia os guris jogar.”

Presença de Rede de Apoio

A rede de apoio eficaz contém pessoas ou organizações que estas meninas percebem como fonte de incentivo e ajuda. Estão incluídos parentes, amigos e o Conselheiro Tutelar:

“... eu comecei a chamar ele (tio) de pai, porque ele já tinha me criado desde pequena, nunca deu em mim, nunca me maltratou...” 2^B

“...Graças a Deus, o pastor que eu morava não eram assim, sempre gostou de mim, sempre me elogiava.” 6^B

6^B - “...Esquecer os problemas a gente não esquece, mas é uma coisa que conversando, desabafando, (...) eu tinha uma amiga e eu podia desabafar com ela, é uma coisa que eu sentia mais sã para enfrentar um problema, mais forte...”

5^B - Quando eu saí de casa, a primeira pessoa que eu procurei foi uma colega minha, por causa que eu morei na casa dela e a mãe dela tenta fazer o possível pra ela. Aí, então, a primeira pessoa que eu procurei foi ela, que eu já tinha conhecido há muito tempo. A mãe dela queria que eu morasse na casa dela, só que a mãe dela queria falar com alguém, que ninguém queria ficar comigo na minha casa...”

“...minha conselheira tá ajudando bastante, até quando eu fiz a entrevista, se eu ia vir pra cá ou ia pra X. (outro estado), (...) ela (mãe) pegou e me trouxe pra cá e a conselheira tá ajudando bastante. 1^B

c) Indicadores de Risco

A categoria Indicadores de Risco abrange os fatores que se constituem em dificuldades e problemas para a família e que podem desencadear outros eventos estressores. Estes indicadores podem ser intra ou extrafamiliares. Nesta categoria estão incluídas, de acordo com a visão do GFB, as seguintes subcategorias: 1) Descontrole

Emocional, 2) Culpa, 3) Falta de Responsabilidade, 4) Falta de Diálogo, 5) Drogas, 6) Morte ou Ausência dos Pais, 7) Violência Doméstica, 8) Violência na Comunidade, 9) Transição para a adolescência e 10) Ausência da Rede de Apoio.

No cartaz elaborado pelas meninas (Anexo I), aparecem: nervosismo, falta de controle, brigas, agressão, bater sem escutar, não ouvir (sem dar chance de se explicar), gritos, perda de um ente querido, drogas, bebida e as causas para o seu uso (falta de responsabilidade, doenças, desgosto, desculpa para fugir dos problemas).

Descontrole Emocional

A subcategoria Descontrole Emocional refere-se a uma ansiedade elevada ou, na palavra das meninas, há um *nervosismo*, que ocasiona a perda do autocontrole. E, para o GFB, tem como consequência os maus tratos e o uso de bebida alcoólica. O descontrole emocional aparece, para as adolescentes, principalmente relacionado à figura da mãe. O exemplo descrito abaixo demonstra esta subcategoria:

“4^B - O nervosismo põe tudo por água abaixo. A pessoa nervosa não consegue agir, dificulta mais, a pessoa não consegue se controlar.

Moderadora: Falta de controle?

4^B - É, descontrole.

Moderadora: Como assim descontrole?

4^B - É o que dificulta, né. Não sei se é bem isso, mas a minha mãe é descontrolada, não consegue se controlar.

Moderadora: Por que tu achas que ela não conseguia se controlar?

4^B - Eu não sei né, eu não sei.

2^B - Eu chegava lá pra resolver o problema, daí ela (mãe) já ia batendo, tinha momentos que não tinha com resolver com calma...Perdia o controle.

Moderadora: E isso pode levar a brigas?

1^B - Pode.

6^B - Com certeza.”

Culpa

A subcategoria culpa aparece no GFB como um sentimento que perpassa em todas as sessões. As adolescentes percebem que o seu comportamento contribui para a existência do abuso e, portanto, é causador de sofrimento para os seus pais ou cuidadores.

Portanto, as meninas do GFB demonstraram um sentimento de arrependimento e uma necessidade de se redimir dos seus atos frente aos seus familiares, tal como nestes exemplos:

“... Aí, eu fico pensando se a minha mãe morrer cedo tenho certeza que vai ser por causa de mim e da minha outra irmã, sabe? Porque a minha mãe está se desgastando, ela vem todos os finais de semana aqui me ver e traz isso e traz aquilo outro. Aí fico pensando: se eu tivesse em casa, ela não tinha que está passando por isso, sabe, ficaria nova, mas igual, sei lá (enquanto fala balança as pernas). Acho que quando a gente morrer, a gente vai ter que pagar muito por isso que a gente está fazendo aqui.” 1^B

“Assim, eu não pedi perdão na frente dela (mãe), mas eu conversando com Deus, orando assim, eu peço pra ele, bah, eu peço bastante perdão pra minha mãe. Só que eu não tenho coragem de falar pra ela assim, só que eu fui um pouco rebelde, rebelde demais.” 4^B

“Eu sei que eu não fui, eu não posso dizer que eu fui uma filha rebelde, mas eu também não fui uma filha exemplar, quer dizer tudo que eu fiz eu poderia ter feito melhor. Hoje eu penso assim...” 6^B

Falta de Responsabilidade

A subcategoria Falta de Responsabilidade é compreendida, pelo GFB, como a falta de condições que as meninas têm de assumirem a responsabilidade sobre os seus atos, principalmente os relacionados à prevenção de uma gravidez. Esta falta de responsabilidade é constatada pelas próprias meninas e por seus cuidadores.

“...então a gente acha que fazer sexo sem tomar precaução e amanhã ou depois acha que está grávida de uma pessoa que não vai assumir o filho. Quer dizer, amanhã ou depois vai ter que criar o filho sem pai, quer dizer, é uma realidade que nós jovens estamos trazendo pro mundo de hoje, principalmente nós, né, que tem mais chance.” 6^B

“A minha tia disse pra mim não namorar cedo, por causa que a minha irmã tem três, cinco, quatro, por aí, ela tem quatro filho e um de cada um. Cada vez que ela fala, ela diz que não é pra namorar tão cedo, porque pode acontecer, por causa que, eu tenho duas irmãs mais velhas, uma verdadeira e elas têm filho cedo e elas pegaram e não se cuidaram. Então a minha tia fala pra mim e pra minha prima e pra minha irmã.” 5^B

Falta de Diálogo

A Falta de Diálogo corresponde à ausência de momentos para conversar, trocar informações e, assim, a família não tem oportunidade de se conhecer melhor. Para as meninas, os pais ou cuidadores não escutam o que elas têm a dizer. Aparecem, então, as cobranças de forma agressiva e intolerante. Como neste exemplo:

“...pra falar do assunto tem que ser ali, do jeito que ele (tio) quiser, como ele quiser, então é uma coisa que não dava pra conversar muito com ele, porque não é assim, os tempos mudaram (...) ele não quer nem saber, não obedeceu, respondeu, ele já tá batendo, ele só fala uma vez, a segunda vez ele não fala, já bate, retrucou, respondeu, já bate. Então, ele acha que ele tem que falar a primeira vez, se tiver que falar a segunda, baixa a cabeça e vai pro quarto quieta, senão ele já bate....” 6^B

“...eu acho que nas famílias há pouca conversa e muita agressão...” 6^B

“Que nem eu, às vezes era difícil, às vezes minha mãe queria conversar comigo, mas eu não queria nem saber.” 4^B

Drogas

A subcategoria Drogas envolve o consumo de bebidas alcoólicas, o uso de tabaco e de drogas alucinógenas, como a maconha. O grupo admitiu o uso esporádico do álcool e se posicionou contra o abuso do álcool e o uso de drogas em geral. Para o GFB, o uso abusivo de álcool pode desencadear comportamentos ilícitos e agressivos, principalmente nos adultos cuidadores. Os exemplos a seguir demonstram estas idéias a respeito das drogas:

“Drogas, eu sou contra, agora bebida eu já não posso falar muito, né. Eu não sou totalmente, apesar que quando tava lá na vila eu vivia lá no meio, não vou dizer que não, se eu quisesse não faltava, nunca, isso aí eu sei, sabe, nunca toquei em nada, sei lá eu, via eles fazendo, eu olhava, achava diversão, mas nunca fui de fazer isso. Agora, bebida, eu não sei, eu não ficava bêbada, eu bebia também, não muito, mas que eu bebia, eu bebia. Bebida eu, sinceramente, eu não acho que é errado.” 1^B

“4^B - Tem que saber se controlar, deixar de beber, né. Tudo bem, eu assim já bebi cerveja, mas não, só uns dois, três goles de cerveja, que uma vez eu sai com uma amiga da minha mãe, só que a minha mãe não ficou sabendo, mas eu bebi, uns três goles de

uma latinha de ...(cerveja), mas só três goles assim, e olha que já me fez um pouquinho de mal assim, eu fiquei meia assim, meia tonta, por causa que eu não sou acostumada a beber, eu nem gosto, por isso que eu não tô acostumada, mas tem que ter limite. E drogas assim, nem pensar, mas eu já tive vontade, curiosidade também de experimentar maconha assim, aí uma vez o meu colega me ofereceu, só que ele não tava com maconha, daí eu peguei, bah, peguei assim, “se tu quer tu vai né, eu não, não sou Maria vai com as outras”, né, mas eu já tive curiosidade, mas nunca, eu pensava, bah, e se eu me viciar, bah que coisa horrível, mas eu também sou contra, mas já tive vontade de experimentar. Teve uma fase assim, sabe, até eu pensava que eu tava meio louca... (1^B ri).

5^B - (5^B interrompe 4^B) Ah, eu sou contra a bebida e a droga, eu e meu irmão.”

“...Eu gosto de tomar vinho, mas fumar drogas eu nunca fumei, só fumei cigarro normal, drogas não. E eu sempre tomava vinho com o meu tio, mas o que eu nunca botei na boca foi cachaça.” 2^B

“2^B - A pessoa bebe e faz uma bobagem, aí faz aquela bobagem. Em compensação os que não bebem não fazem. O meu padrasto ele bebia e ficava sempre dizendo bobagem.

Moderadora: Que tipo de bobagem ele dizia?

2^B - Dizia que ia matar, que ia roubar, que às vezes a pessoa bebe e daí faz qualquer coisa.

Moderadora: E na tua família 5^B?

5^B - Ah, quando meu tio bebe, ele fica que nem louco, mas do contrário, quando ele não bebe, ele fica nervoso assim, fica querendo bater.

Moderadora: Quando ele bebe, ele fica louco e quando ele não bebe ele fica querendo agredir vocês?

5^B - É tia, ele diz que vai matar os meus primos.

(...)

2^B - O meu tio bebia e jogava tudo fora, daí tudo assim que ele tinha recebido, daí ele pegou e comprou um monte de coisa, daí ele começou a beber e dali a pouco começou a vender assim.

Moderadora: Ele vendia pra comprar bebida ?

2^B - Pra comprar bebida.

1^B - É, mas isso acontece pra quem é viciado, pra quem é viciado, sei lá eu, meu pai bebe uma champanhe só em final de ano, sei lá eu, acho que como no caso dela, isso aí pra mim é vício, sair vendendo as coisas dentro de casa pra comprar.”

O GFB apontou que o uso de drogas é ocasionado pela “falta de controle”, “fuga dos problemas” e/ou pela “falta de caráter”. E, assim, suas conseqüências são os maus tratos e as atitudes ilícitas. O uso exagerado de drogas e de bebidas alcoólicas é visto, então, pelo GFB, como um indicador que impede a felicidade da família:

“Moderadora: ...mas por que as pessoas bebem muito?

2^B - Não têm controle.

4^B - Não sei, tem umas que bebem aí, pra esquecer os problemas.

1^B - Uma coisa que é mentira, se beber exagerado ou é por sem vergonhismo, ou porque, como ela disse, inventar que é pra esquecer os problemas. Acho que a gente esquece resolvendo e não é com bebida, com drogas. Se bem que esquecer os problemas tem que se resolver, senão não consegue resolver, bebendo ou não. Até pelo contrário, se bebe, aí que pensa mais, e também os outros que têm idéias na cabeça, aí não sei do quê, que eu vou fazer isso e aquele outro e não consegue fazer e bebe pra ter coragem. Também, acho que é isso, que usa a bebida pra ter coragem pra muitos, quando pensam: 'Aí eu quero roubar, eu quero matar e não tenho coragem de fazer'. Então, acham o caminho na bebida. Eu acho que a bebida não é pra isso.

6^B - Eu acho que é para fugir dos problemas, não só para esquecer.”

“Eu acho que onde existir droga e bebida exagerada na família, não tem felicidade,(...) mas, como tem vários casos onde tem bebida e droga, destrói toda a felicidade de uma família.” 1^B

Ausência ou Morte dos Pais

Essa subcategoria está relacionada ao falecimento ou ausência de uma pessoa amada de sua família. O sentimento de perda ocasiona uma necessidade de valorizar a pessoa ausente, principalmente aquela que faz parte da sua rede de apoio social e afetivo:

“...depois que minha mãe faleceu, sei lá, tudo mudou. Como se eu tivesse me perdido e não tivesse conseguido me achar.” 6^B

“...um caso verdade, porque é uma realidade que a gente vive muito esses casos. Eu fui uma que me criei sem pai, ele foi embora. Ele fez falta...” 6^B

Violência Doméstica

A subcategoria Violência engloba os comportamentos abusivos no contexto familiar, tais como: abuso físico e emocional, além da negligência e do abandono. O abuso sexual aparece de forma sutil na fala das meninas, quando se refere ao fato da mãe não perceber o perigo que a menina corre ao ficar sozinha com o padrasto. Os agressores mencionados foram a mãe, o padrasto ou os pais substitutos. O abuso físico aparece como decorrência da falta de controle dos pais e como uma forma de punição a um comportamento da menina não aprovado pelos mesmos:

“Eu falava isso pra ela (mãe), aí ele estava sempre brigando comigo, ele (padrasto) ia e voltava pra casa assim horrível. (...)E, no meu irmão ele dava bastante também, ele dava muito, assim, uma vez ele veio pra dar em mim eu quebrei um espelho nele assim..” 4^B

“Daí, eu morava numa família lá, só que daí eles eram de uma religião, aí eu não queria fazer as coisas que eles mandavam, daí eles me colocavam de castigo no milho, na tampinha.” 2^B

“4^B - O que ela (mãe) fazia? Que ela dava em mim.

Moderadora: Sem motivo?

4^B - É, não sem motivo, às vezes não tinha motivo, mas nem sempre assim, era por pouca coisa, me batia um monte, por isso que eu estou aqui. Um dia ela deu tanto em mim, me deu tanto em mim, eu peguei e fui no Conselho, eles se apavoraram, me pegaram e me trouxeram pra cá, por causa que a minha mãe disse que ia me matar: ‘Ah vou pegar essa guria dormindo, vou matar ela’...”.

O abuso emocional está relacionado ao fato dos abusadores provocarem o sentimento de medo na adolescente, ao expô-la às situações de perigo ou ao não permitir que a mesma seja ouvida:

“.. que ela (mãe) trocava de marido, ela sempre sentia uma pulsão de deixar a gente sozinha em casa com o padrasto e eu não gostava disso, eu tinha medo. Daí eu dizia pra ela, ‘mãe, eu não quero ficar em casa, eu não gosto’, daí ela pegava e saía e dizia, ‘daqui a pouco eu tô aí’ e não vinha.. (...) eu ficava assim nervosa, ele era muito nojento, ele fumava drogas assim..” 2^B

“Eu já muito apanhei da minha mãe por causa disso, fui tentar explicar e ela preferir acreditar nos outros do que em mim e não ouvir, né... e eu já muito passei de mentirosa e tudo.” 6^B

A negligência aparece como a falta de provimentos, por parte dos cuidadores, necessários para o desenvolvimento físico, cognitivo e emocional saudável da adolescente:

“Assim, teve dias que eu fiquei uns quinze dias sozinha, só eu e meu padrasto e meus irmãos que a minha mãe disse que vinha e tinha sumido. Daí ela pegou, ela vinha, pegava minha irmãzinha e sumia também (...) Tinha dias que a minha mãe nem vinha, que ela nem voltava, que ela dormia no chão, com o meu irmão e com a minha irmã. Ela

ficava uns vinte ou quinze dias na rua, teve casos que ela ficou até vinte e cinco dias na rua, (...) E eu ficava sozinha em casa, não tinha nem como ir pro colégio...” 2^B

A violência doméstica é compreendida pelas meninas como uma repetição de uma prática disciplinar aprendida e transmitida através das gerações, isto é, seus pais ou cuidadores repetem o mesmo comportamento dos seus pais, como neste exemplo:

“6^B – Ele (tio) acha que foi criado de uma maneira e tem que criar os filhos da mesma maneira.

Moderadora: Ele foi criado apanhando, é isso ?

6^B - Sim, é porque, em primeiro lugar, ele nem pai teve, porque meu avô faleceu ele não teve tempo de conhecer meu avô. Então, ele foi criado só com mãe e ele era muito desobediente. Então, minha avó, por mais que ela não quisesse, ela se obrigava a bater nele, é uma coisa que hoje ele tenta criar os filhos deles assim, não obedeceu, ele bate.

(...)

4^B – ...Ah, eu não sei, também a minha mãe disse que foi criada, que a mãe dela batia muito nela, que não sei o quê, aí o que eu ia falar... eu ia falar um negócio e esqueci.

Moderadora: Todas vocês concordam com isso que a 4^B falou ?

5^B - Ah! O meu tio dizia que, quando ele foi criado pela mãe, ele dizia que se ele saía na rua assim, ele tinha que fazer tudo que a mãe dele mandava fazer. Se ele não fizesse a mãe dele batia nele, agora ele quer criar todos os filhos dele assim, só batendo.”

Violência na Comunidade

Esta subcategoria está relacionada aos atos agressivos que ocorrem nos locais em que suas famílias residem, tais como: mortes, uso e tráfico de drogas, etc., que colocam a adolescente e sua família em risco. Como no diálogo abaixo:

“1^B - Uma amiga minha, essa que eu contei, quando o pai dela bebe, ele acorda todo mundo com o som de manhã. Vai desligar só no outro dia às três, quatro horas da manhã. Incomoda, isso é uma chateação pra gente.

4^B - É, assim. A violência, eu acho que tem a ver. É perigoso sair na rua!

Moderadora: A violência na vizinhança. Tu concorda 2^B?

2^B - (faz que sim com a cabeça)

5^B - Lá perto de casa todo dia tem brigas e morte.

(...)

1^B - Bah! Eu morava lá antes de ir pra X. (outro bairro). Bah! Que vila, cada dia tinha um morto.

4^B - É, hoje em dia não é tanto assim, mas o problema é que o crime, bah, o crime rola solto lá, muita coisa assim, ia comprar alguma coisa no armazém, bah o cheiro assim horrível de maconha.”

Transição da Infância para a Adolescência

Essa categoria envolve as mudanças oriundas da passagem da fase da infância para a adolescência. Está relacionada à maneira de interagir e de se relacionar da menina com a sua família e vice-versa, na sua infância e atualmente. Para o GFB, na infância, os pais proporcionavam mais liberdade, demonstravam mais confiança, afeto e cuidados do que proporcionavam uma relação próxima entre pais e filha. As meninas consideram que esta proximidade não ocorre na adolescência. Por outro lado, aparece um comportamento mais submisso ou passivo da menina em relação às ordens dos cuidadores durante a sua infância. Os diálogos demonstram estas questões:

“4^B - Pra mim, minha família... foi aí que começou a mudar, não como tá hoje, mas era bom.

Moderadora: O que tinha na família que era bom?

4^B - Ai, sempre fui eu, minha mãe e meu irmão, a gente se dava super bem, ela me dava assim, bastante liberdade, que hoje em dia, oito horas assim, por exemplo, já é tarde. E quando eu era pequena não, assim, ela achava que eu estava com as minhas amiguinhas, levava pro colégio, me dava bastante carinho.

Moderadora: 3^B como que era quando tu tinhas oito, nove anos de idade?

3^B - Era bom. (...) É, eu era mais amiga da minha mãe.

6^B - Eu acho que é a melhor fase, que uma fase assim que mais criança assim, apesar de que eu acho que tem uma fase que a gente começa, como dizia a minha mãe, ‘ai, tu tá começando a branquear os meus cabelos’. A gente começa a entender mais assim da vida, então essa idade a gente aprende bastante, foi uma fase muito boa da minha vida, porque eu era rodeada de amor e carinho, apesar de não ter meu pai, eu tinha meus tios, tinha minha avó, tinha minhas tias, a minha irmã, e uma coisa assim que até essa idade (dez anos) eu estava rodeada de gente com amor e carinho.

(...)

1^B - (mexe as mãos e sacode as pernas enquanto fala) Sei lá, eu acho que como eu era menor a única coisa que eu fazia eu brincava mais, incomodava menos, me divertia mais, me divertia menos aliás, porque agora eu me divirto mais. Quando eu era menor eu acho que eu recebia mais carinho, não que eu não receba, sei lá eu, a minha mãe tinha mais atenção por ser novinha, deixava também, como ela disse, deixava brincar e como ela disse, deixava brincar na casa das amiguinhas. Sei lá eu! Acho que quando eu era menor eu tinha mais liberdade que eu tenho agora, agora moça, né. Essa foi a minha infância”.

“4^B - Minha mãe conforme eu fui crescendo, cada vez mais eu fui aprendendo

Moderadora: Cada vez o quê?

4^B - Aprendendo, não deixando eu sair!

Moderadora: Aconteceu isso com vocês também ?

2^B - *É que eu já não fazia tanta coisa que eu faço agora então, quando eu era pequena eu não fazia o que queria, a minha tia dizia para eu fazer uma coisa e eu fazia.*”

Ausência da Rede de Apoio

Esta subcategoria identifica a falta de uma rede de apoio capaz de fornecer condições satisfatórias e de proteção à adolescente. Foram citados os familiares, o Conselho Tutelar, a instituição na qual estão abrigadas, a vizinhança onde reside a sua família e os órgãos e agentes de segurança pública.

Para algumas adolescentes, os membros da família não fornecem condições favoráveis para que a menina se desenvolva e aprenda. Então, surge um sentimento de não poderem contar com estas pessoas quando necessitam de auxílio. Como na fala a seguir:

*“...sempre fui eu por mim mesma, minha mãe não sabe nada, então eu que faço (lições da escola), não tinha ninguém para me ensinar nem para me auxiliar...”*4^B

Para algumas meninas, o Conselho Tutelar aparece como ausente e negligente, pois não as visita e nem as informa sobre a sua situação, isto é, como está sendo encaminhado seu processo e qual o rumo a ser adotado:

*“Minha Conselheira me colocou aqui dentro e depois nunca mais vi ela, nunca mais (...) eles não tão me comunicando, eu deveria estar a par do que está acontecendo, eu até agora estou bem perdida, não sei que decisão tomar, o que está acontecendo...”*6^B

Da mesma forma, a instituição é vista como um local que não supre suas necessidades de acolhida, pois, segundo as meninas, não há disponibilidade das pessoas ou profissionais para ouvir os seus problemas. Como no diálogo:

*“5^B - É que na hora eu não falo (nos grupos e atendimentos promovidos pela instituição)
Moderadora: Aí não adianta, a pessoa não pode ajudar.*

4^B - É muito pouco tempo, eu não sei, mas não dá pra falar quase nada, tu tá ali no papo mesmo e acaba o tempo, é meia hora só.

2^B - *Eu que chego no meio dia, aí, sempre que eu vou falar com a tia X., “tia X. tá almoçando, tia X. foi sair”, “tia Z., que horas a tia X.”, “tia X. tá atendendo” aí nunca dá pra mim pegar numa hora certa, sábado também não dá, ela não vem!*

6^B - *Tem que ver também que a psicóloga que tem atendimento de graça e tem a disposição de pegar aquela pessoa, porque muitas delas (meninas) aqui pagam. Elas trabalham e pagam.”*

Além disso, a instituição é vista como um local apropriado para “redimir-se de seus erros”, pois o fato de estar abrigada para essas meninas é visto como uma punição. O GFB abordou, também, o sentimento de perda da liberdade e dos seus direitos por estar institucionalizada:

“É, esse lugar aqui, ele serve, como eu vou dizer, tipo um lugar assim, onde realmente dá pra parar e pensar no que nós fizemos, onde que assim, o preço de um pecado é a morte da nossa liberdade que a gente tinha. Porque lá fora a gente achava ruim, que, eu mesmo, eu em casa, na casa dos meus tios, eu achava ruim, porque meu tio não me deixava sair, porque não me deixava (...) Então, é uma coisa assim esse é um lugar bastante pra gente parar e pensar nos nosso erros.” 6^B

“E aqui na X. (instituição) eu estou sentindo muita falta, porque quando eu tava em casa, como eu disse, eu podia fazer o que eu fazia, mas o meu estudo, ia todo dia pro colégio, uma coisa que eu gostava e aqui na X. (instituição), as tias disseram que em agosto ninguém mais ia pro colégio, uma coisa que eu acho um erro, né, meu direito, eu quero estudar” 1^B

Outro aspecto relacionado à instituição é a forma disciplinar adotada, que gera um sentimento de insatisfação e indignação nas adolescentes. O GFB admite que a prática disciplinar adotada pela instituição funciona no sentido de evitar comportamentos ou atitudes agressivas ou de revolta das meninas, como neste exemplo:

“4^B - Tipo: cortam passeio, cortaram passeio, agora não tem mais, por causa que, nem sei o que eu tinha feito, sei lá. Acho que eu gritei com as monitoras, alguma coisa assim, aí elas me deixaram sem passeio.

2^B - Que nem agora, hoje eu paguei vinte pontos, daí eu disse pra tia ‘eu vou sair, amanhã eu vou na aula de dança’, aí ela disse: ‘eu não sei, primeiro eu vou olhar a tua ficha’, daí eu disse: ‘Ah tia, se tu não deixar isso, aí que eu vou começar a perder pontos’ aí ela disse: ‘Eu vou pensar, amanhã te dou a resposta’.

(...)

6^B - Eu nem aqui desde que eu vim pra cá só perdi cinqüenta pontos, por causa da roupa, que tem o negócio, eles fazem reunião, e um dia de noite tinha tido festa aqui e eu me esqueci de descer a roupa suja, daí eu perdi cinqüenta pontos. Desde que eu vim pra cá

eu só tenho isso, é uma coisa que depende muito da gente, eu não sei, se eu fizer alguma coisa, esse negócio de ponto nada a ver, eu não nasci de pontos nem nada.

2^B - Quando eu estou de mau humor, a tia diz: 'Vou te tirar ponto', 'Eu não tenho medo de ponto', 'Ah, tu não tem medo', 'Eu não nasci com ponto'. Aí ela: 'agora sim eu vou te tirar mais ponto ainda'.

1^B - Que nem eu, quando a tia falou para limpar e eu disse 'eu não vou fazer, é muito nojenta'. Daí ela pegou e disse 'Vou te tirar cem pontos'. 'Eu com isso, pode me tirar quanto quiser' daí, ela 'Ah, duzentos' daí ela 'Se tu continuar falando, vai ser trezentos, até tu parar de falar'. Aí ela me tirou duzentos pontos mesmo, aí eu paguei um pouco.

Moderadora: Mas vocês acham que isso funciona?

1^B - Aqui funciona."

A ausência de rede de apoio aparece, também, na vizinhança. Esta é formada pelas pessoas que vivem na mesmo bairro ou comunidade. As adolescentes consideram que há muitos comentários desfavoráveis que prejudicam as relações familiares, como no seguinte exemplo:

"4^B - Acho que pode sim, por causa que tem muita fofoca assim.

1^B - É, que o negócio é assim, se a gente faz isso daqui, não porque a gente já fez isso e aquilo outro, daí eles aumentam mais e eu acho assim, quanto eles mais aumentam, na hora, se a mãe tá nervosa, ela acaba acreditando em tudo, não espera a gente falar assim "não mãe, não foi assim". É que a fofoca né, se a gente falar, aí foi ali na esquina e conversou com dois amigos, ah, não foi ali já estava fazendo outras coisas. É esses os problemas e o que a gente faz. Eles inventam um monte de coisas e a nossas mães acabam pensando: 'pô, será que a minha filha tem coragem de fazer isso' e no final a gente vai tentar se explicar a mãe ainda acha que a gente tá mentindo (enquanto 1^B fala, 4^B concorda com a cabeça).

(...)

4^B - E também assim, às vezes os pais também exageram por causa da vizinhança.

1^B - E depois ficam falando da gente. Doeu, sei lá eu e depois é ruim mesmo, apesar que o que a gente faz, e o que a gente não faz, tem a ver com a gente e com a família, mas o que a gente pode fazer se tem uns intrometidos que quer se intrometer na vida dos outros, matar a gente não vai, né?."

Quanto aos órgãos de Segurança Pública, como os policiais, estes são vistos como coniventes com a violência e com as situações ilícitas, no caso, o uso e tráfico de drogas:

"1^B - Por incrível que pareça, muitas vezes descia a polícia, entrava no meio deles (traficantes) e ficava no barquinho deles. Em vez de fazer o serviço, de pegar e levar, não, chegava ali umas duas viaturas e iam ali. Depois veio uns tempos que veio outros, aí eu era revistada todo santo dia quando eu ia pro colégio, os brigadianos faziam tirar

todas as coisas que tinha na minha mochila, me sentia tri mal. Sendo que aqueles outros que faziam junto com eles, se tivesse levado eles, não, depois quem sofre é a gente quando passa ali. Sofria no caso de falar 'aí, é revistada todo dia'. Eu me sinto mal, sendo que eu não tenho nada a ver com isso .

Moderadora: Então a polícia em vez de ajudar ...

1^B - Em vez de ajudar, mas é verdade, pode achar que é mentira, mas chegava duas viaturas quase sempre lá e entrava no bolinho deles ali e cheirava e fumava (enquanto 1^B fala, 4^B concorda com a cabeça).

4^B - Os policiais são muito abobados, tia, eles pegam assim, e sempre isso, quantas vezes eles ficam fumando maconha ali e pegavam e tiravam a maconha e a gente estava ali e não dava nada e dali a pouco, meia hora, já estava louco ...”

d) Expectativas de Futuro

Foram categorizadas as respostas referentes ao questionamento sobre as “coisas boas que gostaria que acontecesse contigo” e “se gostaria de constituir uma família no futuro”. A categoria Expectativas de Futuro está relacionada aos planos e metas traçados pelas adolescentes em relação ao seu futuro a curto e médio prazos. Estas expectativas estão relacionadas ao contexto familiar e à sua própria história de vida.

A curto prazo, aparecem a saída da instituição e o retorno para a família, como no exemplo:

4^B – “...E duas coisas que eu gostaria que acontecesse era primeiro, eu gostaria de ter muito sucesso na minha vida e segunda, eu gostaria de voltar para a minha família, onde que a minha mãe está morando, são as duas coisas que eu gostaria.

1^B – ... e duas coisas que eu gostaria que acontecesse, que eu conseguisse sair daqui de dentro e que eu voltasse pra minha família e que voltasse tudo como era antes também.”

Como também, aparece a curto prazo o desejo de mostrar aos familiares que houve uma mudança no seu comportamento:

“Eu espero, depois que eu sair daqui, porque se Deus quiser eu vou voltar pra casa deles, sempre que eu vou estar lá eu vou saber retribuir o amor, o respeito, ouvir os conselhos bons, quer dizer, uma coisa que enquanto eu estava com eles, eu não respeitava.” 6^B

A médio prazo, aparecem a constituição de uma família e a construção de uma carreira profissional. Das seis meninas, apenas uma não soube responder se queria ou não casar e ter filhos, uma não quer constituir uma família no futuro por *medo de sofrer*, e as outras quatro querem casar e ter filhos (um ou dois). A idade para casar é em torno dos vinte anos e ter filhos somente quando tiverem condições de sustentá-los.

“Moderadora: E como é essa família?”

4^B - Começa com marido, né, depois com os filhos e assim vai indo (...) Eu queria ter dois filhos, mas não sei, não quero ter muito cedo.

Moderadora: Com que idade ?

4^B - É, isso aí vai depender, se eu for atriz, sei lá, vai depender, não sei. Eu acho que tem que ter idade, mas eu quero dar de tudo para o meu filho. Eu quero estar com meu futuro construído, com uma carreira boa, pra poder dar de tudo pro meu filho. Não deixar faltar nada. Dar confortos, estudo pra eles, tudo assim. Daí, quando eu ver que eu tenho, assim, condições, aí, daí sim eu posso pensar em filhos, mas por enquanto não.

Moderadora E para vocês, gurias ?

6^B - Não sei, eu já me vejo sozinha futuramente, sei lá, não digo impossível, pra Deus nada é impossível, mas é difícil, mesmo porque eu tenho medo, uma coisa assim que eu morro de medo de construir uma família e perder tudo de novo. Eu fui perdendo toda a família que eu tinha, eu fui perdendo aos pouquinhos, como eu me vejo hoje sozinha.(...)

1^B - Eu pretendo, no futuro, trabalhar, casar e ter filhos bem mais tarde. Eu quero, como é que eu vou dizer, eu quero dar alegria de novo antes pra minha família, quero trabalhar bastante, ajudar também, como ela disse, depois, mais tarde, eu vou pensando, mas o máximo que eu quero ter é dois e trabalhar pra dar tudo do bom e do melhor.”

Quanto às características do futuro parceiro, as meninas alegaram que o mesmo deverá ser *“honesto”, “fiel” e “trabalhador”*. Os atributos físicos não foram citados. Como no exemplo abaixo:

“Ah, sei lá, nem sei, eu quero ter marido, mas têm vezes que nem sei, hoje em dia esses caras não dá para agüentar. Eu me apavoro. Eu não quero maloqueiro, não gosto, tem uns chinelos, eu tenho pavor! Assim, às vezes, eu penso quando a gente deita a cabeça no travesseiro de noite, aí eu não tenho sono e começo a pensar até dormir. Eu penso na minha vida assim, eu quero que seja um marido honesto, mas eu me preocupo, eu tenho muito medo de ser casada e ser traída, isso que me preocupa mais, ser traída assim, chega a me dar uma coisa só de pensar, eu não admito assim dividir.” 4^B

Há uma expectativa em relação à forma de disciplinar, de educar e de passar valores para os seus futuros filhos. As adolescentes pretendem que esta relação seja diferente da forma estabelecida por seus pais:

“Ah, eu não sei, procurar mostrar o caminho, pra eles, certo. Não tocar a mão neles, porque comigo não adiantou e com meus filhos, futuramente, com certeza, não vai adiantar, porque se não quiser obedecer eu vou dar castigo, sabe, acho que se a minha mãe me criasse com castigo, eu ia ser bem diferente (...). Quero também, mostrar o caminho certo pra eles, mostrar o valor da vida, por causa que a vida tem valor, eu quero mostrar isso pra eles, não sei como, mas de alguma maneira, quando eu tiver os meus filhos.” 4^B

Aparece, também, a médio prazo, o retorno aos estudos que possibilitarão cursar uma universidade e ter uma profissão onde haja certo *status* e reconhecimento. Duas meninas afirmaram não ter expectativas em relação a uma profissão no futuro. Exemplo:

“1^B - O meu sonho mesmo, se é que um dia vai se realizar, é ser advogada, mas eu acho que pra gente, se a gente tem estudo, nada é impossível, mas um dia se eu não puder ser advogada, eu gostaria de ser psicóloga também, um dos dois, eu vou lutar pra ser um dos dois, nem que pra isso eu me vire em dez. Eu quero, né, e acho que um sonho da gente não pode se apagar tão fácil.

6^B - Eu pretendo me formar por Direito, não sei, mas eu sou meio indecisa, me interesso muito por artesanato (...).

4^A - Eu já quero ser famosa, quero ser atriz, não sei se vai ser possível!

Moderadora: O que tu queres ser 5^B?

5^B - Nada. (coloca a mão no rosto e ri)

Moderadora: Nada?

5^B - Só Deus sabe (coloca as mãos no rosto).”

3.2.4 Discussão

Os resultados obtidos, através da identificação das categorias de sentido encontradas no GFB, são discutidos visando à integração e à compreensão dos dados. A metodologia aplicada forneceu dados para a realização de uma análise qualitativa. Essa análise possibilitou que a discussão envolvesse a síntese dos resultados, as inferências e a interpretação com base no modelo ecológico do desenvolvimento humano, proposto por Bronfenbrenner (1979/1996; 1986; 1989; 1993; Bronfenbrenner & Morris, 1998) e complementado por estudos atuais sobre família, vulnerabilidade e resiliência (Garnezy, 1996; Hawley & DeHaan, 1996; Rutter, 1987,1990; Szymanski, 1992,1997; Walsh, 1996; entre outros).

Família

O tema central da pesquisa e que gerou a discussão pelo GFB está relacionado aos aspectos que envolvem a compreensão sobre as relações familiares. Diante dos comentários destas adolescentes, pode-se observar qual é a visão em relação à configuração familiar (quem faz parte da família) e os papéis do pai, da mãe, dos irmãos, da filha e da família.

De acordo com o levantamento das subcategorias contidas em Família, identificou-se que, na visão destas adolescentes, a família é configurada apenas por pessoas que possuem algum grau de parentesco, sendo que o laço consangüíneo é um fator importante na identificação de uma família. Além disso, para GFB, a presença de pelo menos um dos pais e a existência de uma relação hierárquica deles sobre seus filhos apontam para a delimitação da constituição de uma família. Berenstein (1988) afirmou que o modelo de família com base no parentesco é descrito nas definições antropológicas e envolve três tipos de vínculos: consangüíneo, de aliança e de filiação. Este tipo de configuração também é descrito por Szymanski (1997), como um modelo idealizado da família nuclear burguesa, onde a estrutura predominante é a do pai, mãe e filhos. Portanto, parece que as adolescentes do GFB apresentam uma visão de acordo com um modelo idealizado e valorizado pelo macrosistema e, assim, restringem o seu microsistema familiar àquelas pessoas com grau de parentesco. Outras pessoas, que poderiam ser incluídas pela afetividade e apoio emocional, não são citadas como membros da família. Esta forma de configurar a família pode ser compreendida como um risco para essas meninas, pois o modelo idealizado não corresponde à sua realidade (apenas uma das participantes residia com os pais e irmãos).

Para o GFB, o papel da mãe é de fornecer apoio, afeto e educação diária, e o do pai é de sustentar financeiramente a casa e de transmitir autoridade ao impor limites. Zamberlan, Camargo e Biasoli-Alves (1997) descrevem esses papéis como pertencentes à família nuclear. A mesma definição dos papéis dos pais ocorreu com adolescentes pesquisados por Wagner e Bandeira (1996, p. 118), que residiam com suas “famílias originais”, isto é, com o pai, a mãe e os irmãos. Esse modelo de percepção sobre a família

também é comentado por Szymanski (1997, p. 26) como o “modelo de família nuclear burguesa com conotação normativa”, onde existe um modelo pai-mãe e filhos estáveis dessa relação, dentro de uma ordem e estrutura estabelecida num contexto de autoridade patriarcal. Porém, para Szymanski, ele advém de um “discurso oficial” (p. 25), imposto pelo discurso das instituições, da mídia e dos próprios profissionais que elegem uma determinada forma de interação familiar como a ideal.

A definição dos papéis dos pais descritos pelas adolescentes do GFB pode estar representando um discurso sobre os papéis sociais idealizados e valorizados pelo macrossistema dessas meninas. O papel de mãe, por exemplo, é identificado pelo discurso: “*mãe é mãe*” ou “*mãe é para dar amor, carinho, pra consolar*”. Ao mesmo tempo, o GFB, apesar de identificar estes papéis parentais de forma idealizada, se dá conta que no seu microssistema familiar os papéis desempenhados por seus pais são diferentes desse discurso. Uma menina acrescenta “*...talvez elas (mães) foram feitas para isso, mas não são todas, né?*”. Sendo assim, a mãe, por exemplo, também pode ser vista como uma pessoa que comete erros e que inspira sentimentos desagradáveis em função dos maus tratos: “*a minha mãe para mim é um bicho (...) eu odeio minha mãe, o que ela me fez*”. No entanto, aparece uma necessidade de que este papel exista, e, então, elegem no seu microssistema familiar outras pessoas para assumi-los, como a irmã ou a tia: “*É como a minha segunda mãe (irmã)*” ou “*A minha tia estava fazendo parte da minha vida, me ensinando o que era certo*”. Por outro lado, as pessoas que não possuam algum grau de parentesco, como a madrasta, são rejeitadas pelo GFB.

O papel social da figura paterna, para estas meninas, está relacionado à sustentação da casa e à imposição de limites, isto é, “*pai serve para não deixar fazer o que a gente quer*”. Porém, cinco das seis meninas do GFB não conhecem o pai ou ele está desaparecido. A única menina que residia com o pai também relata o distanciamento físico e emocional: “*meu pai trabalha de noite e eu sou muito de ficar na rua*”. Szymanski (1992) abordou a questão da participação dos homens nas famílias de nível sócio-econômico baixo. As famílias são constituídas sem a presença do pai, ocasionada pelo abandono ou separação. Evidencia-se a dificuldade em estabelecer novas regras e se adaptar a esta nova realidade, pois persiste a idéia do modelo do homem como provedor financeiro e de autoridade. Fonseca (1995) acrescentou que a identidade paterna é

assegurada para a família através da presença de tios e avós paternos na vida da criança, portanto a ausência física do pai não implica sua ausência simbólica. Parece que o GFB tem a visão do papel do pai de acordo com o papel social idealizado pelo macrosistema. E, assim, apresenta certa dificuldade em perceber o distanciamento entre o ideal e a sua realidade. Este fato pode ser compreendido como um indicador de risco, à medida em que não permite que estas meninas articulem outras formas de estruturação familiar. Pois esta configuração não permite que outras pessoas assumam o papel de autoridade na família, mediante a ausência do pai.

O padrasto, por exemplo, para as adolescentes do GFB, não é compreendido como uma figura de autoridade: *“agüentei sete anos o meu padrasto pra conseguir tirar ele de casa (...) pior que um estranho até, um monstro”*. As experiências de substituição de pessoas em suas famílias não foram satisfatórias. E o pensamento que predomina é que *“um padrasto não substitui o papel do pai”*. Então, parece não existir um modelo de autoridade presente que possa mostrar os limites e fazer o contraponto necessário para manter a estabilidade e senso de equilíbrio nas relações familiares, principalmente diante de mudanças, como a adolescência.

O papel de irmão, para o GFB, está voltado para a orientação e o apoio emocional. Porém, há um distanciamento real físico e emocional entre os irmãos. Das seis meninas, cinco possuem irmãos que residem com outros familiares ou em outras localidades. O contato entre irmãos é esporádico ou inexistente. E, quando existe, as relações não são boas, com exceção de uma menina do GFB que citou sua irmã como uma pessoa próxima afetivamente. Fonseca (1995) abordou a questão da circulação de crianças em famílias pobres como uma necessidade de sobrevivência. E este fato pode ser um dos motivos da separação dos irmãos, como descreve o exemplo: *“É que quando a minha mãe faleceu, a minha avó pegou e separou cada um (irmãos)... e eu fiquei com o meu tio”*. Portanto, o papel de irmão também é idealizado por essas meninas em função da realidade de afastamento entre os irmãos.

O papel da filha, para o GFB, está centrado em retribuir e agradecer aos pais os cuidados recebidos, realizando as suas expectativas, como estudar, ser obediente, etc. Esse papel, segundo Szymanski (1994, p. 223), assemelha-se ao papel existente na “família pensada”, no qual suas tarefas consistem em ajudar nos afazeres domésticos e

estudar para ter uma vida melhor. O papel de filha, de acordo com a abordagem dessas meninas, parece que está calcado numa idéia de submissão e de arrependimento (ver subcategoria Culpa). Portanto, o papel torna-se empobrecido, no momento em que serve para contentar os outros e, ao mesmo tempo, negligenciar os seus próprios desejos e aspirações.

Por outro lado, a família serve, na visão dessas meninas, para fornecer tranqüilidade: “*o sono tranqüilo*” e sua função é de proteger seus membros. Blechman, McNamara e Wills (1996) afirmaram que o bem-estar do adolescente está relacionado ao fato da família fornecer apoio e acolhida. Para Hawley e DeHaan (1996), a família, freqüentemente, serve como proteção para seus membros, se alguns fatores estiverem presentes, como, por exemplo, a confrontação pró-ativa dos problemas, ou serve como risco, quando há conflitos, desavenças, etc. Então, parece que as famílias destas meninas não exercem esta função de proteção, pois não proporcionam tranqüilidade, ao contrário, são indicadoras de risco, pois há desavenças, abusos e o abandono (ver categoria Indicadores de Risco).

O papel da família é visto, também, em relação a sua expressão de autoridade. A relação dessas meninas com suas mães ou cuidadoras evidencia um confronto permanente e a refutação às ordens e orientações. O pai, por sua vez, é visto como detentor de autoridade, mas não está presente fisicamente para exercê-la. No relato da pesquisa realizada por Szymanski (1994, p. 223), a autoridade na família “pensada” é exercida pelo pai e somente na ausência do mesmo a mãe poderá assumi-la. Na família “vivida”, a autoridade evidencia uma inferioridade social em relação às mulheres e às crianças. Parece, então, que estas meninas repetem um modelo idealizado ao depositarem a autoridade na figura paterna, e reforçam esta inferioridade social ao refutarem a autoridade da mãe.

Ao concluir a discussão sobre a categoria família, observa-se que a visão do GFB sobre a configuração familiar é restrita à estrutura de parentesco, o que ocasiona uma rede familiar formada por poucos componentes (ver subcategoria Ausência da Rede de Apoio). Este fato pode ser compreendido como risco, no momento em que a menina necessita de pessoas para apoiá-la e não as encontra.

Em relação aos papéis dos membros da família, estes são idealizados pelas meninas. No entanto, algumas destas meninas conseguem perceber o distanciamento entre o papel ideal e o experienciado no seu contexto, principalmente em relação ao papel da mãe e, assim, elegem outra pessoa, com grau de parentesco, para assumir a educação, orientação e o apoio. As outras meninas do GFB mantêm a visão idealizada e cristalizada sobre os papéis familiares. A experiência desagradável na substituição de pessoas que poderiam assumir estes papéis e a rigidez em aceitar outras pessoas no contexto familiar colaboram para a idealização dos papéis parentais, principalmente o do pai. O papel da família, por sua vez, também está idealizado. Cowan (1991) afirmou que a ruptura da imagem idealizada da família é um aspecto esperado durante o processo transacional de desenvolvimento na adolescência, fato este que ainda ocorre com estas meninas.

Parece, então, que estas adolescentes demonstram certa dificuldade em vislumbrar o seu microsistema familiar de forma mais realística, isto é, com os papéis, atividades e inter-relações existentes no seu contexto. Esta percepção torna-se um obstáculo para si e para os demais membros da sua família. Ela dificulta a transição ecológica destas meninas e, assim, evidencia um microsistema familiar vulnerável diante de novas situações e mudanças. Como também, torna-se um obstáculo para a adequada efetivação da transição normativa destas meninas, isto é, da passagem da infância para a adolescência. Esta visão idealizada da família não permite que estas meninas enfrentem a realidade, isto é, o fato de que sua família é violenta e negligente. Pelo contrário, esta visão incrementa o sentimento de culpa (ver subcategoria Culpa) sobre sua situação, distorcendo a realidade e deslocando a responsabilidade dos maus tratos da família para si própria. A família então passa a ser “boa”, e a menina, “má”. Portanto, esta visão sobre família impossibilita a estas adolescentes e suas famílias estabelecerem relações mais abertas, profundas e centradas na realidade. Ao contrário, é intensificada a distorção da realidade e a dificuldade em aceitar a situação de abandono da família.

Proteção

A categoria Indicadores de Proteção, para o GFB, está relacionada às atitudes que promovem o auxílio necessário para que a família enfrente de forma satisfatória os

eventos de vida causadores de *stress*. As subcategorias identificadas pelo GFB estão relacionadas ao apoio emocional, às práticas disciplinares, às atividades em conjunto e à rede de apoio. Estes indicadores podem ocorrer isoladamente ou inter-relacionados. Eckenrode e Gore (1996) classificaram os indicadores de proteção em dois grupos: fatores pessoais e recursos do ambiente. Observa-se que as meninas citaram apenas recursos do ambiente.

O apoio emocional, para estas adolescentes, é manifestado pela compreensão, aconselhamento, tolerância, respeito e diálogo dos pais para com os filhos. Blechman, McNamara e Wills (1996) descreveram o apoio emocional como uma das principais funções da família. O apoio inclui a comunicação efetiva e o sentimento de acolhida, sendo importante para o bem-estar e para o desenvolvimento da adolescente. A menina percebe que existe um espaço para ser ouvida e para ouvir conselhos. Para estas meninas, ter paciência é primordial para se estabelecer uma relação saudável e de confiança. Sudbrack (1996) afirmou que a sensibilidade dos pais às dificuldades enfrentadas pelos filhos é um indicador de proteção no contexto familiar. Portanto, o apoio emocional é visto pelas mesmas como um momento de diálogo, aprendizado e orientação e que favorece a elas se sentirem amadas e aceitas no microsistema familiar.

As práticas disciplinares, para estas meninas, estão relacionadas à adoção, por parte dos pais ou cuidadores, de atitudes capazes de despertar a consciência da adolescente sobre os seus atos. Têm caráter de limitador de comportamentos, isto é, são restritivas e não punitivas. Portanto, não comprometem o desenvolvimento físico e emocional da menina, como por exemplo: não sair com os amigos ou proibir de assistir à televisão. Então, não se tornam abusivas, como no caso da utilização da agressão física. Hawley e DeHaan (1996) enfatizaram que a disciplina consistente, a qual envolve até horários prefixados para as alimentações, e a coerência de atitudes dos pais em relação aos procedimentos do filho são indicadores que promovem a resiliência familiar. Esta prática disciplinar possibilita a intensificação das inter-relações entre pais e filhos. Parece que, de acordo com as situações experienciadas por estas adolescentes, a prática disciplinar só será eficaz se não houver prejuízo ao seu desenvolvimento como um todo. As práticas disciplinares demonstram o cuidado e a atenção dispensados pelos pais e evidenciam que os mesmos se importam com os acontecimentos da vida de seus filhos.

A realização de atividades em conjunto, para o GFB, está relacionada aos passeios e atividades do cotidiano familiar. Hawley e DeHaan (1996) afirmaram que o tempo que a família compartilha junta influencia na dinâmica da qualidade das relações e favorece na resiliência familiar. Então, a realização de atividades na família pode funcionar como proteção ao proporcionar a aproximação entre as pessoas.

A rede de apoio, para o GFB, incluiu determinados familiares, amigos e o Conselho Tutelar. A instituição na qual se encontram atualmente não foi citada como pertencente à rede de apoio. Para Brito e Koller (1999), a rede de apoio é composta por relações sociais próximas e significativas. É estabelecida através das relações face a face, onde predominam a estabilidade e a reciprocidade. O nível de satisfação das pessoas com a sua rede é que faz a diferença em sua eficácia. Segundo Garmezy (1996), a existência de um sistema externo de apoio, isto é, da rede de apoio social e afetiva funciona como um dos indicadores de proteção que opera dinamicamente e contribui para um *coping* eficaz diante da situação de *stress*. O mesossistema do adolescente é formado por diversos microsistemas, dentre os quais se ressalvam o familiar e o formado pelos amigos (Bronfenbrenner, 1979/1996). Então, essas adolescentes conseguem eleger pessoas pertencentes ao seu mesossistema em condições de ajudá-la em momentos difíceis. Como também, algumas meninas encontram no Conselho Tutelar, inserido no seu exossistema, um órgão de apoio. No entanto, cabe ressaltar que o Conselho Tutelar é uma entidade de auxílio para adolescentes que se encontram em situação de risco, então é um indicador de proteção que evidencia a presença do risco. Sendo assim, estas meninas percebem a existência de uma rede de apoio social e afetivo capaz de promover o seu bem-estar e incrementar a sua resiliência individual.

Estes indicadores de proteção, citados pelo GFB, se estiverem presentes e atuantes no contexto familiar, são importantes agentes para amenizar as situações de risco. Na visão dessas adolescentes, a presença desses indicadores de proteção auxilia a família a enfrentar a adversidade. Porém, apesar destas meninas os terem identificado, são percebidos por elas mesmas como escassos no seu contexto ecológico. Por exemplo, na família o apoio emocional é raro ou inexistente; as atividades em conjunto são cada vez mais esporádicas: “*quando ela (mãe) sai é super legal, mas eu não saio muito com ela.*”;

as práticas disciplinares são punitivas e levam aos maus tratos; e a rede de apoio social e afetivo está enfraquecida e pobre, pois permitiu que estas meninas fossem abusadas.

Risco

As subcategorias identificadas como Indicadores de Risco são compreendidas, pelo GFB, como pertencentes ao seu ambiente familiar. Foram identificadas dez subcategorias em indicadores de risco, que serão discutidas a seguir.

A subcategoria descontrole emocional é conceituada, pelo GFB, como a falta de autocontrole dos pais ou cuidadores. As meninas não sabem citar quais são as causas do descontrole emocional, apenas constataam a sua existência e suas conseqüências. Para estas adolescentes, as conseqüências do descontrole emocional são: a violência doméstica e o uso de drogas e bebidas alcoólicas. Cicchetti e Toth (1995) e Farinatti (1997) mencionam que o descontrole emocional pode ser compreendido como um distúrbio. Este distúrbio poderá ser causado pela falta de maturidade, impulsividade, baixa auto-estima ou identificado como sintoma de uma doença mental ou de um *stress* situacional. E a conseqüência deste distúrbio dos pais, poderá levar à síndrome da criança maltratada. Pires (1999) acrescentou, como um indicador de risco para o maltratado, a capacidade limitada dos pais em lidar com situações estressoras, isto é, a perda fácil do autocontrole. Portanto, pode-se compreender o descontrole emocional como um indicador de risco de grande severidade e perigo para as relações familiares. Os pais ou cuidadores não têm controle sobre suas emoções e, assim, agem de forma inesperada e violenta e, então, os filhos podem se tornar indefesos frente a estas agressões. Os filhos tornam-se vulneráveis por não saberem como reagir frente à falta de controle dos pais ou cuidadores.

A subcategoria culpa aparece no GFB como um sentimento subjacente às falas das meninas. Estas adolescentes percebem que o seu comportamento contribui para a existência do abuso e, portanto, é causador de sofrimento para os seus pais ou cuidadores. As meninas demonstraram um sentimento de arrependimento e uma necessidade de se redimir dos seus atos frente aos seus familiares (ver a questão da idealização na categoria Família). A situação de institucionalização, por sua vez, reforça este sentimento de culpa e de arrependimento, como na frase do GFB: *“O preço do pecado é a morte da*

liberdade”. Este sentimento de culpa identificado no GFB é compreendido como risco, à medida que estas meninas depositam em si a responsabilidade da situação da institucionalização, e, portanto, não conseguem possuir uma visão sistêmica e de acordo com a realidade dos fatos.

A falta de responsabilidade, outra subcategoria, é vista pelo GFB como uma incapacidade que possuem os adolescentes de uma forma geral. Na visão destas meninas, a falta de responsabilidade é constatada tanto por seus pais como pelas próprias adolescentes, principalmente a respeito de questões relacionadas à sexualidade (gravidez e escolha do parceiro). Hill (1980) afirmou que a adolescência é uma fase do ciclo vital na qual existe a busca da formação de uma identidade própria, da autonomia com base na necessidade para tomar decisões independentes e com maior responsabilidade sobre os seus atos, e da necessidade de um sentimento de intimidade que envolve afeto e sexualidade. Portanto, a falta de responsabilidade pode se tornar um indicador de risco, à medida que estas meninas agem de forma impulsiva, sem haver uma preparação afetiva e de informações sobre os acontecimentos, isto é, sem medir ou conhecer as conseqüências dos seus atos. Como também, o fato de não serem consideradas capazes de assumirem responsabilidades (por elas mesmas e por seus cuidadores) pode colocá-las em uma situação de dependência dos seus pais ou cuidadores e pode demonstrar incompetência pessoal e social. Estas condições podem proporcionar certa dificuldade na transição para a fase adulta.

A subcategoria Falta de Diálogo revela, de acordo com o GFB, a dificuldade que as suas famílias possuem de conversar sobre os seus problemas. As meninas relatam a falta de diálogo em suas relações familiares e o sentimento de exclusão e de menos valia pela forma como os pais ou cuidadores as tratam: “...*ela (mãe) não quer me contar, mas eu fico ali no cantinho quieta, ela acha que eu não estou ouvindo, mas eu estou*”. Para essas adolescentes, quando há diálogo, este é pontuado por cobranças e atitudes agressivas dos pais, que desejam impor suas idéias e vontades. A falta de diálogo pode proporcionar o afastamento físico e emocional dos membros da família e, como decorrência, a ausência de coesão e do apoio familiar importantes para o bem-estar da jovem (Blechman, McNamara & Wills, 1996), além de ser um indicador de risco para a violência doméstica (Koller, 1999). A comunicação aberta, segundo Steinberg (1996), é um indicador de

proteção, pois auxilia a adolescente a expressar suas próprias opiniões em um contexto familiar amoroso e seguro. Então, a falta de diálogo que foi identificada pelo GFB é um indicador de risco severo para as relações familiares, pois os problemas, tanto individuais como familiares, não são compartilhados. E, provavelmente, não são resolvidos. E parece que, quando resolvidos, os são de forma individual, sem a presença das meninas. Portanto, elas não se sentem escutadas e valorizadas pelo microsistema familiar.

Outra subcategoria identificada em indicadores de risco são as drogas. Esta subcategoria, para o GFB, está relacionada ao uso indevido e intensivo de drogas em geral, como bebidas alcoólicas e alucinógenos. Para estas meninas, a ingestão de bebida alcoólica por parte de seus familiares e conhecidos é cotidiana e usual, por exemplo: *“a minha tia, todas as sextas, que o casal recebe, eles tomam vinho, que eu ia buscar...eu gosto de tomar vinho”*. A bebida alcoólica não é vista como uma droga, mas o uso intensivo é visto como prejudicial à saúde de quem a ingere e da sua família. As próprias meninas assumem que bebem esporadicamente, assim como algumas fumam cigarros. O uso de drogas alucinógenas foi condenado pelo grupo, como no exemplo: *“bebida nunca passou de uma cerveja, só no som ... agora, droga pra mim não cabe”*. Porém, o GFB comentou o desejo de experimentar, como: *“...mas eu já tive vontade, curiosidade de experimentar maconha, aí uma vez um colega me ofereceu (...) mas nunca. Eu pensava: Bah! E se eu me viciar, bah, que coisa horrível! mas eu também sou contra, mas já tive vontade de experimentar.”* As meninas associam as causas do uso de drogas à falta de controle emocional, à fuga dos problemas ou à falta de caráter ou coragem para tomar decisões. E a consequência deste uso intensivo das drogas em geral são os comportamentos agressivos que impedem a felicidade no contexto familiar.

O uso intenso das bebidas alcoólicas pelos pais e cuidadores é descrito na literatura, como um dos potencializadores de risco para o desenvolvimento saudável do adolescente (Eckenrode & Gore, 1996; Sudbrack, 1996) e para a interação saudável no microsistema familiar (Koller, 1999). O alcoolismo e o uso de drogas também são citados como uma das variáveis relacionadas aos pais que levam à síndrome do maltrato infantil (Cicchetti & Toth, 1995; Fahlberg, 1996; Farinatti, 1997). Para Steinberg (1996), deve-se distinguir entre a experimentação das drogas e do álcool pelos adolescentes de forma casual, sem maiores consequências, e o seu uso regular e intenso, que é prejudicial a sua saúde e para

as relações familiares. Além disso, a adolescente tem a necessidade de se identificar e de pertencer a um grupo de amigos ou de semelhantes, o que a leva a reproduzir comportamentos e atitudes, como beber cerveja com os amigos no “som”.

Parece que, pelo fato destas meninas ingerirem eventualmente bebida alcoólica, elas só conseguem se posicionar contra ao álcool quando o seu uso é abusivo. Isto provavelmente acontece pela valorização do uso do álcool no microsistema, no mesossistema e no macrosistema em que estão inseridas. No microsistema familiar, por exemplo, a ingestão da bebida alcoólica faz parte do hábito dos pais ou cuidadores, sendo que o fato de compartilhar deste hábito, junto a eles, faz com que essas meninas se sintam pertencendo à família. No mesossistema, os amigos bebem no “Som” ou os colegas se drogam na escola. Sendo assim, parece evidente uma ambivalência de sentimentos, isto é, querer experimentar por curiosidade, pela oferta dos amigos e conhecidos e o medo da dependência que a droga proporciona. O uso de drogas e bebidas é uma prática usual e permitida no mesossistema.

No macrosistema, há uma valorização do álcool pela mídia, que compreende o consumo de bebidas alcoólicas como uma prática social aceita e a associa à descontração, ao divertimento, às relações de amizade e à alegria. Steinberg (1996) acrescentou que a sociedade emite mensagens contraditórias sobre o uso de drogas e álcool, isto é, são coibidas (nas campanhas de combate) e toleradas (quando o uso é assumido pelas celebridades que são ídolos dos jovens).

No entanto, dentro do ambiente familiar existem, como consequência do abuso da bebida alcoólica, comportamentos agressivos e ilícitos. Para as adolescentes, aparece de forma contraditória a relação entre a coragem e o uso do álcool. Por um lado, “as pessoas bebem para esquecer os problemas”, então “falta coragem para enfrentar as situações”. Por outro lado, as pessoas que ingerem demasiadamente bebidas podem se sentir com mais “*coragem*” para praticar assaltos, espancar os filhos, ou até mesmo matar. A bebida fornece uma sensação de poder. Porém, estas meninas se dão conta de que, apesar desta sensação, os problemas não são resolvidos e, sim, acumulados. A bebida, então, “*destrói a felicidade da família*”.

A subcategoria “morte ou ausência dos pais” refere-se, para o GFB, à perda de pessoas significativas e importantes. Esta ausência poderá ser por afastamento ou

abandono. Para estas adolescentes, o sentimento que predomina é o de perda de alguém que poderia fornecer apoio e compreensão, principalmente nos momentos difíceis. Cowan (1991) descreveu que a morte ou doenças graves na família fazem parte das transições não normativas, isto é, eventos inesperados que causam *stress* e podem ser descritos como risco para as relações familiares e para o indivíduo. O risco, para as relações familiares ou para a pessoa, está associado à forma como a pessoa lida com este processo de afastamento ou morte, à intensidade do fato e à fase do ciclo vital que a pessoa está atravessando (Cowan, 1991).

Parece que, para as meninas, há uma necessidade de valorizar as pessoas ausentes. Como no exemplo: *“mãe é para todas as horas e momentos, se eu pudesse ter minha mãe do meu lado...”*. Elas pensam que, se os pais estivessem presentes, sua situação seria diferente. A ausência de pessoas importantes e significativas em suas vidas pode torná-las mais vulneráveis ao *stress*, pois na realidade os pais não estão presentes para as auxiliarem neste momento. E, assim, o que se evidencia é a ausência dos pais e o abandono dos seus familiares, sendo este fato um dos causadores da situação de institucionalização.

A violência doméstica foi identificada como uma subcategoria de Indicadores de Risco pelo GFB. Aparecem, na fala dessas adolescentes, o abuso físico, o abuso emocional e o abandono. O abuso sexual aparece de forma velada. A violência doméstica é um dos indicadores de risco encontrados no contexto familiar que prejudica o desenvolvimento da criança e do adolescente (Cicchetti & Toth, 1995; Farinatti, 1997; Sudbrack, 1996) e a violência doméstica está inserida no microsistema familiar dessas jovens, ocasionando prejuízo a sua saúde física e emocional.

Para as adolescentes, o abuso físico está relacionado a um dos dois aspectos que envolvem seus pais ou cuidadores: o descontrole emocional ou a adoção de uma prática disciplinar ineficaz. Segundo Koller (1999), as práticas disciplinares estritas e punitivas são compreendidas como indicadores de risco no microsistema familiar, pois se utilizam de abuso físico e emocional. Parece, então, que os pais/cuidadores se utilizam da sua força física para obrigar a adolescente a adotar uma atitude de acordo com os seus propósitos. Portanto, usam o castigo corporal como uma medida disciplinar. A visão do GFB sobre o abuso físico revela uma visão salutar em relação à prevenção aos maus

tratos. As meninas compreendem que o abuso físico não funciona como prática disciplinar, pelo contrário, serve para fomentar sentimentos de revolta e de medo.

O abuso emocional aparece no GFB nas situações em que os pais ou cuidadores provocam o medo, isto é, através de atos de terrorismo. O abuso emocional pode ser identificado quando a mãe deixa a menina sozinha com o padrasto, no qual a menina não confia: *“...eu olhava para a minha mãe, como ela não percebe, um homem dentro de casa com uma filha moça e tudo”*; ou em relação à família, com aval do Conselho Tutelar, quando usa a institucionalização como uma medida de punição ao comportamento da menina, por exemplo: *“Eu sempre dizia que não, que droga pra mim não era, aí quando eu vi que eu tava chegando a esse ponto, fui falar pro meu pai, tudo direitinho, aí eles me levaram no conselho e o conselho me trouxe aqui. Eu queria até fugir, mas aí eles me seguraram e me trouxeram.”*

Farinatti, Biazus e Leite (1993) afirmaram que os atos de terrorismo, a rejeição, a degradação, entre outros, são compreendidos como formas de abuso emocional capazes de expor as meninas às situações de perigo. O abuso emocional desencadeia, nestas adolescentes, sentimentos de medo, de menos valia e de rejeição. Estes sentimentos podem torná-las vulneráveis ao desenvolvimento de uma patologia. No caso da menina que foi institucionalizada como punição ao seu comportamento, embora ela compreenda a intenção dos pais como uma forma de proteção, os mesmos têm uma atitude abusiva ao manipular a informação sobre sua permanência ou saída da instituição, gerando um sentimento de mal-estar na menina.

O abuso sexual não foi citado claramente. Aparece de forma velada, quando as meninas colocam a sua preocupação ao ficarem sozinhas com o padrasto. Apesar de uma das meninas estar na instituição pelo abuso sexual do tio, o assunto não foi abordado. Este fato indica a síndrome de segredo e adição (Caminha, 1999; Furniss, 1993), onde existe um acordo entre o abusador e o abusado de se manter em silêncio o abuso e um descrédito, por parte da família, do relato da criança/adolescente quando este é revelado. Há, também, uma articulação para que o fato não seja divulgado por parte dos profissionais, familiares e colegas (Pires, 1999).

Outra forma de maus tratos identificada na subcategoria Violência Doméstica é o abandono. Para o GFB, sua família não fornece condições necessárias para o

desenvolvimento da adolescente, sendo a relação rompida (abandono) ou precária (falta de incentivo). Como demonstra o exemplo sobre a questão da falta de apoio aos estudos: “..teve casos que ela (mãe) ficou até vinte e cinco dias na rua (...) eu ficava sozinha em casa, não tinha como ir para o colégio.” Segundo De Antoni, Mesquita e Koller (1998), o abandono é uma das formas mais graves de negligência, pois os pais ou cuidadores declaram que não se interessam pelo bem-estar e o futuro da criança e do adolescente. Parece que quatro meninas do GFB sofreram duplamente os maus tratos, primeiro pelo abandono dos pais biológicos e, recentemente, dos substitutos.

A violência doméstica é compreendida, pelo GFB, de uma forma geral, como uma repetição de práticas disciplinares punitivas, transmitidas através das gerações. Portanto, para estas meninas, ocorre uma repetição de comportamentos com base na violência. Este padrão de comportamento é denominado de transmissão *intergeracional* da violência familiar (Belsky, 1993, p. 415; Kashani & Allan, 1998, p. 8), onde há um ciclo de violência, isto é, uma criança que é abusada torna-se um adulto abusador em potencial. Portanto, estas meninas, ao terem *insight* sobre a repetição da violência, têm maiores condições de romper com este ciclo, evitando os maus tratos em suas próximas gerações, conforme ocorreu no GF.

A subcategoria violência na comunidade está relacionada à violência urbana e social. As adolescentes do GFB creditam esta violência ao tráfico e uso de drogas e à ineficácia dos órgãos de segurança pública na repressão a estes atos ilícitos (ver subcategoria Ausência de Rede de Apoio). Hoppe (1998) realizou uma pesquisa com crianças e seus pais, de nível sócio econômico baixo, e constatou como um dos indicadores de risco a presença da violência na vizinhança. Portanto, para estas meninas do GFB, conviver numa comunidade violenta, onde existam mortes e crimes, apenas favorece a compreensão sobre a violência como uma prática cotidiana e banalizada no mesossistema. Sendo assim, é um indicador de risco, à medida que a violência torna-se arbitrária, isto é, incorporada aos valores do macrossistema.

A subcategoria “transição da infância para a adolescência” é identificada, no GFB, pela forma distinta com que os pais tratam estas meninas na infância e na adolescência. Na infância os pais são cuidadosos, carinhosos e fornecem mais liberdade. Para o GFB, a atitude dos pais frente à adolescência da filha é evidenciada pela falta de confiança, pois

proíbem as suas saídas para passear ou visitar amigos. Isto ocorre, segundo o GFB, pelo receio que os pais ou cuidadores têm de uma gravidez precoce e não planejada da menina e pela falta de confiança nas escolhas da filha, tanto de namorado como de amigos. Por outro lado, na infância aparece um comportamento de submissão da filha, que obedecia às ordens da mãe ou da tia.

Hill (1980) afirmou que na adolescência se inicia um afastamento físico e afetivo do adolescente em relação a seus pais, que pode ser decorrente das mudanças corporais e da mudança de papel, que implica maior responsabilidade e autonomia. Com a entrada na adolescência, estas meninas começaram a contestar as ordens e impor mais os seus desejos, e os pais, por receio em perder o controle sobre os filhos e pela falta de habilidade de exercer o papel parental, acabam tendo atitudes mais restritivas. Esta subcategoria pode ser compreendida como risco pelo fato dessas meninas entenderem que a sua adolescência não é bem aceita pelo microsistema familiar e, assim, poderá gerar conflitos nas relações interpessoais e no desempenho do seu papel.

Para o GFB, a ausência da rede de apoio é uma subcategoria identificada em indicadores de risco. Para estas meninas, a ausência de rede de apoio diz respeito à ineficácia da família, da vizinhança e de instituições que poderiam promover seu bem-estar e não o fazem. O microsistema familiar ou a vizinhança, por exemplo, não atuam como rede de apoio, pois não promovem as condições necessárias para que esta adolescente se desenvolva saudavelmente. A forma como se estabelecem as inter-relações no microsistema e na vizinhança são frágeis. No microsistema familiar há falta de diálogo, de confiança e ausência de pessoas importantes. Na vizinhança há intrigas oriundas das “*fofocas*”, isto é, dos comentários e críticas destrutivas.

Stefanello (2000) abordou sobre as operações do exossistema, afirmando que o potencial evolutivo de um ambiente será maior quando existirem ligações diretas ou indiretas com os ambientes de poder. Caso as conexões entre a pessoa em desenvolvimento e os ambientes de poder na comunidade local sejam remotas, será reduzida a efetividade do exossistema para prover o desenvolvimento das meninas. Portanto, o exossistema dessas meninas que contém os ambientes de poder sobre ela, tais como: o Conselho Tutelar, a instituição que estão abrigadas e os órgãos de segurança pública não estão conectados com os demais sistemas e com a menina. Na visão do GFB,

as adolescentes não conseguem exercer influência no seu exossistema, pois seus sentimentos, idéias e desejos não são escutados. O Conselho Tutelar, por exemplo, tem diferentes atuações. Para algumas meninas é visto como eficiente (ver subcategoria Presença da Rede de Apoio), para outras, como negligente, pois os conselheiros não as visitam ou não as informam sobre a sua situação.

Na instituição, o sentimento que prevalece para estas adolescentes é o de perda da liberdade e dos seus direitos. Além disso, para o GFB, a instituição dispõe de uma prática disciplinar punitiva e que, segundo as meninas, funciona, mas gera sentimentos de revolta e indignação. Portanto, a instituição ao invés de executar o seu papel de proteção e acolhida, é vista pelas adolescentes corroborando com uma violência. Reichel (1999, p. 8) denominou de “violência institucionalizada”, quando a instituição carece de uma infraestrutura política, instrumental e educacional para o atendimento de crianças e adolescentes em situação de risco, como ocorre com estas meninas.

A ausência de rede de apoio também é constatada pelas meninas, na convivência e participação da polícia em atos ilícitos, tais como: o uso de drogas e a falta de represália aos traficantes. Além disso, existe uma agressão moral quando são expostas à revista policial. Portanto, o exossistema no qual a menina está inserida não dispõe de instituições ou órgãos capazes de coibir a violência e funcionar como proteção. A polícia demonstra ser vulnerável diante da própria violência ao repetir este padrão de atuação. Porém, mesmo assim, persiste um sentimento de indignação das meninas com a situação. Este fato demonstra uma visão salutar sobre o processo e a conscientização da violência como um indicador de risco, como nesta fala: *“Eu acho que policial é uma coisa pra gente mesmo, pra nossa tranqüilidade, pra nosso cuidado, pra comunidade mesmo e agora ela falando aí, os policiais são drogados, que horror!”*.

A conclusão sobre a categoria Indicadores de Risco aponta para a quantidade e severidade dos aspectos identificados nos diversos sistemas ecológicos destas meninas. No microsistema familiar, foram identificados os indicadores intrafamiliares, como o descontrole emocional, que está relacionado às características dos pais ou cuidadores; o sentimento de culpa, que pode mostrar o tipo de papel que estas meninas estão assumindo; a falta de diálogo ou a violência doméstica, entre outros aspectos que demonstram a forma como estão estabelecidas as inter-relações familiares.

No mesossistema, por exemplo, foi identificada a violência na comunidade. No exossistema, a ausência da rede de apoio que aponta para a ineficiência política e social das instituições e no macrossistema, uma aceitação cultural da violência que intensifica ainda mais os indicadores de risco. Estes indicadores de risco influenciam no microsistema familiar e são influenciados pelos mesmos. Portanto, cabe ressaltar sobre o perigo a que estas meninas e suas famílias estão expostas frente à presença destes indicadores, que levam a comportamentos vulneráveis, como os maus tratos e a institucionalização.

Expectativas de Futuro

A categoria Expectativas de Futuro é identificada, de acordo com a visão do GFB, pela realização de planos no futuro. Para estas adolescentes, aparecem planos a curto e a médio prazos. A curto prazo foi encontrado o desejo de sair da instituição e/ou o retorno para a família. E a médio prazo foram citados, pelas meninas, a constituição de uma família e a carreira profissional.

As adolescentes do GFB demonstram uma necessidade de se sentirem novamente pertencentes ao microsistema familiar através da reparação dos erros, que acreditam ter cometido (ver subcategoria Culpa). Portanto, estas meninas depositam o êxito nas relações familiares, após o retorno para casa, apenas no seu comportamento. Brito e Koller (1999) afirmaram que as relações pertencentes à rede de apoio devem ter constância e reciprocidade. Portanto, esta atitude pode ser compreendida como um risco para a menina. Caso a adolescente modifique o seu comportamento, adaptando-se ao padrão exigido pelos pais/cuidadores, e a família não valorize esta mudança ou caso a menina persista nesta idéia de ser a única responsável pela situação. Como consequência, aumenta o risco de reincidência dos maus tratos e a sensação de frustração, acarretando uma baixa na auto-estima da menina, entre outros sentimentos.

A médio prazo, as meninas apresentam o desejo de constituir uma família, intensificado pela escolha do parceiro. Os atributos do parceiro estão relacionados à manutenção de uma relação duradoura e estável, como “*ser fiel*” e “*trabalhador*”. As características físicas não foram citadas. Quanto aos filhos, no máximo dois, serão

oriundos deste relacionamento e a educação proposta será diferente da adotada por seus pais. A idade desejada para casar é de vinte anos. Portanto, como a média de idade do GFB é de quatorze anos, parece que, para essas adolescentes, a idade escolhida para casar está distante e associada à vida adulta. O desejo de terem filhos está relacionado aos meios para sustentá-los. Este fato demonstra uma conscientização da responsabilidade que envolve a maternidade e funciona como indicador de proteção, à medida que, segundo Farinatti, Biazus e Leite (1993), a gravidez na adolescência é um indicador de risco em potencial para o maltrato infantil.

Para o GFB, há uma necessidade de romper com o modelo educacional praticado pelos pais. A princípio, desejam evitar utilizar o abuso físico e a punição corporal com os seus futuros filhos e adotar outras formas disciplinares como o diálogo e a punição restritiva. Portanto, essa perspectiva na alteração das práticas disciplinares poderá romper como o ciclo de violência intergeracional e auxiliar no desenvolvimento saudável dos seus filhos.

Quanto à carreira profissional, as meninas citaram várias profissões, assim como surgiu a resposta de não querer nenhuma. No GFB apareceram profissões relacionadas à conquista de *status* e de reconhecimento social e, ao mesmo tempo, uma certa dúvida sobre as suas potencialidades pessoais e de recursos para conseguir alcançar as metas desejadas.

Não possuir expectativas de futuro relacionadas à profissão ou à constituição de uma família, como aconteceu com algumas adolescentes do GFB, pode estar associada a duas questões. A primeira aponta para a fase de desenvolvimento que estão atravessando, isto é, a adolescência. Segundo Erikson (1976), a adolescência é evidenciada pela busca da identidade, e, portanto, a adolescente sente necessidade de se identificar com modelos, para então, posteriormente, refletir e efetuar suas escolhas. A segunda questão está relacionada ao risco. A falta de expectativas no futuro pode estar associada à incapacidade da menina em superar o sofrimento ocasionado pelos maus tratos e, assim, ela evita realizar planos que a possam levar a mais frustrações, como no exemplo: *“...mesmo porque eu tenho medo, uma coisa assim que eu morro de medo de construir uma família e perder tudo de novo.”* O mesmo ocorre ao delegar o controle da sua vida a

Deus, eximindo-se da responsabilidade sobre seus atos, ao afirmar que “*só Deus sabe*” sobre o seu futuro.

Por outro lado, pode-se concluir que algumas destas meninas buscam definir as suas metas visando à melhoria na qualidade de vida. Sendo assim, a expectativa de futuro torna-se um indicador de proteção, pois as adolescentes poderão criar alternativas para superar os diversos riscos aos quais estão expostas, como a pobreza, a falta de conhecimento, a gravidez na adolescência, entre outros que as levam à vulnerabilidade individual e familiar.

CAPÍTULO IV

CONCLUSÃO

A visão das adolescentes participantes desta pesquisa sobre a vulnerabilidade e a resiliência familiar está relacionada à forma como identificam os papéis, as inter-relações e as atividades existentes no seu microsistema familiar, bem como os indicadores intra e extrafamiliares que o influencia. Pôde-se concluir, na visão destas meninas, como as suas famílias lidam com os eventos de vida, com as crises e a adversidade.

Cabe salientar que um dos aspectos que fundamentam o modelo ecológico do desenvolvimento humano é a significação dos núcleos (pessoa, processo, tempo e contexto) pela pessoa em seu meio, levando-se em consideração que a percepção humana da realidade é seletiva (Muuss, 1996). Portanto, para compreender adequadamente a visão destas adolescentes, é importante ressaltar que elas falam sobre as situações, os sentimentos e as percepções experienciadas no seu microsistema familiar no passado e suas expectativas de futuro, a partir da sua vivência neste contexto institucional, no qual estão inseridas atualmente, e de acordo com a sua história e o seu momento de vida (cronossistema).

Por sua vez, o método utilizado colaborou para conhecer a visão destas adolescentes sobre a vulnerabilidade e a resiliência familiar. Pois o GF leva em consideração a visão das suas participantes em relação a um tema, a uma experiência ou a um evento, através de suas próprias palavras e comportamentos. Sendo assim, o grupo focal proporcionou riqueza e variedade de dados pela troca de experiência, pela reflexão e pelo *insight* promovidos pela dinâmica e sinergia dos grupos. Diversos dados verbais e não verbais foram desprezados por não estarem relacionados diretamente ao foco desta pesquisa, mas que poderão servir para futuros estudos. O método possibilitou, também, à pesquisadora e à sua equipe um maior aprendizado na coordenação e na dinâmica de grupos. Para as participantes, demonstrou ser uma fonte de apoio e de comunicação, auxiliando na promoção da resiliência individual destas meninas.

Provavelmente, a maior dificuldade encontrada nesta pesquisa esteve relacionada à formação dos grupos. Foi difícil encontrar, nas instituições contatadas, o número mínimo desejado de meninas para compor o GF, por duas razões principais: a primeira, pela condição de saúde mental e, a segunda, pela falta de disponibilidade de horários das meninas na instituição. Apesar disso, o Grupo Focal se mostrou eficaz em pesquisas com adolescentes em situação de risco pessoal e social e deveria ser utilizado com mais frequência em pesquisas ou programas de intervenção que visem à prevenção aos maus tratos.

O método sugere que se evite a comparação entre os grupos, por serem contextos ecológicos diferenciados e, portanto, único em termos de processo, dinâmica e sinergia. No entanto, faz-se necessário realizar algumas considerações que dizem respeito aos resultados obtidos através do GFA e do GFB.

A primeira consideração está relacionada à visão destas adolescentes sobre a família. Para o GFA, o microsistema familiar foi compreendido em sua estrutura e função pela qualidade do vínculo estabelecido, com maior flexibilidade nos papéis e atividades. No entanto, esta forma de perceber a família é idealizada, pois as interações existentes na sua família reforçam os maus tratos. O GFB compreende o microsistema familiar de forma nitidamente idealizada, de acordo com o modelo da família nuclear burguesa, ocasionando assim certa rigidez no trânsito ecológico dos papéis e atividades. Portanto, o GFA e o GFB constantemente realizaram um intercâmbio entre o real e o ideal, predominando em determinadas situações uma visão da família de forma idealizada e, em outras situações, centrada em sua realidade. A idealização pode ser entendida como uma forma de se proteger contra o sofrimento advindo da confrontação da sua realidade, marcada pelo abandono e pela violência. No entanto, pensar sobre sua realidade, de forma consciente, poderá auxiliar estas meninas a buscarem relações com maior reciprocidade, afetividade e estabilidade.

A segunda consideração está relacionada à visão destas adolescentes sobre os indicadores de risco e de proteção identificados em suas famílias. Percebe-se que há, em ambos os grupos, o predomínio dos indicadores de risco intrafamiliares e extrafamiliares sobre os indicadores de proteção. Este fato, associado à intensidade, à frequência e à

duração dos indicadores de risco, leva as meninas a perceberem suas famílias como vulneráveis frente aos eventos de vida que geram *stress*.

Os riscos citados ou identificados nos grupos focais, em sua maioria, são mencionados na literatura e são alvo de pesquisas em várias culturas, como a violência doméstica, a violência na comunidade, o uso de drogas, a ausência da rede de apoio, a transição da infância para a adolescência, a perda ou ausência dos pais, o descontrole emocional dos pais/cuidadores, a falta de diálogo e a presença de doenças (Cicchetti & Toth, 1996; Fergusson & Lynskey, 1996; Garmezy, 1996; Hoppe, 1998; entre outros). Outros indicadores são mencionados raramente na literatura, como o segredo, o pessimismo, a culpa, a falta de confiança, a falta de responsabilidade e a rejeição.

Os riscos identificados nos grupos focais podem levar à vulnerabilidade individual ou familiar. Esta vulnerabilidade poderá gerar outros riscos e, então, levar a um ciclo de vulnerabilidade, por exemplo: a falta de confiança nas relações familiares poderá levar ao uso de drogas, que poderá levar às doenças, que poderá levar ao sentimento de culpa ou ao pessimismo e, assim por diante. Para romper com este ciclo imposto pela presença do risco, faz-se necessário identificar, desenvolver e promover indicadores de proteção capazes de atuar inibindo a intensidade e a severidade dos mesmos. Portanto, os indicadores de proteção intra e extrafamiliares identificados nestes grupos focais, apesar de serem quase inexistentes nas famílias, segundo estas meninas, são fortes promotores de resiliência individual e familiar. O apoio emocional, as atividades em conjunto, as práticas disciplinares, a união, a confiança e a rede de apoio social e afetiva são indicadores encontrados também na literatura como promotores de resiliência familiar (Hawley & DeHaan, 1996; Hoppe, 1998; Walsh, 1996, entre outros).

A terceira consideração está relacionada às expectativas de futuro. Algumas meninas demonstram ter uma visão otimista ao buscar constituir famílias resilientes, o que as auxiliará a romper com o ciclo de violência e de vulnerabilidade, construindo novas formas de interação diferenciadas das conhecidas. Por outro lado, a ausência de expectativas por parte da menina denota um descrédito em relação a si e aos outros, o que poderá levá-la a comportamentos que a expõe ainda mais ao risco e intensificam a vulnerabilidade.

Diante da discussão dos resultados, pode-se afirmar que este estudo possibilitou a reflexão sobre o construto “resiliência familiar”. Resiliência familiar é um termo dinâmico, que envolve identificar e analisar os indicadores de risco e de proteção, avaliando-os no contexto no qual estão interagindo. A família, assim como a pessoa, não é resiliente em todos os momentos e em todas as situações. Portanto, a compreensão do conceito de resiliência familiar, para estas meninas, está associada à presença de indicadores de proteção capazes de auxiliar a sua família a enfrentar os problemas e a amenizar a intensidade do risco. É importante salientar que os maus tratos são experienciados por estas meninas desde a sua infância. Como suas famílias não dispõem de recursos em seu sistema ecológico que as fortaleçam diante destes riscos e pela frequência, intensidade e duração com que eles ocorrem no microsistema familiar, para estas adolescentes, suas famílias são vulneráveis.

A institucionalização, neste momento, serve apenas para comprovar a vulnerabilidade familiar. O fato destas meninas estarem inseridas no microsistema institucional faz com que elas estejam expostas a outros riscos, como o preconceito, a privação da liberdade ou a falta de pessoas com as quais possam confiar, por exemplo. Deve-se levar em conta que são adolescentes e que estão em um processo de busca da sua identidade através de modelos de identificação e da experiência em diversos microsistemas. Ao mesmo tempo, muitas revelaram que o fato de estarem na instituição favorece a reflexão sobre a sua vida. Portanto, abrigá-la em uma instituição é uma das formas de acolher a menina, visando a retirá-la do foco do risco, no caso, a família, mas nem sempre funciona de forma eficaz. Parece que a política de atendimento aos casos de violência doméstica é paliativa. Existe uma tentativa que visa a amenizar a situação, mas não há uma atuação efetiva no foco do problema. Como também não há uma política de prevenção. A instituição corrobora com esta forma de atuação. As meninas e suas famílias necessitam de um acompanhamento sistemático e a longo prazo, por parte da instituição, do governo e da sociedade como um todo. Este acompanhamento otimizaria recursos necessários, nos diversos sistemas ecológicos, para que a própria família se organize, no intuito de lidar satisfatoriamente com a situação de risco ou em sua prevenção. O que se encontra atualmente, na forma como está estabelecido o

atendimento, é a reincidência dos maus tratos nas famílias e o reingresso da menina na instituição.

Mesmo diante do predomínio e da severidade de indicadores de risco, estas meninas são resilientes neste momento. Elas conseguem manter a sua saúde física e mental. Elas se dão conta da existência de indicadores de proteção importantes e primordiais para o bem-estar da família. Elas têm consciência da importância de romper com o ciclo da violência intergeracional e do fato de que os problemas devem ser resolvidos ao invés de se “fugir” deles, como ocorre com o uso das drogas e do álcool. A conscientização, por parte da menina sobre sua família, é o primeiro passo para que ela possa efetuar uma mudança que visa à melhoria das relações no seu microssistema familiar. Esta mudança influenciará nos demais sistemas, possibilitando criar uma rede de apoio realmente eficaz. Walsh (1996) afirmou que a resiliência em pessoas que sofreram abuso é demonstrada pela habilidade da pessoa em aprender com a experiência, por realizar escolhas conscientes e pela determinação em constituir uma vida familiar consistente e com vínculos coesos. Portanto, o grupo focal promoveu momentos de reflexão e de *insight* importantes e que demonstram a capacidade destas meninas em desenvolver a resiliência frente a situação de crise e ao *stress*.

Novos estudos deveriam ser realizados sobre resiliência familiar. Os indicadores de risco identificados neste trabalho como a culpa, o pessimismo, o segredo familiar, entre outros, são pouco explorados em pesquisas nesta área. O conhecimento da estruturação e do funcionamento desses indicadores de risco seria fundamental para auxiliar em sua prevenção. Como também, uma melhor investigação sobre os indicadores de proteção, citados nesta pesquisa, serviria para instrumentalizar melhor os profissionais da área de saúde, no trabalho com famílias. Outro tema interessante, importante e escasso na literatura é a expectativa de futuro. A expectativa de futuro poderá ser compreendida como um indicador de proteção que promove resiliência individual e familiar para crianças e adolescentes, quando estiver relacionada a um projeto de vida. E, assim, centrada na realidade das pessoas envolvidas, poderá ser um instrumento para trabalhar o planejamento familiar, a escolha de parceiro, a prevenção da gravidez na adolescência, entre outros tópicos.

Em suma, esses temas abordados podem se tornar ferramentas importantes para subsidiar programas de intervenção e prevenção à violência no contexto ecológico onde a pessoa se desenvolve. Portanto, estes programas serão promotores da resiliência ao possibilitar a conscientização da família sobre os seus comportamentos, os seus relacionamentos e o seu funcionamento. E, assim, poderá evitar ou amenizar o sofrimento das crianças e das adolescentes submetidas a esta realidade.

REFERÊNCIAS

- Ackerman, N. (1986). *Diagnóstico e tratamento das relações familiares*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Alves, P. B. (1999). *A teoria dos sistemas ecológicos*. Manuscrito não-publicado. Curso de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.
- AMENCAR - Amparo ao Menor Carente - ONG (1999). *Violência contra a criança e o adolescente*. São Leopoldo, RS.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: Guanabara. (Original publicado em 1973)
- Badinter, E. (1980). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. São Paulo: Círculo do Livro.
- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Baumrind, D. (1991). Effective parenting during the early adolescent transition. Em P. A. Cowan & M. Hetherington (Orgs.), *Family transitions* (pp. 111-163). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Belsky, J. (1993). Etiology of child maltreatment: a developmental-ecological analysis. *Psychological Bulletin*, 114, 413-434.
- Berenstein, I. (1988). *Família e doença mental*. São Paulo: Escuta.

- Berg, B. (1995). *Qualitative research methods for the social sciences*. Boston: Allyn Bacon.
- Blechman, E. A., McNamara, G. & Wills, T. A. (1996). Family support, coping, and competence. Em E. M. Hetherington & E. A. Blechman (Orgs.), *Stress, coping, and resiliency in children and families* (pp. 107-133). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Bonamigo, L. R. & Koller, S. H. (1995). A influência dos papéis sexuais estereotipados no projeto de vida de adolescentes de níveis sócio-econômicos alto e baixo. *Estudos de Psicologia*, 12 (3), p. 47-59.
- Bonnes, M. & Secchiaroli, G. (1995). *Environmental psychology: A psycho-social introduction*. London: Sage.
- Brito, R. C. & Koller, S. H. (1999). Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo. Em A. M. Carvalho, (Org.). *O mundo social da criança: Natureza e cultura em ação* (pp.115-126). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Brody, G., Stonemam, Z. & Flor, D. (1996). Family wages, family process, and youth competence in rural married african american families. Em E. M. Hetherington & E. A. Blechman (Orgs.), *Stress, coping, and resiliency in children and families* (pp. 173-188). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-742.
- Bronfenbrenner, U. (1989). Ecological systems theory. *Annals of Child Development*, 6, 187-249.

- Bronfenbrenner, U. (1993). The ecology of cognitive development: research models and fugitive findings. Em R. Wozniak & K. Fischer (Orgs.), *Development in context: acting and thinking in specific environments* (pp. 3-44). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979)
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. Em W. Damon (Org.), *Handbook of child psychology* (Vol. 1, pp. 993-1027). New York, NY: John Wiley & Sons.
- Caminha, R. M. (1999). A violência e seus danos à criança e ao adolescente. Em AMENCAR (Org.), *Violência Doméstica* (pp. 43-60). São Leopoldo: AMENCAR.
- Carey, M. A. (1994). The group effect in focus group: planning, implementing, and interpreting focus group research. Em M. Morse (Org.), *Critical issues in qualitative research methods* (pp. 224-241). Thousand Oaks: Sage.
- Charlesworth, L. W. & Rodwell, M. K. (1997). Focus group with children: a resource for sexual abuse prevention program evaluation. *Child Abuse & Neglect*, 21, 1205-1216.
- Cicchetti, D. & Toth, S. (1995). A developmental psychopathology perspective on child abuse and neglect. *Journal of the American Academic of Child and Adolescence Psychiatry*, 34, 541-562.
- Cobb, N. (1992). *Adolescence: Continuity, change, and diversity*. Mountain View, CA: Mayfield.
- Compas, B. C., Hinden, B. R. & Gerhardt, C. A. (1995). Adolescent development: Pathways and process of risk and resilience. *Annual Review Psychology*, 46, 265-293.

- Cowan, P. (1991). Individual and family life transitions: A proposal for new definition. Em P. A. Cowan & M. Hetherington (Orgs.), *Family transitions* (pp. 3-30). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Cowan, P. A., Cowan, C. P. & Schulz, M. (1996). Thinking about resilience in families. Em E. M. Hetherington & E. A. Blechmann (Orgs.), *Stress, coping, and resilience in children and families* (pp. 1-38). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Crabtree, B., Yanoshik, K., Miller, W. & O'Connor, P. (1993). Selecting individual or group interviews. Em D. Morgan (Org.), *Successful focus group: Advancing the state of the art* (pp. 137-149). Newbury Park, CA: Sage.
- De Antoni, C. & Koller, S. H. (2000). *O psicólogo ecológico no contexto institucional: Uma experiência com meninas vítimas de violência*. Manuscrito submetido para publicação na revista *Psicologia: Ciência e Profissão*.
- De Antoni, C., Medeiros, F., Hoppe, M. W. & Koller, S. H. (1999). Uma família em situação de risco: Resiliência e vulnerabilidade. *Interfaces: Revista de Psicologia*, 2, 81-85.
- De Antoni, C., Mesquita, J. & Koller, S. H. (1998). Perfil de meninas maltratadas: Levantamento de dados em uma casa de passagem [Resumo]. Em Sociedade Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento (Org.), *Anais do II Congresso Psicologia do Desenvolvimento* (p.46). Gramado, RS: SBPD.
- Deutsch, M. & Krauss, R. M. (1989). *Teorías en psicología social*. México: Paidós.
- Eckenrode, J. & Gore, S. (1996). Context and process in research on risk and resilience. Em N. Garmezy, R. J. Haggerty, M. Rutter & L. Sherrod (Orgs.), *Stress, risk, and*

resilience in children and adolescents (pp.19-63). Cambridge: Cambridge University Press.

Emery, R. & Forehand, R. (1996). Parental divorce and children's well-being: A focus on resilience. Em N. Garmezy, R. J. Haggerty, M. Rutter & L. Sherrod (Orgs.), *Stress, risk, and resilience in children and adolescents* (pp. 64-99). Cambridge: Cambridge University Press.

Erikson, E. (1976). *Identidade, juventude e crise* (2ª edição). Rio de Janeiro: Zahar.

Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). Lei n° 8.069, de 13/07/1990. Porto Alegre:

CORAG.

Fahlberg, V. R. (1996). *Fatores que influenciam o risco de violência doméstica* (nº.1/1996). Rio de Janeiro: Publicação Interna- PUC.

Farinatti, F. A. (1997). A criança maltratada. *Barbarói Revista do Departamento de Ciências Humanas e do Departamento de Psicologia/UNISC*, 7, 86-94.

Farinatti, F. A., Biazus, D. B. & Leite, M. B. (1993). *Pediatria social: A criança maltratada*. São Paulo: Medsi.

Fergusson, D. M. & Lynskey, M. T. (1996). Adolescent resiliency to family adversity. *Journal of the Child Psychology and Psychiatry*, 37, 281-292.

Fischer, D. G. & McDonald, W. (1998). Characteristics of intrafamilial and extrafamilial child sexual abuse. *Child Abuse & Neglect*, 22, 915-929.

Fonseca, C. (1995). *Caminhos da adoção*. São Paulo: Cortez

- Frey, J. & Fontana, A. (1993). The group interview in social research. Em D. Morgan (Org.), *Successful focus group: Advancing the state of the art* (pp. 20-34). Newbury Park, CA: Sage.
- Furniss, T. (1993). *Abuso sexual da criança: Uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Garbarino, J. (1992). *Children and families in the social environment* (2ª edição). New York: Aldine de Gruyter.
- Garnezy, N. (1996). Reflections and commentary on risk, resilience, and development. Em R. Haggerty, L. Sherrod, N. Garnezy & M. Rutter (Orgs.), *Stress, risk, and resilience in children and adolescents* (pp. 1-15). New York: Cambridge University Press.
- Gore, S. & Aseltine, R. H. (1995). Protective processes in adolescence: Matching stressors with social resources. *American Journal of Community Psychology*, 23, 301-327.
- Hawley, D. & DeHaan, L. (1996). Toward a definition of family resilience: Integrating life span and family perspectives. *Family Process*, 35, 283-298.
- Hill, J. P. (1980). *Understanding early adolescence: A framework*. Chapel Hill, NC: Center for early adolescence.
- Hoppe, M. W. (1998). *Redes de apoio social e afetivo de crianças em situação de risco*. Dissertação de Mestrado Não-Publicada. Curso de Psicologia do Desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, RS.
- Hutz, C. S. (1999, Maio). *Problemas éticos na produção do conhecimento*. Trabalho apresentado no I Congresso Norte-Nordeste de Psicologia, Salvador, Bahia.

- Hutz, C. S. & Koller, S. H. (1999). Methodological and ethical issues in research with street children. Em M. Raffaelli & R. W. Larson (Orgs.), *Homeless and working youth around the world: Exploring developmental issues* (pp. 59-70). New York: Jossey-Bass.
- Jarret, R. L. (1993). Focus group interviewing with low-income minority populations: a research experience. Em D. Morgan (Org.), *Successful focus group: Advancing the state of the art* (pp. 184-201). Newbury Park, CA: Sage.
- Kashani, J. H. & Allan, W. D. (1998). The impact of family violence on children and adolescents. Em A. Kazdin (Editor série) & J. Kashani (Editor volume), *Developmental Clinical Psychology and Psychiatry*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Knodel, J. (1993). The design and analysis of focus group studies: a practical approach. Em D. Morgan (Org.), *Successful focus group: Advancing the state of the art* (pp. 35-50). Newbury Park, CA: Sage.
- Koller, S. H. (1999). Violência doméstica: Uma visão ecológica. Em AMENCAR (Org.), *Violência doméstica* (pp. 32-42). São Leopoldo: AMENCAR.
- Krueger, R. (1993). Quality control in focus group research. Em D. Morgan (Org.), *Successful focus group: Advancing the state of the art* (pp. 65-85). Newbury Park, CA: Sage.
- Laing, R. D. (1983). *A política da família* (2ª edição). São Paulo: Martins Fontes.
- Lightfoot, C. (1997). *The culture of adolescent risk-taking*. New York: The Guilford Press.

- Luthar, S. S. (1991). Vulnerability and resilience: A study of high-risk adolescents. *Child Development, 62*, 600-616.
- Luthar, S. S. & Zigler, E. (1991). Vulnerability and competence: A review of research on childhood resilience. *Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines, 3*, 441-453.
- Masten, A. S. & Garmezy, N. (1985). Risk, vulnerability and, protective factors in developmental psychopathology. Em B. B. Lahey & A. E. Kazdin (Orgs.), *Advances in clinical child psychology* (pp. 1-52). New York: Plenum Press.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Morgan, D. (1993). Future directions for focus group. Em D. Morgan (Org.), *Successful focus group: Advancing the state of the art* (pp. 225-244). Newbury Park, CA: Sage.
- Morgan, D. (1997). *Focus groups as qualitative research*. Newbury Park, CA: Sage.
- Morgan, D. & Krueger, R. A. (1993). When to use focus group and why. Em D. Morgan (Org.), *Successful focus group: Advancing the state of the art* (pp. 3-19). Newbury Park, CA: Sage.
- Muuss, R. E. (1996). *Theories of adolescence* (sixth edition). New York: McGraw-Hill.
- Nunes, T. (1994). O ambiente da criança. *Cadernos de Pesquisa, 89*, 5-23.
- O'Brien, K. (1993). Improving survey questionnaires through focus group. Em D. Morgan (Org.), *Successful focus group: Advancing the state of the art* (pp.105-117). Newbury Park, CA: Sage.

- Outeiral, J. (1994). *Adolescer: Estudos sobre adolescência*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pereira, R. R. (1998). Dinâmica familiar. Em G. Loch & M. A. Yunes (Orgs.), *A família que se pensa e a família que se vive* (pp. 23-30). Rio Grande, RS: Furg.
- Pianta, R. C. & Walsh, D. (1996). *High-risk children in schools: Constructing, sustaining relationships*. New York: Routledge.
- Picus, L. & Dare, C. (1981). *Psicodinâmica da família*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Pires, J. M. (1999). Violência na infância: Aspectos clínicos. Em AMENCAR (Org.), *Violência Doméstica* (pp. 61-70). São Leopoldo: AMENCAR.
- Reichel, S. (1999). Violência institucionalizada. Em AMENCAR (Org.), *Violência Doméstica* (pp. 8-11). São Leopoldo: AMENCAR.
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. *Journal of Orthopsychiatry*, 57, 316-331.
- Rutter, M. (1990). Psychosocial resilience and protective mechanisms. Em M. Rutter (Org.), *Risk and protective factors in the development of psychopathology*. New York: Cambridge University Press.
- Rutter, M. & Hagen, J. (1999). Commentary for the behavioral science working group of NIMH. *Society for Research in Child Development Newsletter*, 42 (3), 1-9.
- Sobsey, D., Randall, W. & Parrila, R. (1997). Gender differences in abused children with and without disabilities. *Child Abuse & Neglect*, 21, 707-720.
- Spina, A., Morita, A., Camargo, C., Cerveny, C. & cols. (1979). Papéis familiares em famílias de periferia. *Cadernos PUC*, 15, 90-101.

- Stefanello, J. M. F. (2000). *A participação da criança no desporto competitivo: Uma tentativa de operacionalização e verificação empírica da proposta teórica de Urie Bronfenbrenner*. Tese de Doutorado Não-Publicada. Universidade de Coimbra. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Coimbra. Portugal.
- Steinberg, L. (1996). *Adolescence*. New York: McGraw-Hill.
- Sudbrack, M. F. (1996). Construindo redes sociais: metodologia de prevenção à drogadição e à marginalização de adolescentes de famílias de baixa renda. Em R. M. Macedo (Org.), *Coletâneas da ANPEPP: Família e Comunidade* (pp. 87-114). São Paulo: Press Grafic.
- Szymanski, H. (1992). Trabalhando com famílias. *Caderno de Ação, 1*, 1-39.
- Szymanski, H. (1994). Educação para família: Uma proposta de trabalho preventivo. *Revista Brasileira Crescimento Desenvolvimento Humano, IV*, 34-39.
- Szymanski, H. (1997). Teorias e “teorias” de famílias. Em M. C. B. Carvalho (Org.), *A família contemporânea em debate* (pp. 23-27). São Paulo: EDUC.
- Szymanski, H. (1998). Significados de família. Em G. Loch & M. A. Yunes (Orgs.), *A família que se pensa e a família que se vive* (pp. 9-17). Rio Grande, RS: FURG.
- Wagner, A. & Bandeira, D. R. (1996). O desenho da família: um estudo sobre adolescentes de famílias originais e reconstituídas. Em R. M. Macedo (Org.), *Coletâneas da ANPEPP: Família e Comunidade* (pp.115-126). São Paulo: Press Grafic.
- Walsh, F. (1996). The concept of family resilience: Crisis and challenge. *Family Process, 35*, 261-281.

- Wampler, K., Halverson, C. & Deal, J. (1996). Risk and resiliency in nonclinical young children: The Georgia longitudinal study. Em E. M. Hetherington & E. A. Blechman (Orgs.), *Stress, coping, and resiliency in children and families* (pp. 135-154). New Jersey: Lawrence Erlbaum.
- Wolff, B., Knodel, J. & Sittitrai, W. (1993). Focus group and surveys as complementary research methods: A case example. Em D. Morgan (Org.), *Successful focus group: Advancing the state of the art* (pp. 118-136). Newbury Park, CA: Sage.
- Zamberlan, M. A. T., Camargo, F. & Biasoli-Alves, Z. M. M. (1997). Interações na família: Revisões empíricas. Em M. A. T. Zamberlan & Z. M. M. Biasoli-Alves, *Interações familiares: Teoria, pesquisa e subsídios à intervenção* (pp. 39-57). Londrina: UEL.

ANEXO A

PLANEJAMENTO DO GRUPO FOCAL

Primeira Sessão

Temas a serem investigados:

- *Integração e apresentação do grupo*
- *Conceito de FAMÍLIA*
- *Papéis e funções dos membros familiares*

Objetivos:

- Conscientizar as participantes do objetivo da pesquisa, do processo e da forma pelos quais serão desenvolvidos os temas de interesse, bem como realizar combinações práticas em relação ao horário de duração, interrupções, entre outras.
- Sensibilizar as participantes para respeitar as diversas opiniões e sentimentos que surgem no grupo, bem como para manter o sigilo das informações.
- Proporcionar a integração do grupo, através da apresentação de seus participantes, visando a corroborar para a espontaneidade na participação nas atividades propostas e nas discussões sobre o tema;
- Identificar as características individuais das participantes, de modo a auxiliar o moderador na coordenação do grupo;
- Incentivar o grupo a falar sobre família, através da opinião sobre os papéis e funções dos membros da família e da mesma como um todo.

Duração prevista: 01h 30 min

Questões de Orientação:

- 1) Para o grupo, o que é uma família?
- 2) Quem faz parte de uma família?
- 3) Quais são as principais funções da sua família?
- 4) Quais são as principais funções do seu pai, da sua mãe, dos seus irmãos e as suas?

Planejamento da Sessão

1) Integração e Apresentação do grupo:

1º momento: Rapport

Tópicos Sugeridos:

- Apresentação da moderadora e das auxiliares de pesquisa;
- Esclarecer sobre o objetivo da pesquisa;
- Enfatizar a importância da opinião, dos pensamentos e dos sentimentos sobre os assuntos abordados e da participação de todas nas atividades propostas;
- Sensibilizar as participantes em relação ao respeito às diversas opiniões e sentimentos que irão surgir no andamento do grupo;
- Combinar sobre o horário de início e término;
- Sugerir que as participantes evitem sair da sala durante o grupo;
- Enfatizar o sigilo em relação às informações trazidas pelo grupo;
- Explicar sobre a necessidade de utilizar o gravador, de realizar anotações durante a sessão e solicitar às participantes o consentimento verbal para gravar;

Duração prevista: 08 min.

2º Momento: Apresentação das participantes

Técnica de apresentação: Retrato 1x1

Procedimento: Cada participante se apresenta verbalmente. Informa o nome, idade, o que faz atualmente. O moderador solicita à participante que forme seu retrato 1x1, isto é, cite uma característica pessoal e uma realização ou desejo em sua vida. A participante poderá expor e comentar seu “retrato”.

Duração prevista: 15 min.

Obs.: Será evitada a utilização de técnicas que exijam a linguagem escrita, pois no grupo poderá haver adolescentes analfabetas ou com pouca escolaridade.

2) Tema de investigação: Conhecendo o que é família

Técnica: Montagem com recortes de revista

Procedimento: O moderador faz a primeira pergunta de orientação: O que é uma família? Em seguida, solicita aos participantes que escolham figuras, frases, palavras que representem uma família. Ao mesmo tempo, estimula o grupo a falar sobre os recortes. Logo após, pede para montarem um quadro da família com as figuras escolhidas. E, assim, o grupo define o conceito de família.

Recursos: revistas, tesouras, cola e uma folha de papel cartaz.

Duração prevista: 40 min.

3) Tema de investigação: Exposição e análise das funções dos diversos membros da família

Técnica: Debate verbal

Procedimento: O moderador estimula o grupo através das perguntas de orientação e as associa ao quadro montado pelo grupo.

Duração prevista: 20 min.

4) Encerramento da Sessão

Procedimento: O moderador investiga os sentimentos surgidos no grupo, agradece a presença de todas, realiza as combinações para o próxima sessão e esclarece possíveis dúvidas.

Duração prevista: 07 min.

Segunda Sessão

Temas a serem investigados:

➤ *Relações familiares*

- *Indicadores de proteção para a família*
- *Indicadores de risco para a família*
- *Vulnerabilidade e Resiliência familiar*

Objetivos:

- Conhecer a visão das adolescentes sobre suas relações familiares;
- Levantar os indicadores de risco e de proteção existentes em suas famílias;
- Verificar como suas famílias lidam com os indicadores de risco (atualmente são resilientes ou vulneráveis diante das adversidades).

Duração prevista: 01h 45 min.

Questões de Orientação:

- 1) Como você vê sua família no passado?
- 2) Como você vê sua família atualmente?
- 3) Quais são os indicadores que favorecem a sua família a enfrentar os problemas?
- 4) Quais são os indicadores que aumentam os problemas existentes na sua família?

Planejamento da Sessão:

- 1) Técnica de aquecimento: Complete a história...

Procedimento: O moderador solicita ao grupo que juntos contem uma história. O moderador inicia com a frase: “Era uma vez uma família...” e a participante ao lado tem que criar a continuação da história (uma frase ou pequeno trecho) e em seguida passa a palavra para outra participante e, assim, até terminar o tempo ou a história.

Duração prevista: 10 min.

- 2) Tema de investigação: Relações familiares

Procedimento: O grupo discutirá o tema, de acordo com as respostas fornecidas na questão de orientação. O foco é como cada uma vê sua família e o que pensa a respeito da forma como se relacionam.

Duração prevista: 20 min.

3) Tema de investigação: Indicadores de risco e de proteção

Procedimento: discussão sobre as questões de orientação. Uma participante é eleita pelo grupo para anotar, em uma folha cartaz fixada na parede, as respostas que evidenciem indicadores de risco e de proteção.

Duração prevista: 01h 10min.

4) Encerramento

Procedimento: O moderador investiga os sentimentos surgidos no grupo e finaliza a sessão.

Duração prevista: 05 min.

Terceira Sessão

Temas a serem investigados:

- *Indicadores de risco e de proteção para a família*
- *As diferenças e semelhanças entre sua família real e uma família ideal*
- *Expectativas na formação de uma família no futuro*

Objetivos:

- Retomar o foco da sessão anterior sobre os indicadores de risco e de proteção.
- Investigar se a participante irá reproduzir o mesmo padrão de relacionamento familiar ou pretende efetuar uma mudança nas escolhas de parceiros e na educação dos filhos.
- Verificar a expectativa das adolescentes em relação a uma família no futuro.

Duração prevista: 01h 30min.

Questões de Orientação:

1. Fale de outros fatores que prejudicam o relacionamento da família e dos fatores que ajudam a família a atravessar momentos difíceis.
2. Como é uma família ideal?
3. O que você espera de uma família?
4. Como será sua família no futuro?

Planejamento da Sessão:

1) Técnica de aquecimento: Contar uma história de sua família

Procedimento: A moderadora solicita ao grupo que pense em uma situação que aconteceu na sua família. Esta situação marcou de forma positiva ou negativa a adolescente. Cada participante conta o seu acontecimento. O grupo pensa que fatores estavam presentes, associando-os aos descritos na sessão anterior e registrados no cartaz. Podem-se acrescentar novos indicadores ou eventos.

Duração prevista: 45 min.

2) Tema de investigação: Família real e/ou ideal; Expectativas futuras

Procedimento: discussão através das questões de orientação

Duração prevista: 30 min.

3) Encerramento

Procedimento: O moderador solicita ao grupo que escolha uma música que simbolize a questão da família ou se relacione a ela. Caso se lembrem da letra, poderão criar uma, adaptando a uma melodia conhecida. No final, o grupo canta a música. O encerramento da sessão será o momento de avaliação e de despedida do grupo.

Duração prevista: 15 min.

ANEXO B

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Dados Bioecológicos

Nome.

Endereço:

Idade:

Estuda? () sim () não Escolaridade:

Trabalha? () sim () não Ocupação:

Família de Origem:

Pai () vivo () morto () desconhecido () desaparecido

Idade: Profissão:

Mãe () viva () morta () desconhecida () desaparecida

Idade: Profissão:

Número de irmãos:

Idades:

Situação atual:

Reside na Instituição? () sim () não

Tempo de permanência?

Maus Tratos na família:

Tipo: () Abuso Físico

() Abuso Emocional

() Abuso Sexual

() Negligência

Agressor: () mãe () pai () irmãos () outros:

Frequência e duração dos maus tratos:

Idade em que ocorreu pela primeira vez:

ANEXO C

ASSENTIMENTO POR ESCRITO

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____ NOME _____, concordo em participar da pesquisa sobre Vulnerabilidade e Resiliência Familiar realizada pela Psicóloga Clarissa De Antoni em ___MÊS___ de 1999.

Assinatura:

Nome:

Data:

ANEXO D
GRUPO FOCAL A

SEGUNDA SESSÃO

Data: 21/07/1999

Horário: das 18h10 min. às 19h 35 min.

Duração: 1h 25 minutos

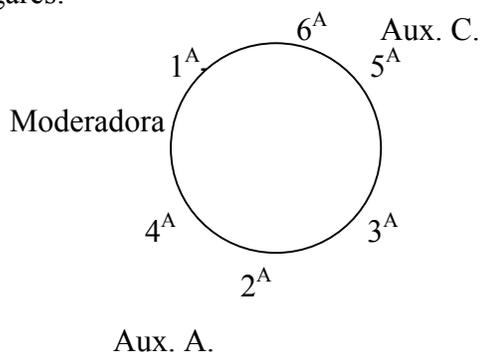
Participantes: Moderadora

1^A 2^A 3^A 4^A 5^A 6^A

Duas auxiliares de pesquisa (C. e A.)

Local: Sala da Biblioteca da Instituição

Distribuição dos lugares:



Observação: O atraso no início da sessão foi ocasionado pela demora da vinda de 6^A do quarto para a recepção. Ela estava se vestindo após o banho. Enquanto aguardávamos 6^A, ocorreu a contenção de uma menina em uma sala próxima. Esta menina foi colocada sobre uma cama e amarrada com uma camisa de força por um homem. A menina gritava e resistia a contenção. Aplicaram uma injeção. As meninas do GFA observavam a cena com curiosidade. Fomos encaminhadas para a Biblioteca e a 6^A foi logo em seguida. O término da sessão foi determinado pelo horário da janta (19h30).

Moderadora- Bom, vamos para começar a sessão, relembrar algumas combinações que a gente fez ontem, né? A respeito do sigilo. Sigilo é a gente manter entre nós as coisas que nós conversamos aqui no grupo e também há a questão do respeito... poder respeitar a opinião das outras pessoas... não rir, debochar... (risos do grupo)... poder ouvir o que a pessoa fala, mesmo que seja totalmente o contrário do que a gente pensa. Está, OK? Bom, vamos começar contando uma estória... a proposta é que eu vou falar uma frase e cada uma vai ter que ir completando e formando essa estória. Vai colocando o que pensa, vai falando... até chegar a um final.

4^A- Eu tenho que colocar o que eu tô pensando agora?

Moderadora- Eu vou falar: “Era uma vez” e tu completas... pode começar pela 1^A ... “Era uma vez... e cada uma vai completando, por exemplo: eu digo era uma vez uma família e tu diz: que vivia... a gente tem que formar uma estória com começo, meio e fim...

5^A- Que horas tu tens?

Moderadora- Agora são 18h10. Então vou começar. Era uma vez uma família.

1^A- Eu? (bate na perna com um pedaço de tecido, que trouxe para o GF)

Moderadora- Pode ser.

1^A- Uma família de traficantes, que dois filhos eram drogados e os outros dois eram educados na escola, porque eram internados num abrigo e aí os dois drogados não dormiam em casa., viviam mais na rua do que em casa e os outros dois dormiam no abrigo.

(silêncio)

6^A- Agora eu não sei o que falar (riu, bate com a mão na perna)

Moderadora- Continua...

(1^A dobra e desdobra o pano)

6^A- Os dois que viviam no abrigo não se sentiam muito bem, se sentiam nervosos, se sentiam mal e os que viviam na rua também, se sentiam pior ainda por que eram drogados, porque não tinha o que segurasse eles. Aí, então, os dois irmãos do abrigo tentavam encontrar os outros dois doentes, mas não conseguiram. Então eles tentaram...

5^A (não continua a história, está com as duas mãos na boca, olha para cima, pensativa)

4^A- Tentaram se aproximar dos dois e tentaram convencê-los a tratar.

2^A- Um dos drogados pegou AIDS e os irmãos do abrigo internaram ele. Ele passou mal, teve convulsões e várias outras coisas.

(risos, silêncio, 6^A pega o pano de 1^A e bate na perna de 5^A)

Moderadora- Os que estavam fora, foram para o abrigo?

1^A- Não, um dos que estavam fora, entraram no abrigo.

3^A- E aí, um que estava no abrigo, saiu, ele falou com a diretora, a mãe autorizou, porque ele já era de melhor partido e internou o outro no Hospital, para poder curar, para salvar a vida do irmão dele. Mas como ele não quis, ele achou melhor continuar na rua e então ele continuou.

(silêncio)

4^A- Mas como ele decidiu morar nas ruas...

(silêncio)

Moderadora- O que aconteceu depois ? (cochichos)

2^A- Eles tinham um tio chamado Paulão e era traficante. Então, o tio dele se revoltou e deram um tiro nele e se meteu com gangues, do próprio tio.

4^A- Do próprio tio.

(silêncio)

Moderadora- Vamos então fechar a estória?

1^A- Aí, o tio, como a mãe era irmã do homem, do Paulão. Ela pegou e foi tentar falar com ele. Ela tinha um problema que era câncer. Ele entendeu e deu uma chance para ele. Só que como um deles tinha AIDS, começou a aparecer os sintomas e logo morreu e o outro, como viu o que aconteceu com o irmão, tentou mudar e foi para o abrigo também. Porém, como a mãe tinha câncer morreu e o pai alcoólatra, continuou bebendo (1^A roe as unhas).

Moderadora- Vamos ver, o que está estória tem a ver com a família? O que a gente pode associar com a família?

1^A- O que tem a ver com a família?

Moderadora- É.

1^A- Na estória?

3^A- Eles são meus primos...F., R., D., um já morreu!

Todas (Ah!)

1^A- Eles são meus primos, também... só F., o R. e o D. não é. Eles usam drogas, cheiram coca, cheiram loló. Sobrinhos da N.

3^A- Minha madrinha.

Moderadora- Vocês são parentes?

3^A- Não, não sabia, tia!

1^A- E o irmão dele, C. tinha AIDS, também morreu. A outra cheirava loló, agora ela tem três filhos, vive bem, é casada, a X.. E a A. tem um nenê. Um tem AIDS e não quis se tratar, o G. Mas, o outro, o D., está no X. (outra instituição).

3^A- O G já saiu ?

1^A- Ele já saiu. Ele foi um fim de semana lá em casa.

4^A- Me larga, 2^A !

3^A- Quer dizer que ela é minha prima.

1^A- E ela é ex-namorada do D..

3^A- Que mentira!

(risadas)

6^A- Conheço todos os teus parentes, tudo da P..

(risadas)

Moderadora- Então, tá. Realmente é uma coincidência.

3^A- É, eu fiquei assim quando ela disse...

1^A- E eu assim, ela tá, né? Quando falou do D., que tinha AIDS...ué, será que os primos dela tem os mesmos nomes que os meus...

3^A- O que está na X. (instituição) fugiu?

1^A- Um tem 16, o outro tem 15 e o outro tem 10

5^A- Tá bom, né? Família reunida.

3^A- Eu não sabia, tia.

Moderadora- Então...contando a estória da família. A 3^A falou que tem a questão da AIDS e das drogas. Como é que vocês viam a família de vocês quando eram menores e agora ?

1^A- Eu perdi três primos. Um quando eu tinha 11, outro quando tinha 12 e outro quando tinha 13.

3^A- Foi o C.!

1^A- O outro da D., tinha o D. ... E agora ela ainda tem o nenê de quatro meses.

3^A- Mas aquele é filho do pai de outro.

5^A- Família se encontrando na X. (instituição).

(risadas)

3^A- Bah, que horror.

4^A- Cruzes !

6^A- Ah ! Tem que ser insistente.

4^A- Ah, pára os teus problemas ninguém precisa saber! (risos)

(dispersão)

Moderadora- Então vamos voltar para a questão da família...como vocês viam a família quando vocês eram crianças ?

6^A- Mal.

Moderadora- Mal...

6^A- Eu via mal...porque apanhava.

Moderadora- Como vocês viam a família no passado?

3^A- Pra mim era bom, tia.

1^A- Pra mim era mal, porque...

2^A- Mal, porque eu apanhava muito do meu padrasto.

3^A- Eu apanhava muito da minha mãe.

1^A- Era uma da madrugada, meu primo batia na porta correndo, ele tomava dose e dava overdose nele e ele pegava se escondia. Eu ficava assustada, começava a chorar, eu não sabia o que era, né?

(dispersão do grupo, pois a 6^A levantou e começou a arrumar a calça. Ela estava vestindo duas calças uma por cima da outra. Todas começaram a rir. 6^A fala que está muito frio)

Moderadora- Está com duas roupas, 6^A?

6^A- Depois esfria mais tarde.

5^A- Ainda bem que eu encontrei uma meia louca.

(risos)

Moderadora- Vocês estavam falando da questão de não entender o que estava acontecendo e ficar com medo...

1^A- Claro, aí depois, nós discutimos porque meu pai se drogava, ele bebia, fumava maconha...

3^A- Quem é o teu pai?

1^A- É o P., primo irmão da L. E a mãe dela é tia dele. Só que ele foi criado com a mãe da mãe dele, que ela também foi criada. A minha bisavó criou o meu pai...

3^A- Bisavó por parte da C..

5^A- A família é grande, heim?

1^A- E...logo depois meu pai, que começou a beber. A minha mãe conversou com ele, chegou a se internar ele como louco. Os meus primos morreram.

4^A- Morrerem de quê?

1^A- De AIDS, morreram com câncer, tuberculose e pontada.

Moderadora- A 1^A falou que não sabia o que estava acontecendo e a 4^A, e quando tu eras pequena ?

4^A- Eu tinha oito, nove anos de idade, minha mãe deixava eu sair, eu ia no supermercado para ela. Só que depois dos dez mudou tudo...aí comecei a sair pra rua, matar aula, comecei a criar problemas dentro de casa. Mas até os dez anos tava bem.

1^A- Só uma noite pra mim, eu tinha ido para a minha vó. Aí, eu tava no som, um guri pediu para mim e para uma amiga cheirar loló com ele. Ele disse que morava perto ...daí ela pegou e me deu e eu cheirei. Nós ficamos ali cheirando. Eu não sabia o que estava fazendo ali, na B.. Eu tinha nove anos.

5^A- Que parte da B.?

1^A- Eu sei lá!. Só sei que eu cheirei. Entrei num carro com os amigos dela.

5^A- Ihh....boa coisa não aconteceu.

1^A- E depois eu não vi mais nada...só sei que no outro dia eu estava acordada deitada ao lado dela, com o lençol por cima, no sofá. Aí, eu me levantei e não me lembrei de nada aí eu sai na rua estava ele ali sentado, cheirando pó. Eu não sabia o que era. Aí eu cheguei em casa e não estava bem e nunca mais eu cheirei.

Moderadora- E a 2^A?

2^A- Assim, não tinha nada de anormal.

6^A- Eu apanhava.

2^A- Eu apanhava muito do meu padrasto, da minha mãe não.

5^A- A gente tem que esconder a secura.

1^A- Quando eu era pequena, eu não tinha medo de apanhar, nunca apanhei na minha vida. Só apanhei depois dessa noite. Eu via meus irmãos apanhando.

6^A- Eu também, quando eu era pequena, eu tinha minha mãe (biológica), eu nunca tinha apanhado. Quando fui morar com a minha mãe (adotiva), depois de dez anos, eu vi o que era apanhar, era toda hora, todo o dia.

4^A- Pra mim era bom.

3^A- Quando eu era pequena, eu tinha minha mãe. Eu não apanhava. Depois dos dez anos é que comecei a apanhar.

Moderadora - O que acontece aos dez anos? O que mudou na família?

6^A- Muda que os caras começam a cuidar mais ...começa a botar corpo, ficando mais *sexy*.

3^A- O que mudou foi que meu pai apareceu.

5^A- E em mim foi que meu pai sumiu.

(risos)

6^A- Os dois acabam se encontrando.

Moderadora - Para 3^A é quando o pai apareceu e para a 5^A quando o pai sumiu.

5^A- Eu era pequena...eu tinha dois anos e fui morar numa creche, minha mãe trabalhava muito, passava a semana toda e só me buscava no fim de semana e aí eu fui morando, morando, e continuei morando lá na creche, aí eu fiquei até os onze anos. Quando eu fiz onze anos eu fui morar com a minha mãe, fui morar mesmo. Quando eu fiz onze anos, meu pai sumiu. Depois ele apareceu de novo e depois sumiu de novo.

(silêncio)

Moderadora- E vocês acham que mudou a visão que vocês tinham da família do passado sobre a família hoje? Tem diferença?

(silêncio)

Moderadora -Bom, o que ajuda a família a enfrentar seus problemas, suas dificuldades?

4^A- A união.

Moderadora- Eu gostaria que alguém pudesse escrever na folha.

6^A- Tá, bom, eu vou (levanta-se da cadeira e se dirige ao cartaz que está fixado na porta do banheiro).

Moderadora- Vamos dividir o cartaz em duas partes. Em um lado nós vamos colocar as coisas que favorecem e do outro lado as coisas que dificultam. Então a gente está falando das coisas que favorecem a família a enfrentar os problemas.

6^A- Isso é um banheiro?

Moderadora- A 4^A falou...

4^A- Amor, união.

(risos)

Moderadora - O que é união?

3^A- A família unida.

1^A- Afeto.

2^A- Amor.

6^A- Eu adoro esta palavra.

3^A- Família unida.

6^A- Já tem união.

1^A- Afeto.

6^A- Já tem afeto.

Moderadora- Então vamos ver. A 3^A disse que união é família unida. Mas o que tem que fazer para a família ser unida?

3^A- Sem brigas, uns aos outros. Tem família que é assim sempre.

1^A- Sem drogas no meio.

4^A- Ah, então a minha família não ia ser muito unida, mas tem piores.

1^A- A minha família tem drogas no meio, mas é sempre unida.

2^A- A minha família não é sempre unida. A minha mãe tentou levar os meus irmãos para o meu dindo...

3^A- A minha família não tem isso.

Moderadora- Então, vamos colocar do outro lado.

1^A- Drogas, desavenças.

3^A- Brigas.

Moderadora - Nós estamos falando da união. O que é união?

3^A- Um ajudando ao outro, dando carinho, ajuda.

(silêncio)

2^A- Cada um resolve os seus problemas.

1^A- Não. Na minha casa não é assim. Depende do problema, né? O namorado da minha irmã ela que resolve.

Moderadora - Como assim?

1^A- Assim, ó.

6^A- A união da família também precisa colocar.

1^A- É assim, minha irmã tem dez anos, é uma tiquinha de guria. É assim, nós fomos numa Igreja, tinha uma festa e ela pegou e...

3^A- Só vai na Igreja quando tem festa! (risos)

1^A- Não.. não me levem a mal! A minha casa é perto da Igreja.

5^A- Quando tem festa na Igreja ela vai na Igreja, quando a festa é.. (risos)

3^A- E, aí?

1^A- Aí nós estávamos na Igreja. Ela pegou e disse assim: se eu namorasse, ela conta para a mãe e se ela namorar eu conto para a mãe. Uma conta da outra. Ela pegou e foi pro outro lado com uma guria de 15 anos. Ai, (risos) meu irmão ficou bravo por causa da guria. Elas começaram a cochichar e começavam a olhar pro guri do outro lado. Eu falei pra elas: o que era ? Ela disse que não era nada. Eu fui provocá-las e fui namorar. Elas ficaram bravas.

2^A- Elas disseram: Sai chulé, sai chulé!

(risos)

1^A- O guri tem onze anos. Ela falou que eu era folgada. Aí um amigo queria ficar comigo, eu disse não...obrigada, aí a outra guria ficou com outro guri lá, daí ela pegou e queria ficar com o mesmo guri.

Moderadora - A tua irmã queria ficar com o guri ?

1^A- É, ela queria ficar com o outro, o do brinquinho. (risos)

2^A- E qual a moral disso aí? Do que tu está falando ?

1^A- Porque é assim...oh ...na minha casa tem união em certas horas e desavenças em outras.

Moderadora- Tem a parte de união, de proteger uma a outra, para namorar, é isso ?

1^A- Que proteger uma a outra ?! Quando a gente chegou em casa, ela disse que eu que queria fazer ela namorar com o guri. (risos)

3^A- Na Igreja teve união, em casa teve discussão. (risos)

1^A- E eu obriguei a namorar o guri e eu que queria que ela namorasse o guri e ela veio chorando que ela queria namorar o guri e eu não queria deixar. Em casa ela disse o contrário. Aí eu fiquei brava e aí quando eu quero namorar eu tenho que...

6^A- O Tamagochi!

3^A- O Tamagochi, 1^A ?

1^A- Que Tamagochi, o quê ? Quando eu quero namorar, eu vou no armazém e digo assim pra minha mãe: Ah, mãe ali não tinha e estava mais caro e em baixo estava mais barato e eu fico mais tempo na rua. No final assim, quando eu vou “ficar”, como é que eu vou dizer...

Moderadora- O que é isso, quando uma pessoa tem que dar uma desculpa para poder sair?

4^A- Bah, tia. Eu na minha casa digo pra minha mãe tô indo e tchau!

5^A- Eu falava assim: mãe, eu vou ali e já volto, eu ia e não voltava e ela não falava nada.

3^A- Eu ia e não voltava, e ela mandava minha irmã atrás de mim.

1^A- A outra vez que eu fugi daqui, eu fiquei cinco dias em casa. A minha mãe disse se eu não me endireitasse, o meu pai ia me bater. Aí, eu peguei e nem falei pra ela que eu ia sair e fui para a casa da minha amiguinha. Eu saía e voltava as 9 horas, só sexta, sábado e domingo, que eu voltava cinco, sete da manhã.

(5^A cochicha com 3^A)

Moderadora - Só um pouco, 5^A gostaria de falar para o grupo o que estão conversando?

5^A- A gente tava falando, eu perguntei pra ela se quando ela era mais pequena, a mãe dela controlava mais ela.

Moderadora - E o que ela falou ?

5^A- Ela falou que a mesma coisa que antes.

Moderadora- Eu fiz uma pergunta: Quando uma pessoa tem que dar uma desculpa para poder fazer alguma coisa...

5^A- É assim, por exemplo, a senhora quer sair e a sua mãe não deixa. Tem que fazer faxina e acabar a faxina e tu quer ver o namorado, sair pra rua e não pode fazer nada.

Moderadora- O que está faltando?

4^A- Se eu desse certo com a minha mãe, ela...

5^A- Um pouco de sinceridade.

4^A- Eu falava pra ela o que eu ia fazer, mas ela não acreditava.

5^A- A minha mãe sempre acreditou em mim.

Moderadora- Está faltando sinceridade e está faltando acreditar?

6^A- Confiança.

Moderadora- Confiança. Então vamos colocar falta de confiança. A 6^A colocou "diálogo". O que é o diálogo?

6^A- A gente poder conversar, colocar o que está acontecendo, o que está acontecendo com a gente. A gente fica ali angustiada, esperando a mãe chegar na gente e ter um diálogo.

2^A- É difícil uma mãe chegar assim e conversar.

5^A- A minha mãe tinha confiança em mim.

1^A- Eu sou uma que nunca conto para minha mãe, nem para minha avó.

5^A-Tudo que eu fazia eu falava pra minha mãe.

4^A- A minha mãe não sabe nada de mim.

6^A- Eu confiava na minha avó. Eu preferia falar com qualquer uma do que a minha mãe.

2^A- A minha mãe era uma revoltada, porque ela apanhava muito quando era criança. Agora ela quer tudo no tempo dela, ela não quer liberar.

6^A- Não toca em mim. Foi uma facada no peito. Eu sei, eu fugi de casa praticamente por isso. Eu sabia a diferença entre eu e ela, eu sabia que tinha alguma coisa que não tava boa.

5^A- Eu era mais ou menos assim, também. Só que tinha diferença entre eu e minha irmã. Só que a minha irmã...

(risos)

2^A- Ela briga com a família dela e desconta na 4^A.

Moderadora - Vamos colocar ali, a diferença entre irmãos. 5^A continua!

5^A- Era diferente entre eu, minha mãe e meus irmãos. Meus irmãos mais novos minha mãe tratava super bem. A minha mãe me tratava bem, deixava sair, deixava fazer tudo. Só que era diferente, meus irmãos ela tratava super bem, minha irmã ela sentava primeiro que eu, ela conversava. A minha irmã saía, fugia de casa, quando minha irmã tava aqui na X. (instituição)...

(risos)

Moderadora- O que foi?

3^A- Nada tia.

2^A- Ela colocou dois acentos (refere-se quando a 6^A escreve a palavra irmãos).

(risos)

6^A- Tá, e daí?

1^A- Engraçado! (risos)

5^A- Daí, com a minha família era diferente. Com a minha irmã, minha mãe sentava com ela, conversava. Ela conversava comigo. Só que eu sempre era a última. Acontecia alguma coisa com a família, ela falava primeiro com os meus irmãos. Eu sempre era a última a saber das coisas. Aí, comprava roupa pra alguém, primeiro comprava para os meus irmãos e depois comprava para mim. Eu sou sempre a última. Então eu sou muito revoltada por causa disso.

Moderadora - O que é isso, então, que vocês estão trazendo? Que sentimento é esse?

5^A- Eu brigo com todo o mundo por causa disso.

2^A- Quê?

Moderadora - Nós estamos falando de um sentimento...

6^A- Agonia.

4^A- Eu não tenho, como eu posso dizer. Eu não me importo se minha mãe der pra outro e não der pra mim. Até porque eu sei que ela não vai muito com a minha cara. Eu aprontei, não sou muito certinha (5^A interrompe 4^A, 4^A termina a frase rindo).

5^A- A minha irmã também é assim (1^A interrompe 5^A).

1^A- A minha mãe era assim também.

4^A- Eu também

Moderadora- Por que vocês aprontaram?

5^A- A minha irmã saía, ela tava tri bem, aí minha irmã chegava, deu. Não existia mais 5^A no mundo. (risos)

6^A- É assim lá em casa também. Não é diferente.

3^A- Quando minha irmã, agora ela tem dois filhos, meu cunhado foi lá em casa há pouco tempo. Meu cunhado era bem tratado. Eu fiquei olhando, minha mãe comprou uma roupa pro marido dela, pai dos dois filhos dela e comprou roupas pra eles tudo. E pro meu cunhado deu duzentos reais para ele. Ela tinha ido no Banco e tirou quinhentos pila. E daí deu duzentos pro X.. Bah, eu fiquei assim, bah, pra mim ela não dá nada e pra levar pra minha irmã...tá eu fingi que não dei bola. Aí, meu padrasto chegou e pediu o dinheiro para dar entrada na Madeireira. Ela pegou e disse que tinha levado roupa e calça pra ela, mas ela não falou que tinha dado pra minha irmã. Eu fiquei mal. Ela dava para minha irmã e não dava para mim. Até agora, ela deu colcha para minha irmã, deu três colchas que ela comprou na Rainha, comprou lençol, comprou um monte de coisas, encheu um baú inteiro e mandou. Eu fico assim, porque sou eu que ajudo ela, e ela não dá pra mim. Pra minha irmã que mora lá fora e nem telefona pra ela, para saber como ela tá...

6^A-Para saber como ela tá...

3^A- Se ela tá bem ou se ela morreu, se deixou de morrer, se foi pro Hospital.

6^A- Só no dia do pagamento.

3^A- Ela não telefona para a mãe. Ela mora em X. (cidade do interior), nem telefona para saber se a mãe tá bem... (fala muito rápido). Toda vez que ela vem aqui, a minha mãe dá um monte de coisas pra ela.

6^A- O meu caso é um pouco diferente. Nem quando eu estava grávida não recebi tanta atenção quanto a minha irmã recebe. O problema é que eu nunca falei nada sobre isso, mas quem sustenta ela sou eu. Ela faz tudo que é tipo de malvadeza e eu dou um tapa nela, isso me irrita. Se eu encostar um dedo nela, já começa e eu não posso falar, pra ela me chamar de monstro, sabe? Ah, não sei o quê: - Tu é um monstro, guria!

3^A- E até, tia, eu guardei um negócio pra minha mãe, por dois anos. Se eu quisesse mesmo fazer com que ela se sentisse mal, por tudo que ela fez pra mim. Eu já passei trabalho na minha vida. Até pelo meu namorado agora. Se eu quisesse, eu tinha falado, isso eu não quero falar. A minha tia disse para mim: Tu tem que se abrir com Psicóloga. Não, eu não quero falar pra ninguém. Quero ficar só pra mim. E eu não agüento mais, não consigo nem dormir, fico pensando, eu me sinto mal por isso.

1^A- Violência ... Agressão. Chegam a agredir.

(falam ao mesmo tempo)

6^A- Agressão é uma das palavras.

1^A- Eu não, não tem nada diferente da minha mãe. Só... (6^A interrompe 1^A).

6^A- Agora, uma coisa eu sei. Minha mãe não ganha de mim no bate boca. Não ganha por que eu sei medir as palavras. Depois eu falo e acabo machucando ela. E ela acaba parando.

1^A- Eu tinha esse monte de segredo com a minha mãe, só que eu nunca falei pra ninguém e eu nunca joguei na cara dela

3^A- Por eu guardar o segredo para minha mãe é que eu me prejudiquei, sabia? Por dois anos eu estou guardando e até agora não falei pra ninguém, nem pra Psicóloga... que eu estou me prejudicando e eu vim parar aqui na X. (instituição).

Moderadora- Então o segredo é uma coisa ruim?

3^A- É horrível.

1^A- Ah, eu sei, só que eu não posso falar o segredo dela. O meu pai participou, minha irmã participou, eu participei, minha irmã de dez anos, meu irmão de sete anos. Todos

participaram, ajudaram. Quando tinha que entregar alguma coisa, qualquer um entregava. Eu não vou falar.

4^A- Até a gente imagina, né.

1^A- Quer saber? É assim. A minha mãe e o meu pai há três meses atrás, a gente vendia drogas, maconha. E aí, ficava enterrado debaixo da casa. Assim, a minha mãe trabalhava, meu pai também e não tinha como cuidar. Meu pai era alcoólatra. E ficava escondida no meio da nossa roupa, quando chegava comprador a gente tinha que ir lá buscar. Quando a mãe saía, era eu, meu irmão, a minha irmã de dez anos, aí ela chamava eu ou ela pegava o dinheiro e mostrava como é que é. Só pegava o dinheiro e mostrava pra nós.

Moderadora - E porque eles faziam isto?

1^A- Eu não sei. A gente era amigo de um senhor, eu não vou dizer o nome. Bem procurado lá. Ele matou um homem. Morava lá na P. e comprou nossa casa. Como ele não podia vender lá em cima porque a polícia podia bater lá. E ele já tinha matado umas pessoas. Minha mãe lá embaixo via entrar “boyzinho” e sair “boyzinho”. Ela sabia que do outro lado vendia, mas era ruim e o que este senhor vendia era bom. Nós pegamos e levamos lá para baixo, pra vender. Dava dinheiro, era bom. Não faltava nada para nós. Ela não tinha como trabalhar.

Moderadora - Ela não tinha emprego?

1^A- Ela tava grávida e não tinha como trabalhar, nós fomos ajudando ela. A gente ia pro colégio, tinha material.

Moderadora - Era uma forma de sobreviver financeiramente ?

1^A- É. Mas não era nada de ruim. Depois nós voltamos para a P.. Aí, meu pai vendeu uma coisa e trocou a carroça dele por um revólver e mais 50g de pó pra vender de novo. Aí, era de madrugada, ele e meu primo vendiam. Aí, ele cheirou e botou um pouco de talco e levou pra mãe. Aí, a mãe pegou e ouviu ele falando. Ela deu um tapa nele e ele pegou e pagou. (fala muito rápido). O meu irmão tem tudo, tem chuteira, ele ganhou uma calça. Ele também ganha, se ela ganha uma calça, meu pai ganha, meu irmãozinho ganha, minha irmã ganha, pro nenê ela não precisa comprar porque todos os meses ela ganha uma coisa. Quando não dá, quando tem muita coisa ela compra só para um.

Moderadora - A 1^A está falando da falta de emprego, da falta de trabalho. É algo que prejudica a família ?

6^A- Prejudica a gente mesmo, eu sou uma. Eu tenho dezessete e não consigo emprego. Só porque eu parei de estudar na quarta.

Moderadora- A escolaridade ?

2^A- Também tem muita gente que tem preconceito pela gente que está na X. (instituição). Hoje eu fui visitada.

(falam ao mesmo tempo)

1^A- O que a gente falou não vai sair daqui, né?

5^A- O que a gente está falando aqui não vai sair?

2^A- Por isso que eu não abri a minha boca, para não falar besteira.

Moderadora- Nós combinamos que não vai sair daqui. O que foi gravado vai ser passado para o papel, não vai o nome de vocês, não vai identificar. Não vai aparecer o nome de vocês.

5^A- Quando a minha mãe ficou doente, minha mãe trabalhava e o meu padrasto vendia drogas e aí ele foi preso em março...

6^A- Se ocupa esse banheiro? (refere-se a porta)

1^A- Vai. Só que não está funcionando.

Moderadora - Dá uma olhada.

6^A- Ah! Credo! Está cheio de tralha (entra e encosta a porta).

5^A- Aí, em maio minha mãe faleceu... bem antes minha mãe começou a ficar doente, o problema da minha mãe era muito grave e não tinha mais como continuar. Aí, meu padrasto...

3^A- O que ela tinha ?

5^A- Câncer em todo o corpo: seios, útero e tudo. Meu padrasto usava drogas. Ele cheirava de tudo, tudo de pouco e cada pouco de tudo. Ele roubava. Em março, quando a minha mãe foi para o hospital, ela baixou hospital e quando foi ver ele foi preso. Minha mãe faleceu e ele não soube. Agora faltam três meses pra ele sair. Ele roubava tudo, carro, som, televisão, tudo. Não vai sair daqui, né? (todas dizem que não). Daí, ele assaltava. Ele foi preso este ano umas quatro vezes (6^A saiu do banheiro).

Moderadora- O que levava ele a assaltar?

5^A- Drogas.

2^A- Sem dinheiro.

Moderadora - Falta de dinheiro. Vamos colocar ali.

5^A- E também, ele trabalhava, mas do jeito que ele é, ele começava a trabalhar e ficava uma semana.

2^A- Mas ele era legal?

5^A- Meu padrasto era super legal. Ele assaltava e tudo, mas quando a minha mãe tava doente e não podia mais, ele dava tudo pra gente, para mim e meus irmãos. Só que a maioria das vezes quem era mais culpada de tudo era eu... porque se a minha mãe brigava com os meus irmãos. Eu levava um muro na cara, vinham os meus irmãos e me batiam. Aí, minha mãe começava a passar mal. Minha mãe tava mal no Hospital, vinha para casa e tava mal. Os meus irmão preferiram ir pro som, pro inferninho do que ficar em casa e cuidar da minha mãe. Daí eu ficava em casa, cuidava da minha mãe. Meus irmãos estavam no som dançando enquanto que eu tava em casa cuidando da minha mãe. Meus irmãos iam pro som todo o fim de semana e eu ficava em casa, quase nunca saía no fim de semana por causa da minha mãe. A minha mãe dizia: Vai passear, se divertir, aproveita que depois que eu morrer –ela sempre dizia- depois que eu morrer tu não vai poder sair tanto. O meu irmãozinho ficava com medo. Eu dizia: -“Não, eu não vou sair porque alguma coisa vai acontecer contigo”. Aí, meu padrasto saía, voltava, voltava, ia. Era todos dias ele vinha com uma coisa. Tá, daí na última vez... ele veio aqui me visitar. Mês passado ele veio me visitar. Né, 2^A, ela viu ele. Ele disse pra mim que faltava dois meses para ele cumprir pena. Ele saía para trabalhar e a noite ele voltava para dormir e acabou não voltando mais. Agora estão de novo atrás dele. Eu vi ele ontem dentro do ônibus. Eu falei com a tia X., a psicóloga, e ela tá com medo de agora me largar e eu ir embora, porque eu sou super amiga dele, meus irmãos brigavam com ele. Eu nunca briguei com o meu padrasto e ele sempre me tratou superbem. Ele me deu de tudo. Quando eu brigava com alguém, para minha mãe não xingar, ele conversava com a minha mãe. Os meus irmãos brigavam, nenhum ia com a cara do meu padrasto, a única que ia era eu e pra mim ele dava de tudo. Ele tá solto, eu sei onde ele está, ele me falou. Eu não posso tá falando para todo mundo onde ele tá, daí pegam ele.

Moderadora- Vamos ver. A gente começou a falar das coisas boas e as coisas que dificultam a família a enfrentar os problemas

3^A- A encarar, né?

2^A- De frente com Gabi (risos)

5^A- Que nem uma vez, um tempo atrás, minha mãe não era doente (falam ao mesmo tempo). Com licença ? Obrigada. Eu morava com meu vó lá fora. Fiquei mais ou menos uns seis ou sete meses com meu avô, enquanto minha mãe arrumava a casa para poder voltar a morar com ela. Ali, em cima do A..

2^A- Lá do N. ?

Moderadora - Vocês falaram antes da P., o que é? Um bairro?

6^A- É. Uma vila.

1^A- Em Porto Alegre é bem fácil de falar nela, porque ela já foi várias vezes como o bairro mais...mais

3^A- Mais coisa de traficante.

6^A- É a boca dos traficantes.

1^A- É ali que entra pessoas que vendem roupas, coisas, saem mortas, por exemplo, quando eu morava ali diariamente morria três, quatro.

3^A- Agora que parou um pouco, porque também eu vivia na P., no C.

5^A- Viu, ela conhece o C., também. Quem morou na P. conhece o C..

3^A- Diariamente morre uma pessoa. Agora parou um pouco.

4^A- Vai descendo a P.. Entre na rua da Z.

Moderadora- O local que se vive também é um...os vizinhos...

3^A- É horrível.

Moderadora -Pode prejudicar a família?

(falam ao mesmo tempo)

1^A- Tinha um homem que tinha AIDS, agora ele tá na cadeia. O nome dele era F. Toda vez que ele não tinha dinheiro para se drogar, a mulher dele morreu de AIDS, aí ele pegava e enchia a seringa de sangue e parava no bico. Ninguém via que ele tinha seringa na mão. Por isso, nem minha mãe, meus irmãos e eu ia no bar de noite. Só o meu pai. Qualquer coisa, o meu pai não fazia nada. Ele colocava a seringa na manga e ficava. Ele tirava e dizia: - Ou tu me dá tanto em dinheiro, ou te finco de propósito. A irmã dele ele fincou, ela não quis dar nada pra ele. Uma doação da festa na P.. Eles usam drogas, mas eles ajudam a comunidade. Eles juntam o dinheiro de repente compram drogas e compram brinquedos, roupas, chicletes e fazem festa para as crianças ali na P. mesmo.

Moderadora - Então, ao mesmo tempo que o local que se vive é uma coisa ruim, a ajuda dos vizinhos é uma coisa boa...

1^A- Foi ali que a minha mãe comprou roupa para o bebê, foi ali que eu ganhei minha bicicleta, foi ali que eu conheci mais pessoas na minha vida.

3^A- Ela tava falando que o local que ela mora é boca brava...horrível.

3^A- Eu bebia, né, tia. Tenho vários amigos que fumam e a maioria fugiu de casa. Inclusive, me apoiaram eu e o meu namorado, quando fugimos de casa. Aí, uma vez, eu tinha ido lá pro C.. Eu o V., o meu ex-namorado. Fomos para lá e ele foi preso. Eu tava com ele e ele vendia, quando os homens bateram lá, tia, eu corri. Só deu tempo dele dizer: Corre e eu peguei e saí correndo. Peguei o ônibus. E ele foi preso. Eles chegam atirando, não interessa quem está na rua.

6^A- Na P. geralmente não entra polícia

1^A- Não entra porque tem guri que ganha droga pra vender e até para usar, só pra cuidar. Eles ficam na ponta da rocha. Logo que vem a polícia, eles dão grito, ou estão caminhando normal e gritam, sempre tem um.

3^A- Sempre tem um código.

1^A- Ou pretinho ou bolinha, qualquer coisa. Os PMs eles chamam de bolinha. Aí os caras logo agarram as armas e vão se abaixando. Até um mês atrás, eu tinha ido morar com a minha vó, que tinha sido assaltada e levou uma facada aqui e perdeu um quilo. Tiraram o pulmão dela. Aí, eu fui morar com ela. Nós estávamos dormindo, quando um guri passou correndo, “pula na casa”, aí minha vó ficou com medo. Eu peguei, abri a porta era um guri. Ela disse: "Não fica perto que vai dar tiroteio". Eles começaram a atirar, era um barulhão, acho que uma meia hora. Depois, no outro dia, as cinco horas da manhã começa de novo. Tinha três PMs aqui, mais três ali. Nenhum deles foram mortos.

6^A- Uma coisa, eles nunca conseguiram passar um pente fino

1^A- Eles têm raiva mesmo é de um senhor que se chama...brigadiano, mesmo.

6^A- O brigadiano é o S.

1^A- É o S. e o ..como é o nome do outro?! Sempre tá na minha cabeça porque ele bateu no meu pai, eu me lembro...

2^A- Bateu no teu pai?

1^A- É, o que eu posso fazer? Eu fiquei alucinada. Ele pegou o amigo do meu pai, o B. Ele pegou e foi fazer um assalto. Este cara tinha raiva dele, porque quando entrava na P., o B. encarava de cara a cara. O B. cansou de dar tapa nele e ele não podia fazer nada. O cara ficava parado, porque sabia que qualquer movimento, todo mundo ficava em cima dele. Quando eles entravam, iam de seis ou sete, porque eles também compravam. Aí, o B. foi fazer um assalto, e os caras deram um tiro na perna. Quando o B. viu, disse: Eu também te mato!

Moderadora - Vamos voltar a falar na família, nós estamos falando do local...

2^A- A gente tá falando da violência

3^A- Tá bem bom.

2^A- A gente não vive só do lazer. Olha ali, oh! União, amor, afeto...

6^A- O que mais falta na minha casa.

2^A- Diálogo...Um monte de bagulho. É, não tem quase nas casas. O que mais tem é drogas, medo, falta de respeito, violência.

(falam ao mesmo tempo)

1^A- O meu pai que mora com nós, ele diz, quando ele tá bêbado, que eu não sou filha dele (risos) Eu sou filha dele. Eu sou a única filha dele. Eu sou a mais branca e as outras são moreninhas.

3^A- Tu não viu a minha irmã ?

1^A- Aí, eu peguei... meu pé. Por que tu não é o meu pai? Eu não sou teu pai porque, minha mãe teve meu irmão com ele. Teve um senhor que a minha mãe teve noiva dele. A minha mãe se separou dele e foi morar com meu pai e teve meu irmão. Logo depois, minha mãe brigou com ele e foi para casa desse senhor de novo. Aí, a minha mãe voltou e, depois de um mês, a minha disse que estava grávida. Ele disse que não era dele.

Todas: Báh!

1^A- Para aí, né ?

Moderadora - Ter vários relacionamentos é algo que dificulta ?

1^A- Ela pegou e meu pai disse que não me queria.

5^A- Eu disse para a D., não cuidar o homem que você está cuidando a bastante tempo, tá?

1^A- O meu disse: "Eu não quero essa criança porque não é minha filha. É filha do T.". Eu sei até o nome dele. Aí, minha mãe pegou e me deixou no Hospital. A minha madrinha pegou e me levou para minha avó e registrou no nome dela. Registrou no nome do meu avô e minha avó. Ele disse que não ia registrar uma criança que não era dele.

2^A- Aí, que horror!

1^A- A minha irmã, que tá lá fora, é branca que nem eu, tem a minha altura e é a minha cara. É filha dele porque tem o pé dele. (risos) Ela é a mesma coisa que ele. É birrenta que nem ele, é mal educada que nem ele e não respeita ninguém que nem ele. Ela vem para minha casa, ela é crente, ela não pode usar saia curta. Ela usava meu *short*, minhas coisas.

2^A- Como assim o pé dele?

Moderadora- O formato...

1^A- O formato, o rosto dela quanto tá brava é a cara dele, as orelhas tudo, mas algumas partes... Ele diz que não é meu pai. Tá, não é meu pai então pega e me dá dinheiro e vou lá e marco o exame, nós vamos fazer o exame para ver se não é. Até eu falei para as tias e elas disseram que o exame de DNA diz tudo. Quando eu entrei no ... (grupo da instituição), eu entrei porque minha mãe tinha batido muito em mim, com roxos...

2^A- Hematomas.

1^A- É, com hematomas, manchas roxas por todo corpo. Minha mãe tava na polícia, ela tava fazendo tratamento e eu fugi e voltei para casa. Aí, depois disso eu não queria voltar para casa, porque eles me batiam muito, meu pai e minha mãe. Aí, eles estavam mais em cima do meu pai, porque ele vendia drogas. (falam ao mesmo tempo) Aí minha mãe disse: Essa aqui é tua filha, porque tu se lembra daquela época... Aí, ele disse: Se for até eu assumo mesmo. Aí, começou e deu risada. Aí, eu peguei e vi que ele era meu pai mesmo.

Moderadora -Bom, nós estamos no final do nosso encontro.

Todas: Aaaah!

2^A- Agora que tava bom!

2^A- Ah, não tia, vamos ficar mais um pouquinho.

6^A- Agora que tá ficando sério.

3^A- É, tia

2^A- Eu queria falar sobre violência e vocês não deixaram.

4^A- Que violência, o quê.

(todas falam ao mesmo tempo)

1^A- A tia L. falou que era só hoje.

Moderadora- São três encontros.

6^A- Legal.

4^A- Era pra ser um ano de encontro.

Todas: Eééé!!!

2^A- Ou um mês.

3^A- Uma semana.

1^A- Sexta eu vou embora.

Moderadora- Nós podemos fazer um outro encontro.

2^A- Mas não vai ser a mesma coisa.

Moderadora- O objetivo do nosso trabalho é poder estudar.

5^A- Vai ter com outras gurias?

Moderadora- Sim. Vamos fazer uma avaliação?

5^A- Quantos anos a senhora tem?

Moderadora- Depois eu respondo. Vamos fazer uma avaliação, como cada uma se sentiu, como vai sair daqui...

1^A- Eu me senti bem, eu gostei.

4^A- Foi melhor que ontem.

1^A- Peço as gurias que estão no meu grupo, vocês são muito junto das outras, para não falar sobre as drogas na minha família.

2^A- Nada a ver.

Todas: Éééé'!

Moderadora - O que foi falado aqui, não pode sair daqui.

5^A- O que foi falado aqui, a gente viu que não ia sair daqui.

1^A- Nem os meus parentes, lá não sei da onde, sabem isso da minha família

5^A- Eu acho que as duas são primas....se acontecesse comigo eu ia ficar sabendo.

2^A- Não, não, não me leva a mal. Eu não conto pra ninguém. Tem várias coisas que me contam e eu não falei para ninguém.

(falam ao mesmo tempo)

Moderadora- A gente fez uma combinação e só depende de nós seguirmos ou não. É uma questão de confiança no grupo. Então, 3^A como você se sentiu?

3^A- Ah! Eu gostei estava bom, maravilhoso.

Moderadora - E a 6^A?

6^A- É, achei bem legal, é bem interessante. Depois a gente se acostuma e depois não tem mais.

3^A- O ruim, né? Que a gente se acostumou e não tem mais.

6^A- Ontem a 1^A estava bem agitada e hoje mais tranquila

Moderadora - 4^A?

4^A- Eu adoooro lembrar o passado.

2^A- Essa daqui, ela lembra e chora.

1^A- Eu me senti bem, quando eu era pequenina e morava com a minha avó. A minha mãe nunca ficou sabendo da primeira vez que eu fiquei menstruada, eu contei para minha tia e ela começou a comprar o absorvente. Quem soube quando eu tinha namorado, com quem eu fiquei, com quem eu não fiquei era essa mulher que cuidou de mim.

5^A- Minha mãe também, não me escutava. A primeira vez que eu fiquei menstruada eu contei pra minha tia. Depois que ela descobriu eu falei para ela, porque a minha tia era bocuda e falou para ela. (risos)

Moderadora- Bom, vamos encerrar e amanhã às seis horas nos encontramos de novo.

(Após o encerramento, as meninas continuaram por mais uns cinco minutos falando e logo em seguida foram conduzidas pela moderadora para a recepção da instituição, onde ocorreu a despedida).

ANEXO E

CARTAZ SOBRE FAMÍLIA - GFA

ANEXO F
CARTAZ SOBRE OS INDICADORES - GFA

ANEXO G

GRUPO FOCAL B

PRIMEIRA SESSÃO

Data: 03/08/1999

Horário: das 16:45 às 18:00h

Duração: 1h 15minutos

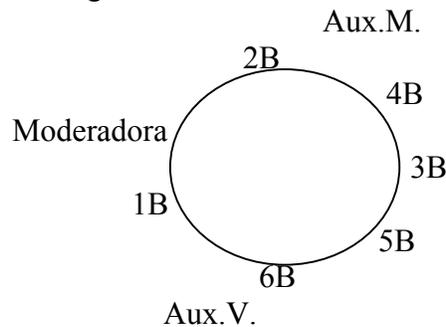
Participantes: Moderadora

1^B 2^B 3^B 4^B 5^B 6^B

Duas auxiliares de pesquisa (M. e V.)

Local: Sala da Biblioteca da Instituição

Disposição dos lugares:



Observações: As meninas foram encaminhadas pela moderadora da sala da recepção até a biblioteca. Pela dificuldade em localizar todas as meninas, que estavam em salas diferentes, houve um atraso de quinze minutos. Após todas se sentarem foi iniciado o GF. O término ocorreu às dezoito horas em função de uma combinação com a instituição

Moderadora - Meu nome é Clarissa e eu sou psicóloga. Conosco estão M. e a V. (auxiliares de pesquisa), que são estudantes de psicologia. Nós estamos fazendo um estudo, uma pesquisa e nós estamos estudando o que as adolescentes pensam sobre a família. É importante que cada uma possa falar o que pensa a respeito. Não existe uma resposta certa, nem errada. Importante também, que a gente possa respeitar a opinião da outra pessoa mesmo que seja uma opinião totalmente diferente da nossa. As gurias vão fazer algumas anotações, porque às vezes não fica muito claro o que se fala no gravador e nós precisamos, depois, quando formos fazer o estudo, ouvir o que vocês falaram. Não aparecerão o nome de vocês no estudo, mas só o que vocês falaram. Então, é importante o que vocês vão trazer. A gente precisa fazer algumas combinações também. São três encontros, começa hoje; amanhã, quarta-feira; e quinta-feira. Vamos tentar começar sempre às quatro e meia até as seis horas, leva mais ou menos uma hora e meia. No final de cada encontro, se vocês tiverem uma outra questão para conversar, a gente pode conversar também. Algumas vezes atrapalha quando duas pessoas falam ao mesmo tempo, ou quando começam a cochichar, ou quando se levantam, então procurem ficar aqui, prestar atenção e trazer o que pensam para o grupo. Certo? (Todas fizeram sinal afirmativo com a cabeça). - 163 -

Bom, então para a gente começar eu gostaria que vocês pudessem se apresentar, primeiro dizendo o nome, a idade, há quanto tempo está aqui e se está fazendo alguma atividade dentro da instituição. Quem gostaria ?

6^B - Bom, meu nome é 6^B, eu tenho dezoito anos...(na verdade tem dezessete anos)

Moderadora - Tu concordas que a gente grave?

6^B - Concordo, não tem problema. Acho que é bem interessante esse trabalho de vocês, é uma chance que vocês dão pra gente poder conversar sobre família e eu acho bem interessante.

4^B - 4^B, quinze anos e estou aqui faz um mês e onze dias, por aí.

Moderadora - Tu concordas 4^B que a gente grave?

4^B - Concordo.

1^B - Meu nome é 1^B, quatorze anos e duas semanas e três dias que eu tô aqui.

Moderadora - Tu concordas que a gente grave?

1^B - Sim.

2^B - Meu nome é 2^B, tenho doze anos e faz um ano e meio que eu tô aqui.

Moderadora - Um ano e meio? Não é um mês e meio?

2^B - (faz sinal afirmativo com a cabeça)

Moderadora - E tu concordas que a gente grave?

2^B - Sim.

3^B - Meu nome é 3^B, tenho quatorze anos e faz dezoito dias que eu tô aqui.

Moderadora - E tu concordas que a gente grave?

3^B - Concordo.

Moderadora - 5^B, quer se apresentar?

5^B - (faz sinal negativo com a cabeça).

Moderadora - Como é teu nome?

5^B - 5^B (Olha para uma das auxiliares de pesquisa e baixa a cabeça quando fala com a moderadora)

Moderadora - Quantos anos tu tens?

5^B - Treze.

Moderadora - E tu concordas que a gente grave?

5^B - (faz sinal afirmativo com a cabeça)

Moderadora - Bom, para a gente começar, vamos montar um retrato. Cada uma pensa duas características, duas coisas marcantes que identifiquem vocês no jeito de ser e duas coisas que vocês gostariam que se realizassem. Então, duas coisas que são as características pessoais, que é do jeito de vocês, por exemplo, eu sou alegre, eu sou tímida, etc. E duas coisas que vocês gostariam que acontecessem com vocês. Quem gostaria de começar?

(silêncio)

6^B - Bom, começo eu de novo então. Eu sou uma pessoa bastante tímida, apesar de não parecer, eu sou bastante tímida e eu procuro, apesar dos problemas, eu sou uma pessoa que procura ser de bem com a vida, não ter esses problemas de brigas, essas coisas ... e de... deixa eu ver o que mais... eram duas características...

Moderadora - E duas coisas que tu gostarias que acontecesse.

6^B - Bom, eu gostaria de sair daqui e morar em S. (cidade) em X. (Estado).

(enquanto 6^B fala, 5^B fica mexendo nos botões do casaco)

4^B - Eu sou sincera e sou tímida também. E duas coisas que eu gostaria que acontecesse era, primeiro, eu gostaria de ter muito sucesso na minha vida e segunda, eu gostaria de voltar para a minha família, onde que a minha mãe tá morando, são as duas coisas que eu gostaria.

1^B - Eu sou alegre, sou tímida também e duas coisas que eu gostaria que acontecesse, que eu conseguisse sair daqui de dentro e que eu voltasse pra minha família e que voltasse tudo como era antes também.

2^B - Eu sou alegre, tô sempre rindo, tenho meus dias de mau humor. E as duas coisas que eu gostaria que acontecesse, que eu fosse embora e que eu pudesse ajudar a minha mãe a se recuperar.

3^B - Ah, eu sou mais ou menos alegre, triste e o que eu queria era poder voltar pra minha família.

6^B - Isso acho que é o sonho de todas nós.

Moderadora - 5^B ? Quais são as tuas características?

(5^B ri e baixa a cabeça, não responde)

6^B - A 5^B não gosta de falar.

Moderadora - Não gostar de falar é uma?

5^B - (cabeça baixa)

Moderadora - E duas coisas que tu gostarias que acontecesse?

(silêncio)

Moderadora - Quer falar depois para nós, quando tu lembrares?

5^B - (mexendo nos botões do casaco)

Moderadora - Bom, aqui nós temos um cartaz, tem revista, tem tesouras e colas, canetinhas. Então, eu gostaria que vocês dessem uma olhada nas revistas e pegassem figuras, frases, palavras, tudo que vocês achem que identifique uma família, o que é uma família para vocês, para depois montarmos um cartaz, um quadro, fazer colagens com tudo que vocês achem que signifique, que represente uma família. Então, o que é uma família? Podem pegar o material, levantar, ficar a vontade, pegar as revistas, olhar, separar as gravuras.

(6^B e 1^B pegam revistas e começam a folhear.

4^B levanta e pega uma revista e depois alcança revistas para 3^B / 2^B / 5^B .

5^B folheia a revista que a 4^B colocou no seu colo e olha para a uma das auxiliares de pesquisa.

5^B espia o que a 4^B está recortando, olha para os lados, lê a revista. Depois espia o que a 1^B está recortando, é a única que ainda não começou a recortar).

6^B - Frases podem ser retiradas?

Moderadora - Sim, claro, frases, figuras.

(Depois das meninas já terem recortado algumas figuras, 5^B continua lendo a revista, depois muda de revista).

6^B - Depois a gente vai poder conversar sobre o que a gente tirou?

Moderadora - Sim, depois a gente vai conversar.

(após quinze minutos)

Moderadora - Gurias, vamos começar a montar o cartaz ?

(Todas começam a colocar as figuras menos 5^B, que não larga a revista e continua folheando).

Moderadora - Escolheu uma figura 5^B?

5^B - (responde que sim com a cabeça)

Moderadora - Quer colocar a figura aqui junto?

(5^B arranca uma folha rápido.)

Moderadora - Quem faz parte de uma família?

6^B - Em pessoas ou...

4^B - Sentimentos.

Moderadora - É, pessoas.

6^B - Acho que primeiro pai e mãe, depois irmãos, tios...

1^B - Avós.

4^B - É, são duas coisas, coisas boas e coisas ruins fazem parte de uma família.

(Enquanto as meninas respondem, 5^B recorta a figura. Depois fica com a figura embaixo das mãos, sem colocá-la no cartaz com as figuras das outras).

Moderadora - O que vocês colocaram então, que figuras vocês colocaram, expliquem para mim ?

4^B - Eu coloquei aqui (aponta para o cartaz) uma figura que representa uma família.

Moderadora - Quem é que está nessa figura?

4^B - Aqui a filha, a mãe e os irmãozinhos.

6^B - Acho que representa uma família sem pai.

4^B - Como a minha, né, tia.

Moderadora - Representa uma família sem pai?

6^B - É, embaixo eu resolvi colocar “Um caso verdade”, porque é uma realidade que a gente vive muitos esses casos. Eu fui uma que me criei sem pai, ele foi embora. Ele fez falta até hoje, minha mãe achava que não (fala num tom de voz muito baixo).

(2^B e 4^B arrumam algumas figuras no cartaz).

(5^B começa a folhear a revista novamente e recorta outra figura).

Moderadora - Então, hoje as famílias são também constituídas sem a figura do pai ou da mãe e dos filhos...

4^B - É, outras só tem a avó.

6^B - Até mesmo por causa de nós jovens. Então a gente acha que fazer sexo sem tomar precaução e depois fica grávida de uma pessoa que não vai assumir o filho, quer dizer, amanhã ou depois vai ter que criar o filho sem pai. Quer dizer, é uma realidade que nós jovens estamos trazendo pro mundo de hoje, principalmente nós, né, temos mais chance.

Moderadora - Mas também vocês colocaram uma figura que tem pai junto, quem colocou essa figura?

6^B - Sim, a 1^B.

Moderadora - 1^B, o que representa essa figura pra ti?

1^B - Uma família sem mãe.

Moderadora - É, também existe uma família sem mãe, como tem uma família sem pai. Nesta figura, o que eles estão fazendo juntos? (aponta para uma figura com um menino e um homem).

(3^B pára com os cotovelos no joelho e as mãos no queixo com os dedos entrelaçados e o olhar longe).

1^B - Ali eles estão comendo pipoca, assistindo TV, deve ser isso.

6^B - E aquela figura ali em cima eu coloquei um casal. A gente também vê famílias com muitas brigas e desentendimentos entre o casal, é isso. Então, sei lá eu, se eu pudesse, quer dizer na minha família. Graças a Deus, na minha família que eu estava sendo criada,

não tinha esse tipo de desentendimento na minha família. Havia harmonia entre o casal e depois a gente vê no dia a dia. Aquela figura a gente vê o casal bem casado, né (aponta para a figura de um casal abraçados).

Moderadora - É um casal de mãos dadas.

6^B - Sim, eles estão de mãos dadas, eles estão unidos, né.

Moderadora - Uma família também é formada só por um casal?

6^B - Não. Uma família é formada de amor, respeito, união.

Moderadora - Não, eu digo assim, um casal também é uma família?

4^B - Bom, sei lá, eu acho que eu não considero uma família ... é um casal.

(3^B cruza os braços e presta atenção, olha para uma das auxiliares de pesquisa e para a moderadora e para quem está falando).

(5^B ainda folheia a revista).

Moderadora - E o que tu consideras uma família?

4^B - Ah... uma família tem mãe, pai, irmãos, essas coisas.

Moderadora - Gurias concordam com a 4^B? Um casal não é uma família?

6^B - Eu não sei, eu acho que é, porque eu acho assim, que uma família começa com um casal, é isso que eu considero.

Moderadora - O que mais que vocês colocaram? Tem aqui só mulheres (apontando para uma figura)?

6^B - Essa frase... Coloquei o que faz parte, cuidados é uma coisa que faz parte da família

Moderadora - E aqui vocês colocaram só mulheres o que significa isso, é uma família também?

1^B - Sim.

Moderadora - Parece uma família para ti?

1^B - Pra mim é, a mãe e as irmãs, filhas.

Moderadora - Pode ser uma família só de irmãs?

1^B - E a mãe.

Moderadora - E aqui tem uma figura?

6^B - Eu coloquei aquela figura ali porque é uma família que tá unida e o que dá pra se notar que nessa família existe amor, se reunir pra ver televisão, conversar, isso aí é importante. Uma coisa que, pena, né, eu poderia ter me unido mais com a minha família, porque hoje eu vejo o quanto isso seria importante se eu tivesse mais presente. Se eu tivesse escutado!

Moderadora - O que vocês botaram aqui também, um casamento...

4^B - Foi a 5^B.

Moderadora - Foi tu que colocaste 5^B? E o que significa essa.. é uma família também, são os pais?... Quer falar desta figura 5^B? ... Não? (5^B sorri de cabeça baixa e continua folheando a revista)... Tem essa figura aqui também?

2^B - Que é uma família que é unida.

Moderadora - Tem umas frases também... “quando sua maior necessidade é um sono tranqüilo”.

1^B - Numa família é, se ela é tranqüila o sono é tranqüilo.

Moderadora - Aí tudo está em paz.

1^B - Tudo tá em paz.

Moderadora - E “A noite é uma criança, somos jovens, temos ótimo desempenho.”

1^B - Ah, aí eu não sei.

Moderadora - Bom, qual é a principal função da mãe numa família? Para que serve a mãe?

4^B - Ela serve assim, no começo da adolescência assim, sei lá, ela dá bastante força. A minha mãe não é assim.

(3^B põe mão aberta no rosto e olha para 4^B).

6^B - Quem dera se eu tivesse a minha do meu lado. Acho que mãe representa tudo, sabe, quer dizer, mãe é para todas as horas e momentos, se eu pudesse ter minha mãe do meu lado...

Moderadora - Tu concordas 4^B, qual é a função da mãe?

4^B - Dar amor, carinho.

2^B - Pra consolar.

4^B - Claro que talvez elas foram feitas para isso, mas não são todas, né.

6^B - Algumas mães que colocam o filho no mundo e depois colocam numa lata de lixo, uma coisa que eu não faria. Acho que mãe é pra isso, pra educar, pra todos os momentos.

Moderadora - 1^B ?

1^B - Nem sei mais (balança as pernas rapidamente).

Moderadora - Para que serve a mãe?

1^B - Pra quando a gente precisa, pra quando a gente não precisa, pra sempre tá ali, aconselhando, dizendo coisas boas, o que é bom, o que é ruim, acho que só, mãe é mãe.

Moderadora - 3^B ?

3^B - Eu não sei. (movimenta os ombros)

Moderadora - 5^B ? (5^B faz sinal negativo com a cabeça)

2^B - Eu sei que eu sempre morei com a minha tia por causa que a minha mãe não me cuidava.

Moderadora - E tua tia te cuidava? a mãe é aquela que põe no mundo?

2^B - Não, por causa que tem mães que botam a gente no mundo, que nem minha mãe, minha mãe me botou no mundo e me abandonou.

Moderadora - Tem alguma pessoa que tu consideras como mãe...tua tia ?

2^B - Nem que... (começa a chorar).

Moderadora - A mãe ela nos ajuda naqueles momentos difíceis, nem sempre aquela pessoa que nos coloca no mundo tem aquela função de mãe, né. É difícil falar sobre a mãe, né ?

6^B - E como...(chorando)

(3^B morde o dedo e mantém o olhar longe).

(5^B mexe nos botões do casaco distraída).

Moderadora - Por que é difícil falar sobre a mãe?

6^B - Bom, no meu caso, é difícil porque ela não está mais aqui. Hoje eu penso que eu poderia ter dado muito mais amor, ter ouvido os conselhos dela, eu poderia ter dado muito mais amor, mais carinho. Eu sei que eu não fui, eu não posso dizer que eu fui uma filha rebelde, mas eu também não fui uma filha exemplar, quer dizer, tudo que eu fiz eu poderia ter feito melhor. Hoje eu penso assim, sabe, é assim que eu penso. Ela conversava com nós, dava conselho pra nós. Porque minha mãe sempre foi aquela pessoa que sempre tentou me mostrar o caminho da verdade, o caminho certo, ela sempre tentou me mostrar uma coisa que eu poderia, hoje pensando bem, eu poderia ter dado mais atenção, mais ouvido a ela, poderia ter seguido melhor os conselhos dela. No meu caso não tem o que falar, porque ela, infelizmente, não está mais aqui.

2^B - Que existem casos de mães que colocam o filho no mundo e botam no lixo, assim como ela falou. Então, eu conheço a minha mãe e morava com ela, mas ela nunca me ensinava, não me levava para o caminho certo. Ela sempre me levava, onde ela ia (refere-se aos locais de prostituição) ela me levava junto. Mas a minha tia não, minha tia me ensinava que eu tinha que ser assim como ela queria, que eu tinha que ser comportada, ser obediente, mas daí, eu tava com a minha tia, mas daí eu comecei a andar com a minha mãe. Daí eu comecei a virar a cabeça, só pensar em bobagem, que ela fez isso comigo e fez isso com os meus irmãos também, por isso que eu chorei.

Moderadora - É que existe uma diferença entre o que é ideal, o que a gente gostaria que fosse e o que é real, o que faz parte da nossa vida. A 2^B disse que a mãe é para dar apoio, ajudar, mas nem sempre isso acontece, é isso?

2^B - A minha tia tava fazendo parte da minha vida, me ensinando o que é certo.

6^B - No meu caso é diferente, depois que minha mãe faleceu eu fui pra casa dos meus tios, só que a minha mãe estava presente ainda, só que ela não podia mais me criar, não tinha condições porque ela tava doente, daí ela morreu. Porque eu acho assim, por um lado estar aqui dentro tem um lado muito bom, deu para amadurecer, enxergar certas coisas que na vida lá fora eu não enxergava, quer dizer, a minha tia e meu tio que me denunciou e me colocaram aqui dentro. É bom eu estar aqui porque eu parando pra pensar, acho que de alguma forma, de alguma maneira, eu vou poder retribuir tudo que eu espero que aconteça depois que eu sair daqui, porque, se Deus quiser, eu vou voltar pra casa deles, sempre que eu vou estar lá eu vou saber retribuir o amor, o respeito, ouvir os conselhos bons, quer dizer, uma coisa que aconteceu depois que minha mãe faleceu, sei lá, mudou, quer dizer, como se eu tivesse me perdido e não tivesse conseguido me achar. Quando eu estiver na casa com os meus tios eu vou saber retribuir, vou saber colaborar, ouvir os conselhos que eles dão.

(Enquanto 6^B fala, 5^B olha para os lados, observa a sala. 3^B mantém o olhar longe roendo o dedo. Depois olha para uma das auxiliares de pesquisa e tira o dedo da boca).

Moderadora - Os tios também fazem parte da família, os teus tios são teus tios mesmo?

6^B - São, meu tio que é irmão da minha mãe e minha tia que é casada com ele. Casamento que, graças a Deus, é bom claro que sempre tem suas desavenças, nossos problemas e pode não parecer mas eu prezo muito minha família, dou muito valor desde pequena. Se a minha família não tiver bem, eu vou me sentir pior ainda, é uma coisa ruim, uma coisa que eu carrego, eu sou assim.

Moderadora - E voltando assim pra questão de qual é a função, o papel de mãe, vocês gostariam de acrescentar alguma coisa? (silêncio) Vamos ver então qual é o papel do pai na família, para que serve o pai ?

(5^B boceja. Depois estica as pernas, como quem está cansada).

4^B - Pra educar.

Moderadora - E o que é educar?

4^B - Por causa que, às vezes, a mãe não consegue te educar, sei lá, a minha mãe por exemplo, se ela tivesse com meu pai, eu acho que eu ia respeitar muito mais minha mãe, porque eu respondia muito pra minha mãe. Ela falava comigo, eu gritava com ela. Pai eu acho que é pra dar mais respeito, mas é claro que a mãe não vai machucar os filhos, mas acho que se meu pai tivesse aí, minha mãe ia aprender a lidar comigo, no meu caso.

Moderadora - O de vocês também é assim?

1^B - O meu problema é que meu pai trabalha de noite e eu sou muito de ficar assim na rua, quando era uma e meia da manhã eu chegava em casa, minha mãe acordada, chegava a dar pena, mas aquela hora ali, tava vindo da diversão, não queira nem saber, se tava com pena, se tava com sono e ela só falava assim “ se teu pai tivesse aqui, tu não estaria na rua” , aí eu só falava “duvido que não, mãe, acha que eu tenho medo da senhora e do pai”, sei lá eu, desrespeitava muito a minha mãe. Agora, o meu pai eu não levantava a voz, porque se eu levantar é pior ainda. Então, com a minha mãe eu levantava mais alto, e a minha mãe nunca foi de bater, sabe, minha mãe e meu pai nunca foram, deixavam de castigo, sem deixar sair, sem beber, sem jogar, sem receber telefonema dos amigos, ou telefonar, não deixava atender, fingia que não tava em casa, sei lá eu, minha mãe nunca foi de agredir, mas quando eu saía pra rua eu pensava assim, “hoje eu não quero sair”, mas chegava de noite, olhava pra rua, todo mundo ali na rua, eu pensava “Ah, não, eu vou ir pra rua, não quero nem saber se a mãe tá aí ou não”. Minha mãe tava dormindo no quarto dela eu pegava e saía, daí quando eu chegava ela dizia “Ah, se teu pai tivesse aí eu sei que tu ia me respeitar”, isso não adiantava pra mim, no outro dia ela dava castigo e outro dia eu tava na rua de novo. E eu tenho certeza, se ele tivesse em casa, eu não estaria na rua, porque senão eu sei que ele segura. E, sei lá eu, com a minha mãe eu nunca tive autoridade, ela não teve autoridade comigo, porque se ela falava “Ah, tu não vai” , não quero saber, se ela dizia que não, eu ia, mas agora que eu tô aqui dentro, agora eu tô pensando melhor. Quando minha mãe falava pra eu não ir pra rua, que eu ia correr risco. Eu sempre dizia que não, que droga pra mim não era, aí quando eu vi que eu tava chegando a esse ponto, fui falar pro meu pai, tudo direitinho, aí eles me levaram no conselho e o conselho me trouxe aqui. Eu queria até fugir, mas aí eles me seguraram e me trouxeram. O pai faz o papel dele, como as gurias disseram, pai é mais pra trabalhar, pra colocar as coisas pra dentro de casa e dar educação mesmo, não deixar fazer o que a gente quer, que fazer tudo o que dá na cabeça, não deixam, eles são mais rígidos com a gente. A mãe não, a mãe é mais solta, até certo ponto no caso, o pai não, pai é pai, essa é minha opinião.

(3^B põe o dedo na boca enquanto as outras falam)

Moderadora - 2^B o que tu achas?

2^B - Eu sempre morei com a minha tia, sempre fui de morar com padrastos.

Moderadora – Padrasto é parecido ou diferente do pai?

4^B – No meu caso, é horrível!

Moderadora - Como assim?

4^B - (cruza os braços) Aí, assim, agüentei sete anos, sete anos o meu padrasto pra conseguir tirar ele de casa. Ele não me batia muito, sabe, muito não, ele não encostava o dedo em mim, a não ser quando eu era menor é claro, aí ele me batia, mas aí eu fui crescendo, fui cuidando, então basta, sabe. Aí, só que ele era bêbado, chegava em casa muito chato ele era, bah assim, e eu olhava pra minha mãe, pô! Como é que ela não enxerga, como é que ela não percebe, um homem dentro de casa com uma filha moça e tudo, né. Eu falava isso pra ela, aí ele tava sempre brigando, ele ia e voltava pra casa, assim, horrível. Aí eu peguei ia no conselho, aí, bem dizer, a minha mãe que ia me levar, caso eu não podia ir sozinha. Eu já ia com a minha mãe pra poder falar isso. Mas daí eu tinha medo assim, ficava com medo, mas com o tempo eu fui conseguindo tirar ele de casa. Não sei, ele saiu e não voltou nunca mais, por causa que a minha mãe enxergou, conseguiu enxergar, né, se tocar e se encheu dele. Eu morria de medo também da minha

mãe pegar uma doença, né, eu morria de medo. E no meu irmão ele dava bastante também, ele dava muito, assim, uma vez ele veio pra dar em mim eu quebrei um espelho nele assim. E eu não sou agressiva, mas eu não admitia ele tocar um dedo em mim, por causa que ele não era meu pai, sei lá, pra mim ele era um estranho, eu não conseguia olhar pra ele assim e ter a imagem de um pai, ele era um estranho, pior que um estranho até, um monstro assim.

Moderadora - Então, vocês concordam que tem uma diferença entre pai e padrasto?

1^B - Eu acho assim, que um padrasto não substitui o papel de um pai, não faz o que um pai verdadeiro faz com a gente. Até pelo contrario, ele tendo a mulher dele, as enteadas que podem se ralar, não quer saber se é filha, se não é, se tá passando fome, não que saber. Ele quer mais é virar a vida dele, ser feliz só ele. E assim, padrasto mesmo se fosse no meu caso eu não aceitaria, eu falaria pra minha mãe, ou bem ele, ou bem eu, que padrasto dentro da minha casa pode entrar um, mas ele entra eu saio, porque padrasto pra mim é como uma pessoa estranha, que eu passasse na rua e olhar e perceber, fingir que eu nem conheço. Se fosse no meu caso, na minha casa não entrava padrasto e nem uma madrasta também, nem madrasta, que piorou ainda.

Moderadora - Pior ainda...

1^B - Piorou, Deus me livre. Eu sei lá eu, me colocavam na (instituição) ou outra coisa pior, mas eu matava, não, não, padrasto e madrasta, dentro da minha casa se um dia entrar, eu saio, eu sou dessa opinião.

Moderadora - E a 3^B ?

3^B - (põe a mão aberta no rosto) Eu não sei, eu fui criada só com a minha mãe.

Moderadora - Ela não casou de novo a tua mãe?

3^B - Não.

Moderadora - O que tu achas assim, qual é a função do pai pra ti?

3^B - Ah, eu não sei explicar.

Moderadora - E a 2^B?

2^B - Eu sempre, eu não obedeci meu padrasto, porque eu dizia pra ele: “tu não é meu pai, eu não vou te obedecer”. Daí, ele me ameaçava, eu pegava e falava pra minha mãe e minha mãe não fazia nada que ela também é que nem ele. Daí, eu pegava, virava as costas e ia me deitar. Ele dava nos meus irmãos, ele deixava a gente, ela e ele saiam de noite e deixava a gente em casa. Aí ela pegou, cansou de mim e me levou pra minha tia, daí na minha tia, que eu morava, ... um que morava com a minha tia me criou desde nenê, que a minha mãe me ganhou e me jogou no lixo, daí minha tia foi lá e me juntou, daí depois que eu já tava com ela eu comecei a chamar ele de pai, porque ele já tinha me criado desde pequena, nunca deu em mim, nunca me maltratou, que assim, cada vez que a minha mãe, que ela trocava de marido, ela sempre sentia uma pulsão de deixar a gente sozinha em casa com o padrasto e eu não gostava disso, eu tinha medo. Daí eu dizia pra ela, “mãe, eu não quero ficar em casa, eu não gosto”, daí ela pegava e saía e dizia, “daqui a pouco eu tô aí” e não vinha. Assim, teve dias que eu fiquei quinze dias sozinha, só eu e meu padrasto e meus irmãos que a minha mãe disse que vinha e tinha sumido. Daí ela pegou, ela vinha, pegava minha irmãzinha e sumia também e voltava. Todo mundo dizia que só via ela no centro, aí eu ficava preocupada, pô, eu aqui sozinha com um homem, eu uma moça já, daí, eu ficava assim nervosa, ele era muito nojento, ele fumava drogas assim, que todo mundo falava, daí eu pegava, eu nem ia pra dentro de casa quando ele tava sozinho eu pegava e ficava na mulher, na AXXX, e ela ficava tomando conta de

mim. Daí, eu pegava e só ia de noite, na hora de dormir, que a minha mãe voltava. Tinha dias que a minha mãe nem vinha, que ela nem voltava, que ela dormia no chão, com o meu irmão e com a minha irmã. Ela ficava uns vinte ou quinze dias na rua, teve casos que ela ficou até vinte e cinco dias na rua, e eu respondia pra ele, eu dizia, “não, tu não é meu pai, tu não tem direito de estar aqui, tu não tem direito nem de me tocar um dedo, porque um dia se tu me bater eu vou pra polícia por causa disso”. Aí, ele ficava assim, ele me olhava e depois virava as costas e saía pra trabalhar. E eu ficava sozinha em casa de dia, não tinha nem como ir pro colégio, daí, eu dizia “mãe eu não quero ficar aqui, eu não agüento mais morar aqui contigo”. Eu não tava afim de morar com a minha mãe. A minha mãe pra mim é um bicho, eu dizia pra minha mãe: “porque a senhora é um bicho na minha frente”. Até eu falava pra 4^B: “Ah, eu não gosto da minha mãe, eu odeio a minha mãe, tudo o que ela me fez”, sim que uma mãe nunca se faz isso com um filho, até tá certo que a minha mãe tem os problemas dela, mas ela nunca tem que fazer isso com um filho, né, assim de abandonar os meus irmãos, meus irmãozinhos com um mês, abandonar assim. Daí eu não gostava, que eu tinha medo até de que ela pegava uma doença, assim cada mês ela trocava de marido, ficava com um. Até com quem ela nem conhecia, com homem que ela nem conhecia, só chegava na frente dela e ela pegava e já ficava, essa é a função dela e continua sendo a função dela.

Moderadora - 5^B pra ti?

(5^B sorri).

2^B - (interrompe) Daí, tinha um homem que ela ficou e eu respeitei muito bem ele, que ele me respeitou, ele me educou até e não judiou dos meus irmãos, ele me respeitou, ele me pegou pra não me levar pra X. (instituição), ele me levou pra minha tia, pra eu ir morar com a minha tia e ela não aparecia. E ele ficou com a minha irmãzinha pra criar.

Moderadora - E qual é a função dos irmãos na família, para que serve os irmãos ?

(4^B cruza os braços, 3^B chupa o dedo).

1^B - Eu tenho assim, além de mim, tem mais três, uma é casada, que mora em X. (Estado), tem outra de dez anos, criança ainda, que vive com o meu primo brincando. Agora tem uma de quinze anos que, sinceramente, quando ela começa a conversar comigo eu penso assim, pô a idade dela deveria ser de uns vinte anos, sabe, que tem quinze. A cabeça dela é em ritmo de computador, não por saber as coisas, o que ela me fala. O que ela faz, ela faz bem feito, os conselhos que ela dá, acho que, sinceramente, que nem muitas mães tinha para dar pra gente o que ela tem. Não tô falando que a minha não tem, porque mãe é mãe, mas os conselhos que ela dá, muitas mães não dão pros filhos. Ela, bah, falou um monte pra minha mãe, pra ela não me colocar aqui dentro também, mas minha mãe disse que eu não queria. Eu tava namorando, eu vou ser bem sincera, eu tava namorando com um cara, dezenove anos, que lá na minha vila, que tinha outras gurias que se prostituíam, que ele e os amiguinhos dele colocavam pra se prostituir. Agora eu digo, eu sei de mim, eu nunca me prostitui, sabe (estrala os dedos), até porque eu só ficava com ele de dia, depois de noite eu ia lá pra outra rua e ficava lá com as outras gurias e ele roubava, fumava, vendia, fazia e acontecia e a minha irmã chegava “não, 1^B, ele não é pra ti mesmo, tu larga de mão”. Aí tá, eu larguei. Depois um do quartel, que veio do quartel, que eu conheci no som, ele falou com a minha mãe, pra gente namorar em casa, com minha mãe e meu pai, a gente começou a namorar. Ele tinha carro tri bonito, sabe, bem simples, era bem simples, mas sabe, sei lá eu, a gente começou, daí uma semana eu peguei e acabei, mas eu queria ficar, sei lá eu, é como

minha mãe disse, se tiver vinte ali que presta e no meio daqueles tiver um que não presta, eu vou naquele que não presta. Eu vou buscar o que é ruim pra mim em vez de buscar o que é bom, sei lá eu. Só sei que a minha irmã eu não trocaria por ninguém, só isso que eu sei dizer. O dia que ela fizer falta, no caso, o dia que ela casar, assim bah, muita falta ela vai fazer pra mim, né, principalmente pra minha mãe. Não vou dizer que a minha mãe gosta mais dela, mas assim, no conjunto né, tudo junto, mas sei lá eu. Ela trabalha, ela ajuda em casa, não tô dizendo que é necessidade, porque minha mãe mais meu pai trabalham e os empregos deles são bons. Ela também trabalha porque ela quer. A minha maioria das roupas, sinceramente, é ela que compra, porque tudo que ela compra pra ela, comprou um anel, compra pra mim, comprou uma correntinha, ela compra pra mim, sabe, é tudo assim. Minha irmã é minha irmã e eu não troco por ninguém. Minha irmã...

Moderadora - É para vocês assim também?

1^B - ...é como a minha segunda mãe, sei lá eu, é como se fosse a minha segunda mãe. É que nem todas as irmãs são iguais, por isso que cada um tem sua opinião.

2^B - Pra mim, eu que assim converso com a minha irmã de cinco anos, conversava quer dizer, que os meus irmãos são tudo pequeno, tem um de oito, só o de dezenove que já tá com a casa dele, tem a mulher dele, tem a vida dele. E os meus irmãos pequenos tão com a minha tia e eu conversava também com a minha irmã, dizia pra ela como ela tinha que ser, que ela tinha que ficar morando com a minha tia, que eu tinha que ir embora, aí ficou ela e o meu irmão.

Moderadora - Qual é a função do irmão 6^B ?

(começa um barulho de serra elétrica ao lado da sala)

6^B - Eu acho que a função do irmão ou da irmã, se for mais velho, ajudar, levar para bom caminho, guiar, conversar e se for mais nova sentar e escutar a irmã mais velha. Infelizmente, no meu caso, já não é assim, eu não me acerto com minha irmã, às vezes eu penso que a única solução que eu tenho é voltar pra casa da minha irmã. A assistente disse isso, uma coisa que, ai sinceramente, eu tô assim orando pra que Deus me coloque em outro caminho, outra situação na minha vida pra eu não viver com a minha irmã, porque eu e minha irmã a gente não se acerta, a gente não se acerta e agora que eu vim para cá e a minha mãe faleceu aqui em Porto Alegre, quer dizer, eu não vi ela, minha irmã, eu nem sei e é uma coisa que eu tenho certeza, porque chegando lá eu sei o caminho, com a morte da minha mãe, eu pensei melhor. Então, quer dizer, alguma coisa por isso, né, alguma culpa por isso, eu tenho certeza que ela vai me culpar pela morte da minha mãe, uma coisa que eu não me acerto com a minha irmã, sinceramente, uma coisa que eu não quero pra ninguém. (fala num tom de voz muito baixo, quase não se escuta a voz de 6^B)

Moderadora - 4^B, como é com os teus irmãos?

4^B - Tenho duas irmãs que não moram comigo, uma mora lá com a minha tia no Xxx (outro estado) e a outra acho que mora também lá, por causa que minha mãe não me contou direito ainda o que houve. Eu não sei direito o que houve, eu só sei a gente tá separada. E tem o meu irmão que tem dezoito anos e mora comigo. Ele é deficiente, mudinho assim, tem mentalidade diferente assim, daí eu, sei lá, eu cuido dele assim, não dá pra dizer, ah, meu irmão é meu amigo, sei lá, é diferente, sei lá. Talvez a gente nem se entenda direito, eu sou diferente dele e tudo.

Moderadora - 3^B?

3^B - Eu tenho dois irmãos, mas eu não me criei com eles, me criei sozinha.

Moderadora - Tu não tens contato com eles então?

3^B - (sinal negativo com a cabeça)

Moderadora - Tu te criaste com quem 3^B?

3^B - Com a minha mãe.

Moderadora - Mas os teus irmãos não moram contigo?

3^B - Não.

Moderadora - Onde é que eles estavam?

3^B - Eles moravam em X. (cidade do interior).

Moderadora - É só tu e tua mãe?

3^B - (sinal afirmativo com a cabeça)

Moderadora - E a 5^B tem mais irmão?

5^B - Ah, eu tenho meus irmãos e tenho meu sobrinho, só que não os vejo. É que quando a minha mãe faleceu, a minha avó pegou e separou cada um aí, ela pegou e quis ficar com minha avó e eu fiquei com o meu tio e eu tenho um primo que eu considero como se fosse meu irmão de verdade.

Moderadora - E eles te ajudam quando tu precisas?

5^B - Sim.

Moderadora - E qual é o papel do filho, qual é o papel de vocês?

1^B - Nosso papel mesmo é, eu acho que é fazer a nossa família feliz. Não dar o desgosto que a gente dá. Eu, sinceramente, o que eu dei pra minha mãe, eu só agora tô raciocinando, tô vendo que, se eu não tivesse no estado que eu tava na minha casa, eu podia tá em casa esse horário, eu podia ir pro som como eu ia, não era freqüentemente, mas era um final de semana sim outro não, foi aí que eu encontrei meu namorado do quartel. Aí, eu fico pensando se a minha mãe morrer cedo tenho certeza que vai ser por causa de mim e da minha outra irmã, sabe. Porque a minha mãe tá se desgastando, ela vem todos os finais de semana aqui me ver e traz isso e traz aquilo outro, aí fico pensando, se eu tivesse em casa, ela não tinha que tá passando por isso, sabe, ficaria nova, mas igual, sei lá (enquanto fala balança as pernas). Acho que quando a gente morrer, a gente vai ter que pagar muito por isso que a gente tá fazendo aqui, sei lá eu, nosso papel é fazer a nossa família feliz, estudar, ter uma profissão boa, não se iludir com pouca coisa e, principalmente, respeitar mãe e pai, porque mãe e pai são só um e foram eles que colocaram a gente no mundo e foram eles que nos criaram, nos deram comida, nos deram o que vestir, nos deram o que comer, onde dormir, porque se não fosse eles a gente tinha morrido de fome, de frio e de tudo. Acho assim, que nosso papel é fazer nossos pais felizes e respeitar muito eles assim como se fosse, sei lá eu, como a coisa que a gente mais amasse no mundo, que são pai e mãe pra mim em primeiro lugar são eles e mais ninguém (2^B boceja alto). Acho que meu papel é respeitar ela agora que eu vou sair daqui, dia X. (data), eu vou ser desligada, acho que meu papel, quando eu voltar pra casa é continuar meu estudo, que eu tô na oitava série, continuar meu estudo, fazer o segundo grau, fazer sei lá eu o que, estudar e ajudar bastante ela, recuperar o que ela gastou comigo, porque o que ela tá fazendo, o que ela tá passando, podia tá assistindo uma TV, sei lá eu, indo num lugar que ela gosta, que todo sábado e quinta ela vem aqui na X. (instituição) e é cansativo e eu moro longe. Acho que meu papel agora é sair daqui e respeitar bastante ela e meu pai.

Moderadora - 6^B qual é o teu papel na família ?

6^B - Acho que é assim como ela disse, como tem muitas mães por aí que não dão bola, por exemplo a mãe dela (aponta para 2^B). Eu não sei, eu não vou te criticar pelo que tu disse, eu acho que é a tua opinião, o teu sentimento, a tua vida e eu respeito muito. E é isso, eu acho assim que uma mãe, por mais que ela coloque o filho no lixo ou deixe o filho ali na hora, sei lá, eu acho que uma mãe vai ser sempre uma mãe. No caso assim, no ponto que eu queria chegar, que tem filhos que fazem pior pra uma mãe, tem filhos por aí que hoje em dia tão com a mãe, com o pai e tudo bem, mas tem filhos que sabe, que são muito pior do que uma mãe que faz como ela falou ali, tem filhos que não querem saber, que só querem fazer festa. Então, eu acho que a nossa função na família é escutar os conselhos que os pais têm para dizer, é dar também a felicidade pra eles, como ela disse, fazer eles felizes e se ajudar uns aos outros. Eu acho que eu teria ajudado muito minha mãe e meu pai, quer dizer, não digo meu pai, porque eu não conheci ele, mas eu teria ajudado muito ela se eu tivesse escutado os conselhos dela, que ela tivesse que sentar pra me dar conselho, eu poderia ter ajudado ela em muitas coisas. Então, eu acho que a nossa função na família é isso daí, escutar o que eles têm para dizer de cabeça baixa sem reclamar, mas eu acho que estudar dá gosto pra eles uma coisa que uma mãe pode dizer “nossa! que bom que eu coloquei um filho no mundo, que me escuta, que faz o que eu peço, que estuda”, uma coisa que hoje em dia tá difícil, mas eu acho que se a gente parar pra pensar um pouquinho, colocar a mão na consciência, acho que a gente faz.

Moderadora - E a 5^B, qual é a função do filho?

(sorri)...

Moderadora - Quer responder depois?

5^B - Não, é que eu ficava com a minha tia. Eu não conheci os meus pais verdadeiros.

Moderadora - Mas tu consideras tua tia uma mãe pra ti ?

5^B - (responde que sim com a cabeça)

Moderadora - Sim?... E qual a função do filho? ... Tu queres responder depois, queres pensar um pouquinho ? ... (5^B sorri e não responde) E a 4^B?

4^B - Como elas falaram ali, ah, não sei o que eu posso responder.

Moderadora - Não sabe qual é a função do filho?

4^B - É por causa que, é, não sei, mas é que comigo foi diferente. Eu não fui assim, a função do filho, não que eu não tenha feito isso, mas é que eu não dei tanto valor pra minha mãe assim, aí hoje em dia, que eu tô aqui, eu também refleti bastante assim, porque eu nunca pensei que um dia eu ia ter saudade da minha mãe, que um dia eu ia voltar pra ela. Porque quando eu convivía com a minha mãe, sabe, eu odiava a minha mãe assim, eu tinha ódio dela assim, parece que o amor que eu tinha por ela, parece que fugiu assim, sabe, que sumiu sei lá, ter raiva assim (5^B olha para trás e para os lados). Aí ela falava assim : “um dia tu vai pedir perdão por tudo que tu fez”. Aí, eu: “jamais eu vou te pedir perdão, jamais”. E era isso que eu tinha botado na cabeça, aí a gente entra aqui, bah, é diferente assim, eu tenho muita saudade da minha mãe. Assim, eu não pedi perdão na frente dela, mas eu conversando com Deus, orando assim, eu peço pra ele, bah, eu peço bastante perdão pra minha mãe. Só que eu não tenho coragem de falar pra ela assim, só que eu fui um pouco rebelde, rebelde demais.

1^B - Como ela disse, antes de eu vir para cá, uns três, quatro, cinco minutos de vir pra cá (recebeu a visita antes de vir para o grupo), que a minha mãe tava muito, mas muito doente mesmo, não conseguia nem se levantar da cama. Graças ao meu pai, que ele tem um carro, não é da melhor marca, mas se não fosse ele, ela tinha que caminhar longe pra

pegar ônibus e ela tava doente, eu chegava do colégio, eu pegava, arrumava a casa e mal e mal dava uma arrumadinha e rua e ia pro som de noite. Quando eu chegava ela me chamava assim no quarto e me mandava sentar na cama dela e conversava comigo: “bah, 1^B, tu vai se arrepender muito disso que tu tá fazendo, porque eu tive que me levantar e fazer isso e aquilo outro, porque tu não tava aqui, teu pai se acordou, chegou de noite louco de fome, tu não tava aqui pra esquentar o almoço.” Então eu saía, ele tava dormindo, quando eu chegava ele tava dormindo e ela também. Eu só voltava depois que ele ia pro serviço. Aí ela chegava, nunca se estressou assim, de ficar xingando “ah, não sei o que...” e começar a me bater, sabe. Aí, depois, eu falei assim, “Ah, mãe desculpa tá, eu sei que eu fui errada”. “Eu sabia, eu sei que bem lá no fundo, por mais que tu fale assim, bem lá no fundo, acho que tu pensa um pouco na tua família”, ela falou assim. Depois, aí quando ela me levou pro Conselho, eu chorei, pedi por favor que ela não me trouxesse pra cá, mas ela dizia “não, tu vai pra lá, que lá vai ser bom pra ti, porque eu não quero te ver na pior, nas drogas, não quero te ver te prostituir, na pior. Porque eu tenho, porque eu posso te dar uma vida melhor, não é, mas tu agora tem que ser como a gente quer.” Se eu pudesse por favor pedir desculpa pra ela, que eu não dei bola pra ela todo esse tempo que ela tava doente e ela tava bastante doente, mas é isso.

Moderadora - 3^B, qual é a função do filho na família?

3^B - (balança os pés e coloca a mão no rosto) Eu acho que tem que dar valor pra mãe e respeitar.

Moderadora - E a 2^B?

2^B - Eu sempre, eu, quando eu tava morando com a minha tia, eu achava que eu tava numa pior, assim que agora ela vai fazer tudo aquilo pra descarregar em mim, pra me ver sofrer, mas daí ela falou que eu, agora que eu tô, que ela disse que ia me trazer pro Conselho, aí eu disse que “não, eu vou me comportar”. Daí, ela me deu uma chance, eu continuei como eu tava fazendo as coisas, que eu tava fazendo bobagem na rua. Então, ela me trouxe pra cá, agora que eu tô aqui eu paro e penso assim: “bah, quando eu tava em casa, eu fazia isso, fazia aquilo, agora que eu tô numa pior”. Quando eu tava em casa, eu pensava que tava numa ruim e na casa do meu tio eu achava que tava numa boa assim. Agora que eu tô aqui, eu penso em tudo que eu fiz. E ela, antigamente, ela dizia pra mim: “tu vai te arrepender um dia, tu vai parar e vai pensar tudo que tu tá fazendo agora.” E agora eu paro e penso tudo que eu fiz com a minha tia.

6^B - É, esse lugar aqui, ele serve, como eu vou dizer, tipo um lugar assim, onde realmente dá pra parar e pensar no que nós fizemos, onde que assim, o preço de um pecado é a morte da nossa liberdade, que a gente tinha. Porque lá fora a gente achava ruim, que, eu mesmo, eu em casa, na casa dos meus tios, eu achava ruim, porque meu tio não me deixava sair, porque não me deixava. Eu ficava olhando, pô tem tantas meninas da minha idade, que vão no som, que namoram, que se divertem. O meu tio não, meu tio só queria que eu estudasse, era de casa pro colégio e do colégio pra casa, não saía. Uma saidinha ali na minha amiga no fim de semana e voltava pra casa, né, isso também eles não viam, quer dizer, ele queria colocar uma responsabilidade enorme em mim. E hoje eu penso que não é tão grande assim, quer dizer, o preço de um pecado é a morte da liberdade, quer dizer, lá fora eu achava que eu não tinha toda aquela liberdade e que hoje, aqui dentro, eu tô vendo que eu tinha, né, coisas assim. Aqui dentro realmente, aqui mesmo morreu a liberdade que eu tinha lá na casa dos meus tios. Então, é uma coisa assim esse é um lugar bastante pra gente parar e pensar nos nossos erros.

Moderadora - Bom gurias, já são seis horas, eu queria ver com cada uma, como cada uma se sentiu hoje aqui no nosso grupo, pra gente encerrar.

6^B - Tô bem mais calma, passei o dia inteiro, tava sufocada, aqui dentro a gente tem a oportunidade de falar o que a gente pensa, então, hoje mesmo, foi um dia que eu passei o dia inteiro pensando no que eu fiz, né. Então, eu oro, graças a Deus, é como se eu tivesse colocando uma coisa assim pra fora que tava me agoniando. Então, eu tô me sentindo bem melhor agora, graças a Deus, eu desabafei, tô bem melhor.

1^B - Eu também tô me sentindo muito aliviada, acho que tudo eu não tive coragem de falar pra minha mãe assim, na frente dela, eu falei aqui e me abri.

Moderadora - Tu estás te sentindo bem?

1^B - Bem.

Moderadora - 5^B, como é que tu estás te sentindo? ... Bem ? Mal?...

5^B - (não responde)

Moderadora - Mal ?

5^B - (balança levemente a cabeça de modo afirmativo)

Moderadora - Por que? O que está acontecendo, falou pouco, né?

5^B - ... (baixa a cabeça)

Moderadora - E a 4^B, como tu estás te sentindo?

4^B - Não tô bem, mas não tô mal. Lembrar da minha mãe é triste, super triste. Eu assim, durante o dia, eu procuro esquecer, esquecer... É, por um lado eu me sinto bem, né, eu escuto, vejo o caso das gurias, dá pra pensar também, mas não faz muito bem, não, faz bem, mas eu não me sinto muito bem, é isso.

Moderadora - 3^B ?

3^B - Tô me sentindo bem.

Moderadora - Falou pouco também, e a 2^B ?

2^B - Eu não tô me sentindo tão bem sim, eu falei tudo pra minha mãe, que nem eu falei pra vocês, mas eu continuo pensando, me sinto um pouco bem, aí daqui a pouco já me sinto mal de novo, pensando.

Moderadora - É importante que a gente possa sair daqui bem, não sair com aquele peso, que a gente possa...

2^B - Eu tô um pouco aliviada.

Moderadora - Está um pouco aliviada...é melhor, quer dizer, que a gente possa sair não com aquele peso, que a gente possa levar essas coisas que a gente conversou para refletir. E amanhã a gente vai voltar para o grupo no mesmo horário, às quatro e meia. Vamos encerrar?

(O GFB ficou alguns minutos na sala da biblioteca, até ser encaminhado para a recepção pela moderadora e auxiliares de pesquisa, onde ocorreu a despedida).

ANEXO H

CARTAZ SOBRE FAMÍLIA – GFB

ANEXO I
CARTAZ SOBRE INDICADORES - GFB